UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
NÚCLEO DE ESTUDOS INTEGRADOS SOBRE AGRICULTURA FAMILIAR
EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA -
AMAZÔNIA ORIENTAL

CURSO DE MESTRADO EM AGRICULTURAS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Paulo R.Vieira



Foto: Paulo Vieira

FLORESTAS E COMUNIDADE: Cotidiano de famílias em Jericó, Garrafão do Norte, Pará.

Belém
2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
NÚCLEO DE ESTUDOS INTEGRADOS SOBRE AGRICULTURA FAMILIAR
EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA –
AMAZÔNIA ORIENTAL

CURSO DE MESTRADO EM AGRICULTURAS AMAZÔNICAS E
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Paulo R.Vieira

FLORESTAS E COMUNIDADE: Cotidiano de famílias em Jericó, Garrafão do Norte, Pará.

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas e Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal do Pará e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Oriental, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador(a):Prof. Dr._____
Gutemberg A. D. Guerra

Belém
2005

Vieira, Paulo R.

Florestas e comunidade: Cotidiano de famílias em Jericó, Garrafão do Norte, Pará / Paulo R. Vieira. – Belém, PA : UFPA – Centro Agropecuário : Embrapa Amazônia Oriental, 2005.

176 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Pará. Curso de Pós-Graduação em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável.

1. Comunidade rural – Jericó – Garrafão do Norte – Pará – Brasil. 2. Floresta comum. 3. Agricultura familiar. I. Título.

CDD

307.72098115

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
NÚCLEO DE ESTUDOS INTEGRADOS SOBRE AGRICULTURA FAMILIAR
EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA –
AMAZÔNIA ORIENTAL

CURSO DE MESTRADO EM AGRICULTURAS AMAZÔNICAS E
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Paulo R.Vieira

FLORESTAS E COMUNIDADE: Cotidiano de famílias em Jericó, Garrafão do Norte, Pará.

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas e Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal do Pará e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Oriental, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador(a):Prof. Dr._____
Gutemberg A. D. Guerra

Data : 25 / 05 / 2005

Banca Examinadora:

_____
Nome
Titulação

_____
Nome
Titulação

_____
Nome
Titulação

Belém
2005

Aos moradores de Jericó, que vivem um poema de cada vez...

Agradecimentos

Aos moradores de Jericó, que me acolheram em suas asas.
Aos Neáficos: Dvandro, Jevandro, meu amigo James, Marlene Nao, João Marcelo, Lucilda, Luciene Babaçu, Lira, Anderson, Tonildes & Soraya, os amigos de drama e de Copa 70.
Benedito Nunes, o amigo mais novo, que me levou ao paraíso perdido.
Fabricio Ferreira, o amigo mais velho nas horas mais novas.
Cúmbia e Marimba, duas adoráveis cachorrinhas.
Delma Neves, pelo carinho & luminosa amizade.
Di Monteiro, a floresteira e amiga, sempre disposta a dar uma mãozinha.
Estela & Marina, que nos agraciaram com sua simpatia.
Felipe Dias, o amigo chave para muitas portas.
Zé Luis do STR, companheiro das antigas.
Gutemberg Guerra, o amigo, orientador & companheiro d'verso e prosa.
Iara, Duwest & Guy Caires, amigos recentes e já de longa data.
Itajury Kishi, o anarquista mais novo, que procura o caminho da roça.
Manoel dos Reis Cordeiro, o gentil identificador botânico.
Jair Costa Freitas, o outro identificador, e companheiro de pinga.
Isanira Coutinho Vaz-Pereira, a eficiente bibliotecária.
Jane Beltrão, pela indulgência com minhas primeiras idéias.
Luciney e Lucivaldo, que me levam ao viço da infância.
Marly Mattos, a incentivadora, amiga e mecenas.
Martagiörgya, que me ensinou a ser criança em corpo de adulto.
Romano Ramos, o amigo dedicado que elaborou os mapas.
Socorro Ferreira, que acredita e sempre me abraça.
Denise, Angélica e Cléo, minhas fisioterapeutas preferidas.
Sueyla e Karlla Vieira, as irmãs e amigas amadas.
Carlos Vieira, o irmão anjo-verde que me protege sempre.
Verríssimo Tavares, o bom rabugento.
Zilda Vieira, a mãe coruja cuja felicidade está nos filhos.

O verme partido perdoa ao arado.
(do poema *'Provérbios do Inferno'*, William Blake)

Resumo

Na Amazônia oriental, famílias de agricultores constroem seu cotidiano de vida a partir das florestas que completam a paisagem, apropriando-se dos recursos materiais e não materiais oriundos dessa vegetação. A pressão humana sobre a natureza, com o passar dos anos, gera um drama social. As famílias vêem declinarem as florestas à sua volta e sentem ameaçada sua permanência na terra.

Buscou-se discutir as diversas faces dessa relação famílias-florestas, embasado na detalhada observação do cotidiano de vida na Comunidade Jericó, em Garrafão do Norte, Pará, Brasil, utilizando como recursos: entrevistas, conversas informais e registros fotográficos, tendo sempre no conhecimento empírico local sobre a natureza uma base sólida para as análises.

Existe preocupação por parte das famílias com a degradação das florestas, entretanto, há uma constante necessidade de utilizá-las na garantia das produções agropecuárias e das outras atividades cotidianas. E nesse contexto a floresta funciona como um espelho do homem, diante do qual ele busca se entender no mundo.

Palavras chaves: Florestas – Famílias de Agricultores – Cotidiano – Amazônia

Abstract

At Eastern Amazon, farmers' families build their daily life starting from the forests that complement the landscape, appropriating of the material and non-materials resources which come from the vegetation. The human’s pressure over the nature during the years creates a social drama while the families see the surrounded forests refusing and they become threatened about their land permanence.

It was intended to discuss about the various families-forest relations views based in a detailed observation of the daily life at Jericó community in Garrafão do Norte, Pará, Brasil, using as resources: interviews, informal chats and photographic registrations, always having a solid base for the analyses in the local empiric knowledge about the nature.

Even if the families worry about the forest degradation there’s a constant necessity to use these forests to guarantee the agricultural productions and other daily activities. In this context, the forest works as a mirror of the man, in front of which he is looking for his self-understanding in the world.

Keyword: Forest – Farmer’s Families – Daily – Amazon.

Sumário

Lista de figuras xii
Lista de tabelas xv
Lista de quadros xvi
Lista de abreviaturas xvii

Introdução 1
O arejar da floresta 4
Pesquisando usos da floresta 6
Conhecendo a importância das influências externas na comunidade 10

CAPITULO I – Floresta como recurso 18

CAPITULO II – A paisagem capoeira no Nordeste Paraense e Região Guajarina 33

2.1 Ocupação da Região e surgimento das capoeiras 33
2.2 O Município de Garrafão do Norte 38
2.3 As comunidades rurais do Município de Garrafão do Norte 45
2.4 A Comunidade Jericó em relação às demais 47
2.5 Histórico do surgimento da Comunidade Jericó 53
2.6 Descrição da Comunidade Jericó 58

CAPITULO III – Uso da floresta no cotidiano de famílias rurais 69

3.1 Produtos vegetais utilizados na comunidade 69
3.2 Caça e outros alimentos alternativos na comunidade 90
3.3 Plantas medicinais utilizadas na comunidade 93

CAPITULO IV – Diferenciação social a partir do uso da vegetação 95

4.1 A vegetação como patrimônio 95
4.2 Roçado de empréstimo, pobreza extrema 105
4.3 Prejuízos provocados pelo fogo 113
4.4 Rios, Igarapés e qualidade de vida 120

CAPITULO V – A floresta como espelho do homem 125

5.1 Banho de chama caça 131
5.2 Tauari encantador 132
5.3 Tachi Azarento 134
5.4 Mãe do Rio 136

5.5 Música do Barbatimão 139

Conclusão 141

Referências Bibliográficas 150

Anexos 154

Lista de figuras

Figura 1	Resultado final da aplicação da ferramenta *Diagrama de Venn,* para três agricultores parceiros do Projeto Manejo de Capoeiras, em Jericó, Garrafão do Norte, Pará. No Ano de 2005.	.....	15
Figura 2	Resultado final da aplicação da ferramenta *Diagrama de Venn,* para sete agricultores da Comunidade Jericó, em Garrafão do Norte, Pará. No Ano de 2005.	.....	16
Figura 3	Parte da propriedade do Agricultor Zé Paulista na Comunidade Jericó, em Garrafão do Norte, Pará. No centro e ao fundo da figura, uma capoeira com aproximadamente 18 anos de idade, cercada por pastagem.	.....	25
Figura 4	Plantio de feijão (*Vigna unguiculata* L. Walp.) consorciado com pimenta do reino (*Piper nigrum* L.) na propriedade do agricultor Zé Paulista na Comunidade Jericó, em Garrafão do Norte, Pará. No destaque estacas de Jarana (*Lecythis lurida* (Miers) S.A. Mori.). Anteriormente havia uma capoeira de oito anos de idade nesse local.	.....	26
Figura 5	Carta-Imagem do Município de Garrafão do Norte no Estado do Pará.	.....	40
Figura 6	Mapa do Estado do Pará com a localização do antigo traçado da Estrada de Ferro Belém-Bragança. Em destaque o Município de Garrafão do Norte.	.....	44
Figura 7	Desenho representativo da Comunidade Jericó e seus confrontantes, em Garrafão do Norte, Pará, feito pelo agricultor Miguel para expressar a atual situação geográfica da comunidade. Na parte superior da figura o desenho em fase de elaboração e na inferior o trabalho concluído.	.....	49
Figura 8	Carta-Imagem do Município de Garrafão do Norte no Estado do Pará. Destaque para os pontos de GPS, localizando a estrada principal, comunidades e entradas de ramais.	.....	50
Figura 9	Município de Garrafão do Norte, Mapa de localização de Comunidades, destacando Jericó.	.....	59
Figura 10	Escola Independência, na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará, onde acabava de acontecer uma reunião da Associação de produtores de Jericó. Agricultores em destaque.	.....	62
Figura 11	Casa típica na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará, com telhado feito de cavacos de Ipê (*Tabebuia serratifolia)* (também conhecido como Pau D'arco) retirado da mata e varinhas caibros de enchemeio (as paredes) de Tiriba (*Eschweilera sp.)* e Jarana (*Lecythis lurida* (Miers) S. A. Mori.) retirados de uma capoeira velha.	.....	63

Figura 12 Jovem agricultor cortando lenha, extraída de uma capoeira, com machado, para alimentar o forno de farinha (ao fundo) na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. 71

Figura 13 *Caçuá* feito na própria comunidade utilizando cipós extraídos de uma ponta de mata na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. 72

Figura 14 Teto de uma casa de farinha feito com cavacos de Andiroba (*Carapa guianensis Aubl.)* extraídos de uma ponta de mata, ripas de Lacre Branco (*Vismia cayennensis* Pers.) e pernas mancas de Breu Branco (*Protium pallidum* Cuatric.), extraídos de uma capoeira na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. Destaque para as varas de pescar feitas de Breu Branco (*Protium pallidum* Coutric.) da capoeira. 76

Figura 15 Rosca de Ipê (*Tabebuia serratifolia)*, talhada artesanalmente, como componente de uma prensa utilizada para prensagem da mandioca em uma casa de farinha na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. 77

Figura 16 Interior de uma casa de farinha em funcionamento na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. Destaque para o tacho, onde a farinha está sendo assada, para o mexedor de farinha feito a partir de uma espécie conhecida como Cabo de Rodo (*Guatteria poeppigiana* Mart.), e para a base do forno feito com madeira da capoeira e barro. 78

Figura 17 Cocho talhado em Cupiúba *(Goupia glabra)*, utilizado para alimentação de animais de carga na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. 81

Figura 18 Chiqueiro de porcos, na área do Agricultor Zé Paulista, construído utilizando árvores mortas conservadas em seu lote para uso múltiplo. Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. 83

Figura 19 Telhado de uma casa típica, feito com material da floresta, cavacos, ripas e caibros. Destaque para o *bufete*, arma artesanal confeccionada artesanalmente a partir de duas espécies, Cupiúba (*Goupia glabra)* e Piquiá (*Caryocar villosum* Pers.), em Jericó, Garrafão do Norte, Pará. 91

Figura 20 Capoeira de quatro anos de idade na área do agricultor Antônio Frosino na Comunidade Jericó, em Garrafão do Norte, Pará. 107

Figura 21 O agricultor Quirino acompanhado de um de seus filhos ao término da visita à área de floresta conservada em suas terras na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. 129

Figura 22 árvore de Tauari *(Couratari oblongifolia* Ducke et Kunth) morta em pé nas proximidades de uma área conservada. A espécie é fonte de história de encantamento 133

Figura 23 O agricultor Antônio Frosino conversando com um estudante, à beira do igarapé Água Branca, ao término da visita à sua área de floresta conservada na Comunidade Jericó, em Garrafão do Norte, Pará. 135

Figura 24 O agricultor Miguel conversando, à beira do Rio Mamorana, durante a visita à sua área de floresta conservada na Comunidade Jericó, em Garrafão do Norte, Pará. 137

Figura 25 Paisagem típica na Comunidade Jericó, em Garrafão do Norte, Pará. Pai e filho no centro de mais um roçado de milho e mandioca recém estabelecido após a queima de uma capoeira. Mais abaixo se vê uma cacaia conservada, ao fundo outros roçados e pastagens. Pelo centro dessa cacaia, e em toda sua extensão, protegido, corre o Igarapé Água Branca. 145

Lista de tabelas

Tabela 1	Situação do nível de escolaridade na Comunidade Jericó, Município de Garrafão do Norte, Pará, no ano de 2004. Cinqüenta famílias entrevistadas de um total de setenta e quatro.	.....	67
Tabela 2	Tipos de coberturas em 77% do total das terras da Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. Cinqüenta famílias entrevistadas de um total de setenta e quatro. Um lote equivale a 25 hectares; um hectare mede 10000 m^2.	.....	96

Lista de quadros

Quadro 1 Listagem das instituições/organizações conhecidas e consideradas importantes por famílias parceiras do Projeto Manejo de Capoeiras e por famílias em geral da Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. No ano de 2005. 13

Quadro 2 Nome das comunidades e povoados, distância da sede e nº de habitantes no Município de Garrafão do Norte, Pará. 45

Quadro 3 Lista com nomes dos agricultores que foram beneficiados com os primeiros créditos conseguidos na Comunidade Jericó, através do PRONAF de 1998, FNO do Banco da Amazônia, em 2000 e novamente através do FNO do Banco da Amazônia, em 2002. 64

Quadro 4 Lista com o nome dos presidentes e vice-presidentes que passaram pela Associação dos Produtores Agrícolas de Jericó desde a sua fundação em 1995. Cada mandato tem a duração de dois anos, até aqui ocorreram cinco mandatos. 66

Quadro 5 Lista das espécies ocorrentes, e suas principais utilidades, na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará, levantada através de visitas à capoeiras velhas, cacaias e pontas de mata em companhia de agricultores familiares. 84

Quadro 6 Frutíferas cultivadas ou de ocorrência natural, criações de quintal ou de animais de carga em áreas de famílias de agricultores em Jericó, Garrafão do Norte, Pará. Cinqüenta famílias entrevistadas de um total de setenta e quatro. 100

Quadro 7 Número de casos, motivos e acordos encontrados para o estabelecimento de roçados em terra emprestada na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. 108

Quadro 8 Causas, danos e número de ocorrências de incêndios em lotes de famílias na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. 114

Quadro 9 Situação de rios e igarapés que passam por dentro das terras de famílias entrevistadas em Jericó, Garrafão do Norte, Pará. Cinqüenta famílias entrevistadas de um total de setenta e quatro. 122

Lista de Abreviaturas

APAJ - Associação de Produtores Agrícolas de Jericó.
BASA - Banco da Amazônia.
BB - Banco do Brasil.
EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Oriental.
FANEP - Fundação Sócio Ambiental do Nordeste do Pará.
FETAGRI - Federação dos Trabalhadores da Agricultura.
FNO - Fundo Constitucional de Financiamento do Norte.
FUNAI - Fundação Nacional do Índio.
IBAMA - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente.
INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.
MAFDS - Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável.
PMC - Projeto Manejo de Florestas Secundárias por Agricultores Familiares do Nordeste Paraense.
PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.
SAGRI - Secretaria Executiva de Agricultura.
SEEPS - Secretaria Especial de Estado de Promoção Social.
SME - Secretaria Municipal de Educação.
SMS - Secretaria Municipal de Saúde.
STR – Garrafão do Norte - Sindicato de Trabalhadores Rurais de Garrafão do Norte.
UFPA - Universidade Federal do Pará.
UFRA - Universidade Federal Rural da Amazônia.

Introdução

Estudar uma comunidade de famílias de agricultores que vivem em meio a uma floresta, fazendo uso de seus recursos, os mais diversos, e em toda sua plenitude, no dia-a-dia, verificando que com o passar dos anos há o risco de se esgotarem esses recursos. Eis para onde mira o foco principal deste trabalho.

Para tanto se faz necessário, já de início, observarmos esses dois elementos chaves de nossa abordagem: *comunidade* e *agricultores familiares*.

A palavra comunidade é utilizada para nomear grupos de famílias que ocupam, trabalham e convivem em determinada área e assim se distinguem de outros grupos (outras comunidades) que ocupam áreas diferentes. Jericó, nossa área de estudo, está localizada em Garrafão do Norte, no Estado do Pará, e as famílias que lá habitam a denominam de Comunidade Jericó, onde seus moradores se empenham para organizar o povo dentro da área que a delimita, elegendo lideranças e lutando em conjunto para buscar melhorias de vida.

Em suma "A comunidade é o espaço onde ocorrem as relações sociais dos seus habitantes, os quais estão unidos por uma identidade comum que os vincula a uma determinada extensão de terra delimitada e não a outra."(CAYRES, 1999).

Assim como para Cayres (1999), não é interesse deste trabalho fazer distinção entre os termos *comunidade* e *localidade*; primamos pelo uso do termo comunidade por ser assim que as famílias de Jericó designam e limitam a área geográfica onde habitam, trabalham e convivem cotidianamente.

Entre agricultores ou camponeses "Ter a terra e dela fazer uso para dela tirar seu sustento é um ponto de afinidade..." (GUERRA, 2001, p. 43); condição que agrega grupos sobre os quais se discutem e se estabelecem diversas denominações categóricas. Neste estudo não vamos enveredar por um caminho que busque discutir o que Costa (1994, p. 1) classifica

de "...estabelecimento de uma distinção radical e de uma ruptura genética entre os camponeses 'tradicionais' e outras formas de produção familiar no agrário".

Considerando essa discussão categórica *(camponeses ou agricultores)* usaremos neste trabalho o termo *agricultores familiares* para designar aquelas famílias de trabalhadores rurais que vivem em comunidade, que garantem produções agrícolas para o povo da cidade, e para si, dentro de suas capacidades produtivas, através de um mercado do qual dependem para vender tal produção.

Estudos sobre florestas e comunidades vão no sentido de encontrar formas eficientes para que a coexistência homem/floresta seja mais adequada para ambos (MENEZES, 2002; MONTEIRO, 2003). Enfoques privilegiando aspectos econômicos tornam absoluto e reduzido este objetivo, mascarando a complexidade existente nessa relação.

O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, em sua obra *O Pensamento Selvagem*, diz que quando cometemos o erro de ver o individuo, cuja vida buscamos compreender, como "[...]Exclusivamente governado por suas necessidades orgânicas ou econômicas, não percebemos que ele nos dirige a mesma censura." (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 17).

Lévi-Strauss classifica de *selvagem* aquele individuo que segue uma lógica própria de vida e que tem uma cultura própria. Essa cultura, segundo o autor, não é submetida às exigências de uma aplicação meramente utilitária. Como se vê, o termo *selvagem* empregado por Lévi-Strauss nada tem a ver com primitivo, rude, bronco ou sem cultura. Nosso esforço neste trabalho é de investigar a complexidade existente na relação entre famílias e florestas, levando em conta que a vegetação tem se constituído em fator principal para a sobrevivência das famílias, partindo da seguinte hipótese:

Famílias que possuem capoeiras[1] (ou florestas secundárias[2]) mais velhas[3], cacaias[4] ou

[1] Capoeira é uma das denominações populares para a vegetação secundária que pode ser adjetivada como, capoeira rala, capoeirão, capoeirinha, ou identificada como juquira, juquirão, mato, entre outros. Neste trabalho usaremos o termo *capoeira* por ser a expressão mais utilizada em Jericó.

ainda fragmentos de floresta residual[5], dispõem de melhores condições para desenvolver suas atividades, viabilizando um desempenho mais pleno da vida cotidiana. Famílias que possuem apenas capoeiras jovens (aquelas de 1 até 5 anos de idade), ou não possuem nenhum tipo de vegetação, passam por maiores dificuldades para desenvolver suas atividades e dispõem de um menor leque de recursos indispensáveis ao bom desempenho de seu grupo.

Essa disponibilidade de vegetações mais antigas e mais adequadas às atividades cotidianas - sejam elas capoeiras velhas, cacaias ou pontas de mata - devem existir em quantidade adequada às suas necessidade no dia-a-dia, pois que dispor de uma pequena faixa de mata dentro de uma propriedade intensamente desflorestada não significa segurança para o futuro, no que se refere ao uso direto dos recursos, devido à velocidade com que esse trecho será desmatado.

Como se vê, as formas de utilização dos recursos materiais oferecidos pelas florestas no cotidiano das famílias foi um aspecto de relevância para esta pesquisa, mas não deixamos de lado os produtos não materiais gerados na direta relação família-floresta, frutos da construção social dos indivíduos de Jericó.

Intentamos, com essa abordagem, desnudar as diversas formas de relação da família com a floresta, sabendo que esta última proporciona à primeira vantagens que vão muito além do utilitarismo econômico, atingindo até mesmo o bem estar e a satisfação afetiva.

---

[2] Floresta secundária, ou capoeira é aquela vegetação proveniente de agricultura itinerante e/ou rotacionada, inicialmente constituída por espécies de portes arbustivos e herbáceos, agressivos, de rápido crescimento e larga distribuição. Estabelece-se após o abandono das áreas que vinham sendo utilizadas para fazer roçado de culturas de ciclo curto.

[3] Devido a pressão intensa sobre essa vegetação, atualmente a principal paisagem em Jericó compõe-se de capoeiras jovens, entre 1 e 5 anos, cujo uso em agricultura gera resultados insatisfatórios de produção (SHIFT, 1995), ao contrário das capoeiras mais velhas, das cacaias e dos fragmentos de mata virgem como veremos no capitulo IV deste trabalho.

[4] A vegetação que consegue sobreviver nas antigas áreas de matas virgens onde, em anos anteriores, houve incêndio acidental são chamadas de *cacaias.* Apesar de terem perdido grande parte das espécies e da biomassa, essas cacaias quando utilizadas para fins de produção agrícola, oferecem resultados satisfatório para as famílias.

[5] O termo *mata residual* diz respeito à *floresta residual* primária que consiste em uma "floresta virgem da qual a madeira de lei foi retirada por madeireiros" (SMITH et al, 2000). Cabe ressaltar que em Jericó existem apenas pequenos fragmentos dessa mata residual aos quais as famílias chamam de *ponta* ou *pontinha de mata. Q*uando usarmos o termo *ponta* ou *pontinha de mata* entenda-se *fragmento de floresta residual primária.*

Delimitou-se este estudo à investigação das *alternativas materiais e não materiais*, disponibilizadas pelas florestas às famílias de agricultores em Jericó, considerando a organização dessas famílias a partir do uso da vegetação e da diferenciação social que sua disponibilidade tem gerado.

O arejar da floresta

Ao iniciar essa pesquisa leva-se em conta um curto percurso acadêmico, que sem ter a intenção encaminhou-nos para ela. Não ter uma graduação em Ciências Sociais é o motivo de nossa limitada familiaridade com os autores dessa área aqui referidos. Entretanto, investiu-se constantemente nessa maior familiaridade em boa parte do decurso pelo trajeto escolhido.

Tendo ao final do ano 2002 concluído a graduação em Engenharia Florestal, havia ainda uma insatisfação de nossa parte quanto à abordagem dada ao curso ao longo de cinco anos de completo marasmo.

As disciplinas, demasiadamente restritas à técnica, fragmentavam nosso olhar para a floresta a um ponto em que o homem se apagava da paisagem, permanecendo apenas os tratores de esteiras, as motosserras, os pátios de estocagem de madeira, os caminhões, escritórios, computadores etc. Ao final do curso não havia qualquer sombra de realização espiritual, muito menos intelectual. Homem relacionado à natureza não era tema passível de discussão naquele curso.

Essa angústia nos levou imediatamente às portas do Mestrado em Desenvolvimento Sustentável e Agriculturas Familiares, na Universidade Federal do Pará. Nossa avidez era por uma abordagem mais completa, ocupada de leituras sociais que explicassem os motivos das

técnicas. Uma abordagem comprometida com a discussão da natureza e o papel do homem diante/dentro dela.

O curso de dois anos de mestrado foi indiscutivelmente mais pleno e eficaz do que os cinco anos de graduação na Universidade Federal Rural da Amazônia. No mestrado pudemos conhecer obras e autores capitais para a compreensão de temas complexos demais, e por isso, difíceis de serem entendidos sem essas teorias.

Outra vantagem foi o contato direto com as famílias de agricultores, experiência que se poderia chamar de inefável, não fosse o compromisso de em palavras traduzi-la. Nisso experimentamos um dos principais desafios da investida, escrever a dissertação. Com base nos depoimentos, buscando abrigo nos autores, tabulando dados sobre aspectos da relação humana com a natureza, passamos a outra fase de nossa formação, ou começamos a ter alguma.

O Sentimento agora é de que a graduação em Engenharia Florestal torna-se mais contundente, tendo mais completude e conseqüência, fica enfim ‘mais arejada’. Esse mestrado, com seus erros e acertos sarou várias chagas, ao mesmo tempo em que abriu outras. Ótimo, destarte, um doutoramento pode nos sarar de novo.

Pesquisando sobre usos da floresta

Os recursos metodológicos que utilizamos nesta pesquisa convergiram no sentido de oferecer às famílias a possibilidade de expressar livremente a importância que as florestas têm no cotidiano de suas vidas. Nisto, Clifford Geertz, em seu livro *A interpretação das Culturas* contribui para nossa abordagem, ao argumentar que:

> A vocação essencial da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram apascentando outros carneiros em outros vales – e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou. (GEERTZ, 1989, p. 41).

Leituras e entrevistas exploratórias nos ajudaram a construir a problemática da investigação. “As leituras ajudam a fazer o balanço dos conhecimentos relativos ao problema que é o ponto de partida; as entrevistas contribuem para descobrir os aspectos a ter em conta e alargam ou retificam o campo de investigação das leituras” (QUIVY e CHAPENHOUDT, 1988, p. 67). As leituras e entrevistas são complementares e se enriquecem mutuamente, pois “...dão um enquadramento às entrevistas exploratórias e estas esclarecem-nos quanto a pertinência desse enquadramento”. (Ibidem, p. 67).

As entrevistas exploratórias têm por função revelar certos aspectos do fenômeno estudado, que o investigador não teria pensado por si mesmo, completando assim as pistas de trabalho sugeridas pelas leituras. Por esta razão é essencial que o entrevistador evite perguntas numerosas e muito precisas.

“Ao nos familiarizarmos com a nova idéia, após ela se tornar parte do nosso suprimento geral de conceitos teóricos, nossas expectativas são levadas a um maior equilíbrio quanto às suas reais utilizações, e termina a sua popularidade excessiva” (GEERTZ, 1989, p. 13). Ao discorrer sobre *descrição,* C. Geertz faz referência ao cuidado que todo pesquisador deve ter para não achar que possui a solução para todos os problemas. “Pensadores menos

bitolados, depois de algum tempo, fixam-se nos problemas que a idéia gerou efetivamente".(Ibidem, p. 13).

Nossas permanências em campo[6] foram fundamentais para o bom desenvolvimento da pesquisa, quando utilizamos entrevistas exploratórias e observação direta, mas também fazendo uso de entrevistas gravadas e de *Fichas de Campo* aplicadas a cinqüenta, de um total de setenta e quatro famílias, que compreendem a comunidade como um todo[7]. Outro recurso metodológico importante foi o registro fotográfico, através do qual tentamos analisar minuciosamente a produção cotidiana.

Conversas informais geraram dados que não poderíamos conhecer através das *Fichas de Campo*. Estas fichas eram rapidamente adaptadas quando novos elementos surgiam no decorrer de suas aplicações. A incidência de fogo, que abordaremos no capítulo IV, e a importância dos rios que passam pela comunidade, também descrita no mesmo Capítulo, não foram tratados nas fichas. Mas os dados foram coletados, a partir do momento em que percebemos sua relevância na vida cotidiana do lugar.

Outra importante técnica foi a v*isita às florestas em companhia dos agricultores*. Foram quatro visitas em quatro áreas diferentes de florestas mantidas nas terras dos agricultores Miguel, Zé Paulista, Antônio Frosino e Quirino, sempre em companhia do dono da terra que nos apresentava as árvores que conhecia, seus usos e curiosas histórias conhecidas. Nas visitas, os agricultores discursavam livremente sobre as espécies importantes no seu dia-a-dia, dando, no dizer de Gutemberg Guerra, verdadeiras aulas de *ecologia cabocla*[8].

---

[6] Anexos A
[7] Anexo B, C, D.
[8] *Ecologia Cabocla* é o título de um trabalho de Guerra (1992), no qual relata o conhecimento popular de um agricultor a partir de uma caminhada que fez, em sua companhia, por uma área de floresta.

A totalidade dos dados coletados nas formas descritas acima proporcionou que os diversos benefícios cotidianos, ofertados por esses tipos de vegetação aos familiares de Jericó, onde há predomínio da capoeira, pudessem ser discutidos nesta pesquisa, a saber:

1 Utilização direta de recursos vegetais e animais para autoconsumo da família, e que podem ser extraídos sem a derrubada total da capoeira, cacaia ou das pontas de mata, como: madeiras para lenha e carvão, madeiras e cipós para construções rurais (utilizadas para fazer cercas, chiqueiros, casas e outras pequenas construções), partes de plantas para uso medicinal da própria família, frutos comestíveis aproveitados para consumo da família e/ou para alimentar suas criações de quintal (porcos, galinhas etc.), fonte de mel selvagem, além de caças diversas.

2 Manutenção das produções agropecuárias nas unidades familiares, posto que para se implantar culturas agrícolas (de ciclo curto ou perenes) a vegetação da área é totalmente derrubada em favor dessas produções. Depois de derrubada e queimada essa vegetação deixa a terra em boas condições para o estabelecimento de lavouras e/ou pastagens[9], por um tempo suficiente para fazer pelo menos de duas a três plantações anuais de ciclo curto, o que é inegavelmente um beneficio, apesar da perda da maior parte da matéria orgânica que essa floresta em pé disponibiliza (SHIFT, 1995).

3 Qualidade do meio ambiente e, conseqüentemente, qualidade de vida. As famílias que delas dispõem, se valem da geração de benefícios contínuos como

[9] Quanto mais antiga for a vegetação melhor será o resultado da produção, nesse curto período de tempo, devido a maior quantidade de biomassa (SHIFT, 1995).

a manutenção de seus igarapés, amenização da temperatura durante os dias de sol forte, além de outras vantagens desse tipo. A floresta protegida aparece como privilégio de poucos e como um bem natural garantidor de um futuro mais estável para quem o conservar em sua área.

4 A importância não material que as famílias dão à floresta e que surge em seus discursos através de histórias poéticas, lendas e canções. Essa relação particular com o ambiente, presente em suas vivências, é uma forma de o homem construir seu mundo e nele entender-se.

Acreditamos que a existência dessas florestas, em quantidades que contemplem as necessidades das famílias, garante não apenas a manutenção das produções agrícolas e pecuárias, mas a possibilidade de a família permanecer no lote e de construir sua vida a partir desses benefícios materiais e não materiais.

Tais benefícios serão devidamente detalhados no Capitulo I, nesta ordem: disponibilidade de recursos animais e vegetais para consumo como a *primeira alternativa* abordada; a necessidade da derrubada da vegetação como *segunda alternativa*; a floresta como geradora de bem estar ambiental caracteriza a *terceira alternativa*; e a *quarta alternativa* trata da importância não material que as famílias dão às florestas em Jericó.

Conhecendo a importância das influências externas na comunidade

Antes de dar início ao Capítulo I, faz-se necessário apresentar parte do contexto social de Jericó, que se refere a influências externas na comunidade, onde um projeto de Pesquisa e Desenvolvimento, chamado *Manejo de Florestas Secundárias por Agricultores Familiares do Nordeste Paraense*, ou simplesmente *Projeto Manejo de Capoeiras* (PMC), como é conhecido na região, atua estimulando a conservação de áreas de floresta para uso futuro através de Planos de Manejo dos Recursos.

Ligado ao Sindicato de Trabalhadores Rurais de Garrafão do Norte (STR – Garrafão do Norte) e à Associação de Produtores Agrícolas de Jericó (APAJ), o referido projeto desenvolve campanhas de sensibilização e cursos de capacitação, visando promover a implementação de inventários florestais para um futuro manejo de diversos produtos da floresta, além de estimular o intercâmbio entre agricultores de diferentes municípios[10].

O agricultor que se dispõe a participar dos cursos, e a conservar um trecho de sua floresta em pé, para nele testar e validar as técnicas ensinadas, torna-se um parceiro do PMC, não havendo nenhum tipo de compensação financeira por isso. O contrato é informal e dá-se na forma de parceria; o agricultor se dispõe a participar das atividades e o Projeto se responsabiliza pela realização, sem qualquer custo para o primeiro.

As quatro áreas selecionadas para a atividade de *visita às florestas* foram escolhidas por suas posições geográficas. Uma no início, na entrada, da comunidade, duas mais ao centro, sendo que uma dessas ao lado esquerdo e outra ao lado direito da estrada que divide a comunidade ao meio. E a quarta e última esta localizada já próximo à saída da comunidade. A escolha, então, obedeceu a certo planejamento, para melhor distribuição geográfica das áreas de floresta visitadas.

[10] O Projeto Manejo de Capoeiras atua nos municípios de Bragança, Capitão Poço e Garrafão do Norte.

Em Jericó existem 74 famílias, das quais apenas quatro são parceiras do referido Projeto de manejo florestal. Optamos por realizar nossas *visitas às florestas* nas áreas de dois agricultores parceiros desse Projeto (Miguel e Zé Paulista, cujas áreas estão, respectivamente, no início da comunidade, e no centro, ao lado direito da estrada) e de dois não parceiros (Antônio Frosino e Quirino, com suas terras ao centro, do lado esquerdo da estrada, e ao final, já na saída de Jericó, respectivamente). A não exclusão dessa importante referência de influência externa, que investe, junto a seus parceiros, na conservação de trechos de suas floresta, foi proposital.

Para verificarmos, mais detalhadamente, a opinião das famílias sobre a importância e o nível de atuação que as instituições/organizações externas e locais têm no interior da comunidade utilizamos o método do *Diagrama de Venn*, descrito por Pretty et al (1995), uma atividade que conta com a participação da comunidade. Aplicamos o método separadamente a dois grupos: o grupo dos parceiros do PMC e o grupo da comunidade em geral, sendo que foi vedada a comunicação entre os grupos no intervalo de uma e outra aplicação, bem como a participação de pessoas do outro grupo quando da aplicação da ferramenta, para que não houvesse mútua influência nos resultados entre grupos.

Utilizamos papel no formato circular de três tamanhos diferentes; pequeno, médio e grande. Escrevia-se o nome da instituição/organização citada, sendo que o tamanho do círculo de papel tinha relação com a importância atribuída. Todas as instituições/organizações conhecidas e consideradas importantes eram listadas pelos participantes, que depois decidiam o tamanho da importância; pequena, média ou grande. Feito isso, traçamos um grande círculo representando a comunidade Jericó e posicionamos cada círculo de papel com o nome da instituição/organização dentro, fora ou num nível intermediário de atuação na comunidade, sob direta orientação dos participantes, que dialogavam entre si.

Primeiro aplicamos o *Diagrama de Venn* aos parceiros do PMC. Dentre as quatro famílias parceiras, três participaram da atividade, enviando um representante de cada família. Os participantes foram: Nêgo Cearense, Afonso e Zé Paulista. Mais tarde aplicamos a ferramenta a um grupo da comunidade em geral composto por sete pessoas, representantes de sete famílias diferentes: Chicão Boca Rica, Luzia, Otacila, Francisca Gusmão, Quirino, Cícera, Francisco Alves.

A seguir a listagem das instituições/organizações citadas pelos dois grupos (Quadro 1). Dentre as citadas pela comunidade em geral apenas as Igrejas (Evangélica e Católica)[11] não foram citadas pelos parceiros do Projeto.

FETAGRI, PRONAF, FANEP e Secretaria Especial de Estado de Promoção Social, foram as citadas apenas por parceiros, que também foram os únicos a fazer referência ao Projeto Manejo de Capoeira e à EMBRAPA. Isso evidencia que essas cinco instituições/organizações são conhecidas e consideradas importantes somente pelo grupo dos parceiros do projeto. O fato de estes conhecerem e citarem FETAGRI, PRONAF, FANEP e Secretaria Especial de Estado de Promoção Social, tem relação com seus engajamentos como lideranças. Afonso e Zé Paulista são, respectivamente, presidente e vice-presidente da Associação dos Produtores Agrícolas de Jericó. Ao citarem o PMC eles imediatamente o vinculam à outra instituição a EMBRAPA, que sedia o Projeto e lhe dedica alguns de seus pesquisadores.

[11] Este trabalho não tratou de aspectos relacionados à religião na comunidade. Sabe-se que existem duas religiões principais e duas igrejas, a católica e a evangélica, mas não nos empenhamos na investigação detalhada do fator religioso na vida cotidiana das famílias.

Quadro 1 – Listagem das instituições/organizações conhecidas e consideradas importantes por famílias parceiras do Projeto Manejo de Capoeiras e por famílias em geral da Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. No ano de 2005.

	FAMÍLIAS PARCEIRAS	**FAMÍLIAS EM GERAL**
Instituições/ Organizações importantes conhecidas	SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE GARRAFÃO DO NORTE (STR – GARRAFÃO DO NORTE)	SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE GARRAFÃO DO NORTE (STR – GARRAFÃO DO NORTE)
	ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES AGRÍCOLAS DE JERICÓ (APAJ)	ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES AGRÍCOLAS DE JERICÓ (APAJ)
	INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA)	INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA)
	SECRETARIA EXECUTIVA DE AGRICULTURA (SAGRI)	SECRETARIA EXECUTIVA DE AGRICULTURA (SAGRI)
	SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE (SMS)	SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE (SMS)
	SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (SME)	SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (SME)
	EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL (EMATER)	EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL (EMATER)
	BANCO DA AMAZÔNIA (BASA)	BANCO DA AMAZÔNIA (BASA)
	BANCO DO BRASIL (BB)	BANCO DO BRASIL (BB)
	INSTITUTO BRASILEIRO DE MEIO AMBIENTE (IBAMA)	INSTITUTO BRASILEIRO DE MEIO AMBIENTE (IBAMA)
	-	IGREJA EVANGÉLICA
	-	IGREJA CATÓLICA
	REDE CELPA	REDE CELPA
	EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – AMAZÔNIA ORIENTAL (EMBRAPA)	-
	SECRETARIA ESPECIAL DE ESTADO DE PROMOÇÃO SOCIAL (SEEPS)	-
	PROJETO MANEJO DE CAPOEIRA (PMC)	-
	PROGRAMA NACIONAL DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR (PRONAF)	-
	FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES DA AGRICULTURA (FETAGRI)	-

	FAMÍLIAS PARCEIRAS	FAMÍLIAS EM GERAL
	FUNDAÇÃO SÓCIO AMBIENTAL DO NORDESTE DO PARÁ (FANEP)	

Fonte: Trabalho de campo

Na opinião do grupo dos parceiros o PMC é importante por ser *conscientizador* sobre as causas ambientais. O tamanho da importância atribuída ao Projeto pelos participantes foi média (Figura 1). Sobre o nível de atuação do PMC, na opinião de seus parceiros, acredita-se que não está plenamente integrado à comunidade, por isso posicionaram, não totalmente dentro de Jericó, o círculo que o representa. A EMBRAPA, juntamente com IBAMA, Secretaria Especial de Estado de Promoção Social, Rede Celpa, FETAGRI e FANEP estão fora da comunidade na opinião dos participantes.

Quanto a plena atuação na comunidade eles identificaram apenas duas: o STR - Garrafão do Norte e a APAJ. INCRA, BASA e BB, SAGRI, EMATER, Secretaria Municipal de Educação, PRONAF e Secretaria Municipal de Saúde estão na mesma situação do Projeto Manejo de Capoeiras, quanto ao nível de atuação.

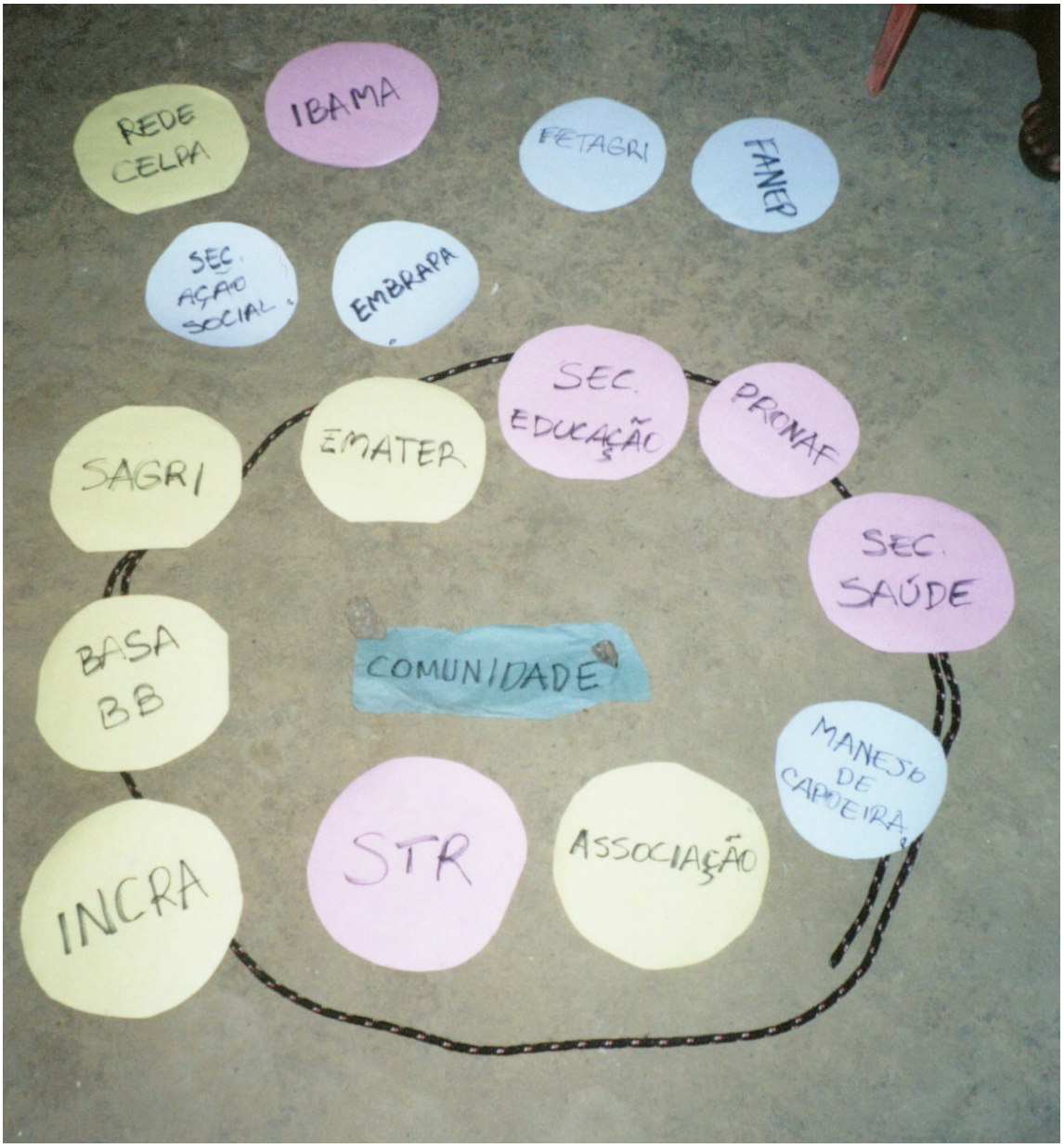


Figura 1 – Fotografia do resultado final da aplicação da ferramenta *Diagrama de Venn*, para três agricultores parceiros do Projeto Manejo de Capoeiras, em Jericó, Garrafão do Norte, Pará. No Ano de 2005.
Foto: Itajury Kishi

Foram considerados de grande importância: INCRA, STR – Garrafão do Norte, Secretaria Municipal de Saúde, APAJ, EMATER, SAGRI, IBAMA, BASA, BB e Secretaria Municipal de Educação. Não houve nenhum caso em que os participantes parceiros

atribuíssem a categoria pequena importância a alguma instituição/organização. No total, 17 instituições/organizações foram citadas pelos agricultores parceiros.

Os participantes do grupo da comunidade em geral, na segunda aplicação da ferramenta, também não optaram por atribuir a categoria pequena importância (Figura 2). A categoria média importância da mesma forma não aparece, para eles todas as 13 instituições/organizações[12] citadas são de grande importância.



Figura 2 – Fotografia do resultado final da aplicação da ferramenta *Diagrama de Venn*, para sete agricultores da comunidade Jericó, em Garrafão do Norte, Pará. No Ano de 2005.
Foto: Itajury Kishi

INCRA, Secretaria Municipal de Saúde, IBAMA, EMATER, Rede Celpa e SAGRI, estão fora da comunidade no que se refere ao nível de atuação. BB, BASA e Secretaria

[12] Note que aparecem apenas 12 círculos de papel (Figura 2). Optou-se, entretanto, por inscrever as duas Igrejas (Evangélica e Católica) num mesmo círculo.

Municipal de Educação, Igrejas (Evangélica e Católica) e APAJ, têm atuação dentro da comunidade.

Apenas o STR - Garrafão do Norte aparece no resultado da atividade, quando aplicada à comunidade em geral, como parcialmente integrado a Jericó quanto a seu nível de atuação dentro da mesma.

Essa pesquisa não visou avaliar o nível de atuação e importância do Projeto Manejo de Capoeiras em Jericó. Verificamos na comunidade que apenas os quatro parceiros, efetivamente, participam das reuniões e das outras atividades propostas por esse projeto de *Pesquisa e Desenvolvimento*. A maioria da comunidade, não procura tomar conhecimento das atividades, que geralmente acontecem na sede do Município, em outras comunidades ou, mais raramente, em Jericó.

Espera-se, ao final dessas linhas sobre o cotidiano de vida em Jericó, que possamos dar contribuições úteis ao Projeto em questão, mas se isso ocorrer, e torcemos a favor, acontecerá indiretamente, pois não nos limitamos, no decorrer da investida, a fazer comparações entre parceiros e não parceiros. O exercício do *Diagrama de Venn,* foi utilizado por nós apenas para que nos situássemos quanto à importância e nível de atuação das instituições/organizações no local, embasada nas diferentes opiniões das famílias.

Ao entrevistarmos 50 famílias (incluindo as quatro parceiras) dentre as 74, que compreendem a comunidade como um todo, nossas energias foram concentradas em observar a concepção de importância, em todos os aspectos possíveis, dada à floresta por essas famílias. Isso, levando em conta seu histórico de vida e seu cotidiano na comunidade.

CAPITULO I – A floresta como recurso

Para os primeiros filósofos gregos a indagação inicial foi acerca da *matéria*, afinal, perguntavam eles a si mesmos, “De que matéria provém todas as coisas?” (FROST JR, 1968, p. 14). Mas, em que o início do pensamento grego interessa à nossa pesquisa?

Ao buscarmos a origem da palavra *matéria,* descobrimos que ela vem do grego *hyle* que “Significa originalmente bosque *(Sylva),* material para construção, madeira.” (LALANDE, 1951, p. 595). Além de “Madeira para queimar.” (MORA, 1944, p. 452). Desta forma, observando a variação, podemos compreender de onde vem a palavra *hiléia,* que foi a “Denominação dada a grande região botânica que ocupa a maior parte da Amazônia brasileira e regiões limítrofes.” (FERNANDES et al, 1993, p. 406).

Essa busca pela origem da palavra *matéria* que resulta em *madeira para queimar,* nos mostra que o homem ocidental, no início do pensamento Grego, já vislumbrava a floresta *(hyle)* como um recurso utilitário a ser apropriado, utilizado, queimado, em seu benefício.

Florestas, em Jericó, constituem recurso valiosíssimo enquanto bem de uso no cotidiano das famílias, mas não apenas econômico, ou meramente utilitário, quando as famílias deixam de comprar produtos que essa vegetação lhes oferece, ou se beneficiando dela através de outros usos diretos. Nossa análise vai no sentido de ampliar a leitura que se possa fazer desse recurso natural, ultrapassando a sua característica enquanto mero fornecedor de produtos que podem ser dedicados ao mercado, sem, no entanto, negar esta possibilidade, mas tratando-o como gerador de múltiplas alternativas favoráveis ao bom desempenho do grupo familiar naquela comunidade.

Para Marx (2002, p. 58), “a utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso”. Ainda segundo ele, “essa utilidade não é algo aéreo. Determinada pelas propriedades materialmente inerentes à mercadoria, só existe através delas. A própria mercadoria, como ferro, trigo,

diamante etc., é, por isso, um valor de uso, um bem" (Ibidem, p. 58).

E, ainda em sua análise, "o valor de uso só se realiza com a utilização ou o consumo" (Ibidem, p. 58). Para ele os valores de uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social desta riqueza.

> Uma coisa pode ter valor de uso sem ser valor. É o que sucede quando sua utilidade para o ser humano não decorre do trabalho. Exemplos: o ar, a terra virgem, seus pastos naturais, a madeira que cresce espontânea na selva etc. Uma coisa pode ser útil e produto do trabalho humano sem ser mercadoria. Quem, com seu produto, satisfaz a própria necessidade gera valor de uso, mas não mercadoria (MARX, 2002: p. 62 - 63).

Se "O valor natural de qualquer coisa consiste em sua capacidade de prover as necessidades e de servir às comodidades da vida humana" (LOCKE, 1977), essas *necessidades* e *comodidades* podem ser de caráter contemplativo, não econômico, que a simples existência de um recurso natural como a capoeira, mesmo que sem um uso direto de seus recursos, oferece à vida humana.

Dispor da vegetação como um *valor natural*, ao alcance da mão, não é algo assim tão romântico, pois que se parte da "Liberdade que resulta duma relação objetiva entre o indivíduo e o espaço que ocupa, entre o consumidor e os recursos de que dispõe." (LÉVI-STRAUSS, 1957, p.153). Essa liberdade de uso gera impactos degradantes sobre as vegetações de todo o mundo.

Embora a floresta seja um recurso que brota por esforço da natureza, brota para regenerar uma área onde houve ação humana. Além da menor diversidade presente na vegetação capoeira, que é a principal paisagem em Jericó, quando comparada a uma floresta virgem[13], há o fato de seu papel no sistema agrícola tradicional da região ser fundamental para a manutenção da produtividade, pois a crescente pressão sobre a terra, resultante dessa disponibilidade de *valor natural* ao alcance da mão, aliada às mudanças nas práticas agrícolas

[13] As *florestas virgens* são aquelas isentas das ações antrópicas, ou seja, são florestas ainda intocadas pelo homem, o que já não existe em Jericó.

tem reduzido o tempo de pousio[14], o que vem resultando em níveis decrescentes de produtividade na região (SHIFT, 1995), tanto agrícola quanto da própria oferta de produtos diversos pelas capoeiras, cacaias e pontas de mata.

Quem tem boa parte de suas terras cobertas por capoeiras mais velhas, cacaias ou pontas de mata, tem condições de fazer projeções, para o futuro, e de permanecer na própria terra com certo bem estar ambiental. Quem tem apenas capoeiras jovens como principal paisagem na propriedade, ou não dispõe de nenhum tipo de vegetação, planeja-se para viver o presente, inclusive fazendo roçado em terras de outrem, e projeta um futuro incerto.

O reflexo disso em Jericó é evidenciado na diminuição, a cada ano, na idade das capoeiras, na sua produtividade, na disponibilidade de produtos úteis às famílias, no aumento da pressão sobre o que ainda há de áreas de cacaias e pontas de mata, haja vista a boa produtividade agrícola que oferecem, especialmente se comparadas às capoeiras mais jovens, além da perda das amenidades ambientais e dos produtos não materiais que desaparecem com as plantas e os bichos.

A referência que os agricultores têm da produção de uma roça implantada em área de capoeira jovem é de um nível muito abaixo do nível de produção alcançado em uma capoeira velha. Esta referencia praticamente inviabiliza a prática da primeira.

No que se refere ao decréscimo na oferta de produtos, por hora citemos apenas o exemplo do carvão que, como verificamos, é muito recorrente em Jericó.

> Nóis compra carvão a seis reais a saca, compra de vizinho mermo, nóis não tem capoeira, a gente também pede carvão emprestado pros vizinho. Quando não tem, eu queimo no gás mermo, mas é caro. (Railton, Agricultor de Jericó).

Em Jericó as famílias fazem uso desses recursos florestais de acordo com suas necessidades e com a disponibilidade do bem no lote, isso quando possuem algum lote, o que

[14] Tempo em que áreas agrícolas, dentro do sistema de corte e queima, são deixadas sem cultivar o que permite, pelo processo de regeneração natural, voltar a serem novamente utilizadas, após um tempo de descanso, um repouso, pousio.

não é caso da família de Railton e de muitas outras famílias da comunidade, que possuem apenas casa na vila (no centro[15]).

Gera-se, desta forma, certa diferenciação social entre famílias que possuem áreas relativamente expressivas de capoeiras, de diversas idades, cacaias e pontas de mata disponíveis para fins de uso diverso, e aquelas que não dispõem de nenhum tipo de vegetação ou apenas de capoeiras jovens em uma terra já 'cansada'.

> [...] quem não tem capoeira, não tem caça. Aqui na minha área ainda tem uns tatu, paca e porco do mato... mas é muito difícil eu caçar. Eu gosto é de ter os bicho ai pelos mato, quando dá vontade eu vou lá e trago um porcão pro assado, mas tá pouquinho já, porque antes nós usava tudo. Na capoeira tem coisa boa que a gente precisa e usa. Mas só se o cidadão tiver capoeira, né? Pois é, aqui nós tem um bom pedaço de capoeira. (Zé Paulista, Agricultor de Jericó).

Em seu discurso, após se orgulhar de algumas vantagens que a capoeira lhe fornece (neste caso uma capoeira com mais de dezoito anos) como fonte de caça ("quando dá vontade eu vou lá e trago um porcão pro assado") o agricultor deixa claro que esse recurso pode ficar escasso ou mesmo esgotar ("mas tá pouquinho já, porque antes nós usava tudo"), oferecendo riscos ao grupo familiar que ficar sem o recurso. ("Na capoeira tem coisa boa que a gente precisa e usa. Mas só se o cidadão tiver capoeira, né?").

Essa disponibilidade de recursos animais e vegetais para consumo nas atividades cotidianas, em maior ou menor escala, surge como apenas uma *primeira alternativa* dentre as muitas oferecidas pelas florestas à reprodução social do grupo familiar.

As famílias em Jericó utilizam produtos da floresta em todas as atividades que demandam recursos materiais que possam ser adaptados, como por exemplo, o uso de cipós para amarrações em substituição à corda, uso de cascas, folhas e raízes de plantas para uso medicinal, madeiras para construções rurais, estacas e cercas, frutos comestíveis e caças.

As diversas formas de utilização dessas florestas geram benefícios não menos diversos

[15] Na comunidade a *vila* é uma área mais central onde ficam a escola e a igreja, além de algumas casas mais próximas umas das outras, daí ser chamada também de *centro.*

para as famílias, o que concorda com o argumento de Marsh & Hernández (1996), segundo o qual, a unidade tradicional difere de outros sistemas de produção em complexidade, diversidade, e variedade de benefícios que oferece à família, considerando que cada unidade familiar compõe um único sistema, diverso de fauna e flora e de características particulares de utilização, o que justifica a grande variedade em produtividade e produção.

Tamanha diversidade de produtos oriundos da vegetação local e sua importância já haviam despertado nossa atenção há algum tempo, o que nos motivou a estudar a composição florística, a fazer levantamentos através de inventários florestais e a investigar, mesmo que apenas quantitativamente, o potencial de uso de alguns produtos de capoeiras na região.

Em estudo anterior ao analisar duas capoeiras antigas, uma de 30 e outra de 40 anos de idade em Bragança – Pará (município vizinho a Garrafão do Norte), em área de uma família de agricultores, verificou-se que esse potencial de uso é bastante diversificado, pois somente 8% das espécies estudadas não apresentavam uso conhecido pela comunidade (VIEIRA et al. 2002).

É grande, portanto, o número de espécies que são aproveitadas pelas famílias para o seu próprio uso. Essa disponibilidade é confirmada em Garrafão do Norte através do discurso de Zé Paulista, o que reafirma a importância desta pesquisa enquanto discussão mais detalhada destas questões ainda pouco conhecidas.

> Aqui nóis tenta preservá uma parte, porque se quer madeira é só ir lá buscá, se quer ter semente no futuro, tem. É nossa reserva de caça. A capoeira preservada é uma busca de facilitação pro nosso dia-a-dia. Aqui nós pode usá a madeira pra construir casa pra moradia da família; pode usá madeira pra fazer curral, chiqueiro e galinheiro; também tem as madeira de fazer mesa e cadeira da boa. Mas remédio também tem, agente usa folha de várias *marca*[16]... raiz, casca e até cipó de planta medicinal, e cura muitas doença. Nos usa cipó pra amarrá, tem as frutas e ainda tem as caças, mas por aqui tá pouco a caça. (Zé Paulista, Agricultor de Jericó).

O termo preservar associado à idéia de guardar um estoque de material que ele pode

[16] O termo *marca* é utilizado pelo agricultor no sentido de espécie.

utilizar quando se fizer necessário (“se quer... é só buscá”), realça que ali existe um valor a ser usado em favor do grupo familiar, se preciso for (figura 3).

Mas a intensa utilização desses recursos levou a um decréscimo na oferta dos produtos, o que justifica uma utilização mais moderada daqueles mais escassos como, por exemplo, as caças, que são mortas ou passam a se afastar quando as florestas são derrubadas para fazer roçado (“por aqui tá pouco a caça”). Assim, fica esclarecido o efeito perverso da queimada e do uso intensivo da floresta na eliminação do componente animal, de recuperação mais lenta ou impossível.

Existem claros desajustes entre a velocidade de uso e a capacidade de regeneração do ecossistema; e o agricultor sabe disso. Atesta-se igualmente o grau de consciência do agricultor sobre o uso que ele faz da natureza e suas implicações, demonstrando-se que não se trata de uso inconsciente, impensado, irracional. Afinal, segundo Clifford Geertz, “Em um certo sentido, ninguém sabe isto tão bem quanto eles próprios; daí o desejo de nadar na corrente de suas experiências...” (GEERTZ, 2000, p. 89).

Ao iniciar seu relato sobre os diversos produtos oriundos da capoeira o morador de Jericó deixa claro (“Aqui nóis tenta preservá uma parte”), o que demonstra que esta não é tarefa das mais fáceis, principalmente devido às suas necessidades agropecuárias que demandam áreas com vegetação disponível para o abate. Ou seja, uma floresta conservada é sempre um roçado em potencial, mas isso deverá se concretizar de acordo com a necessidade da família. Esta, por sua vez, esforça-se para manter a máxima extensão de vegetação possível em sua terra.

Vale ressaltar que o depoimento de Zé Paulista, (“A capoeira preservada é uma busca de facilitação pro nosso dia-a-dia”), concorda com a percepção da maioria das famílias do local, mas o que pesa é a maior ou menor disponibilidade do recurso dentro da propriedade e o menor ou maior tamanho desta última. Cabendo novamente visitar o antropólogo americano,

quando diz que, “Para entender as concepções alheias é necessário que deixemos de lado nossas concepções, e busquemos ver as experiências de outro com relação a sua própria concepção...” (GEERTZ, 2000, p. 91).

A conservação intencionada encontra na necessidade de uso degradante forte obstáculo para sua efetiva propagação. Mas nada impede que, em Jericó, se faça um tipo de conservação, esta, por sua vez, ocorrendo dentro das possibilidades de cada família, sendo que a maioria delas tenta assegurar de pé a área de floresta mais importante dentro de sua própria concepção de importância. Na comunidade, isso se reflete, na maioria dos casos, na conservação de trechos percorridos por rios, trechos onde ocorrem nascentes, áreas onde ainda se pode ver alguns animais, áreas onde ocorrem árvores de propriedades medicinais, já raras na região e, também, trechos em que são freqüentes algumas espécies que deram origem a lendas e histórias mágicas de curas e encantamentos.

Quanto à fauna os depoimentos refletem não uma intenção de assegurar uma caça na situação imediata, mas uma declarada preocupação de que os animais que ainda existem tenham onde morar e se procriar, e assim não desapareçam de uma vez por todas.

A contribuição mais facilmente constatada da vegetação em favor do desempenho do grupo familiar nessa região é, sem sombra de dúvidas, a garantia das produções agropecuárias.



Figura 3 – Parte da propriedade do Agricultor Zé Paulista na Comunidade Jericó, em Garrafão do Norte, Pará. No centro e ao fundo da figura, uma capoeira com aproximadamente 18 anos de idade, cercada por pastagem.
Foto: Paulo Vieira.

Para a implantação de culturas agrícolas de ciclo curto como feijão (*Vigna unguiculata* L. Walp.), milho (*Zea mays* L.), mandioca (*Manihot esculenta* Cranz) e para a implantação de pastagens, é necessária a derrubada total da vegetação, evidenciando-se neste caso uma *segunda alternativa* dentre as diversas oferecidas pelas florestas para a reprodução social do grupo familiar (figura 4).

A floresta, ao ser derrubada, torna relativamente boas as condições da terra para o estabelecimento de lavouras e/ou pastagens, por um tempo suficiente para fazer pelo menos duas a três plantações anuais de ciclo curto, traduzindo-se isto numa espécie de beneficio temporário, apesar da perda da maior parte da matéria orgânica que essa floresta em pé possuía (SHIFT, 1995), o que sacrifica boa parte da diversidade da área.



Figura 4 – Plantio de feijão (*Vigna unguiculata* L. Walp.) consorciado com pimenta do reino (*Piper nigrum* L.) na propriedade do agricultor Zé Paulista na Comunidade Jericó, em Garrafão do Norte, Pará. No destaque estacas de Jarana (*Lecythis lurida* (Miers) S.A. Mori.). Anteriormente havia uma capoeira de oito anos de idade nesse local.
Foto: Paulo Vieira.

Deve-se dizer que mesmo para a implantação de culturas de ciclo mais longo os agricultores fazem uso de produtos da floresta, como é o caso das estacas retiradas de capoeiras, cacaias ou de pontas de mata, servindo de suporte para a pimenta do reino (*Piper nigrum* L.), e utilizada em diversos tipos de construções rurais.

Na área escolhida para serem cultivadas em Jericó, as árvores maiores são derrubadas a machadadas e/ou motosserras e as menores com facão. A vegetação menor é igualmente queimada. As cinzas são deixadas nos campos, a semeadura e plantio são feitos diretamente nas cinzas, “pois cinzas abundantes asseguram grande produção se o solo e o clima são razoavelmente favoráveis” (BOSERUP, 1987: p. 24).

Considerando a ausência de florestas para esta finalidade, o grupo familiar teria de recorrer ao uso de adubos químicos (quando fosse possível comprá-los) à produção de adubos, o que demandaria mais força de trabalho, ou a não utilizar nenhum dos dois recursos,

comprometendo assim a boa produtividade da plantação.

Isso gera uma relação de extrema dependência por parte das famílias quanto à disponibilidade de vegetação para esse fim, considerando que a agricultura é a principal atividade produtiva em Jericó.

Em Garrafão do Norte as áreas de capoeira que são utilizadas para implantação de roçado se tornam mais pobres ecologicamente a cada ciclo de corte e queima, e as áreas de cacaias e pontas de mata são convertidas em capoeiras jovens em poucos anos, especialmente nas áreas de famílias que possuem pouca terra, motivadas pela intensificação das pressões sobre as florestas.

> [...] Aqui eu consigo deixar a terra em descanso (pousio), por três, quatro ano, até uns sete ou oito ano, mas é só em quadrinha pequena, coisinha pouca, que assim ela é mais boa pra fazer roça bonita. Mas eu tenho uma boa área, fui comprando devagarinho, são oito lote[17]. Com esse tanto aí dá até pra nóis deixar uma área sem derrubar, e nóis deixa. Outro companheiro aqui é mais difícil a situação, como gente que só tem só um lote vai deixar a terra descansar mais de três anos? Como fica a roça e o gado? É difícil! (Zé Paulista, Agricultor de Jericó).

Em Jericó são raros os casos em que se consegue manter capoeiras em pousio por mais de três ou quatro anos. Isso é motivado pela pouca disponibilidade de terra por parte das famílias, sobre o que indaga o agricultor ("...como gente que só tem só um lote vai deixar a terra descansar mais de três anos?").

A pressão da população crescente tem causado uma mudança de sistemas extensivos para sistemas mais intensivos de uso da terra em praticamente todas as regiões subdesenvolvidas. "Em algumas partes do mundo, agricultores que praticavam até então o sistema de pousio longo[18], não puderam mais encontrar suficientes extensões de florestas

[17] Um lote é o equivalente a 25 hectares.

[18] Boserup conceitua *Cultivo com Pousio Longo ou Florestal* como sendo o sistema onde clareiras são abertas anualmente nas florestas e semeadas ou plantadas por um ou dois anos. Em seguida, são abandonadas durante um período longo, o suficiente para que a floresta as invada outra vez, o que significa que o pousio deveria durar de vinte a trinta anos pelo menos. O tipo de floresta que cresce nas áreas que são utilizadas sob esses sistemas é conhecido como floresta secundária, em oposição à primária, ou floresta virgem, e que não foi jamais cultivada.

secundárias [as chamadas capoeiras]" (BOSERUP, 1987: p. 14). Tiveram de começar a recultivar as áreas onde a vegetação não havia completado seu pleno desenvolvimento.

Enquanto capoeiras, cacaias e as últimas pontas de mata são derrubadas por ser essa a única alternativa que as famílias em Jericó consideram 'segura' para garantir sua produção de feijão, mandioca e milho, a produtividade é ameaçada e cai aceleradamente a cada novo ciclo que se implanta.

Ester Boserup observa que quando o pousio é reduzido, ou mesmo eliminado, em um dado território, outros métodos de recuperação da produtividade do solo têm de ser introduzidos.

> No sistema de pousio as cinzas deixadas pelas queimadas são suficientes para assegurar boas colheitas[19]... Em sistemas ainda mais intensivos, é provável que se use simultaneamente vários tipos de adubação, incluindo as práticas de adubação verde, excrementos de diversos animais, dejetos domésticos, sedimentos, etc. Alguns desses métodos de adubação quase não requerem trabalho humano, enquanto outros o exigem em grandes doses. (BOSERUP 1987: p. 24 - 25).

Essas alternativas não são utilizadas no cotidiano de vida em Jericó, onde as famílias confiam basicamente na vegetação para assegurar boas produções quando argumentam que um lote desprovido dessa vegetação "[...] não tem serventia pra nossa vida, porque nóis só tem esse ricurso, acabando ele, tem jeito não, agente vai ter que sair atrás de terra com capoeira boa, nem que seja fora daqui de Jericó" (Delegado, Agricultor de Jericó).

Em se tratando da produtividade, deve-se lembrar que na prática, a fertilidade do solo em si mesma não faz sentido quando se trata de regiões como a amazônica.

> Falar em solos fracos quimicamente destoa da pujança da floresta tropical presente na região. De igual maneira, apresentar trabalhos associando a fertilidade do solo a culturas específicas constitui-se em um limite, uma vez que nutrientes têm não apenas o solo como substrato e armazém por um determinado momento, estando presentes também nas plantas, no ar, na água e nos animais, ou seja, na biomassa e outros elementos que compõe o ecossistema".(GUERRA E ÂNGELO-MENEZES,

[19] Apesar de ser, na Amazônia, por um período curto de tempo, estimado em aproximadamente 5 anos, seguido de baixas na produtividade (SHIFT, 1995).

1999: p. 140).

As *duas alternativas* de utilização citadas até aqui contribuem para a compreensão de que a floresta não pode ser vislumbrada apenas pela perspectiva econômica, posto que ela é expressão de *várias alternativas* para a reprodução social do grupo familiar em Jericó e que essas alternativas nem sempre seguem uma via meramente econômica, ou podem ser avaliadas em termos monetários.

Até aqui vimos e discutimos situações que expressam benefícios imediatos do uso de florestas, sem, entretanto, aprofundarmos a discussão da influência sobre o clima, as águas e sobre seu uso para fins contemplativos, de lazer e outros fins não materiais.

Se por um lado essas florestas oferecem uma diversidade de produtos que não se pode obter com muita facilidade, e qualidade, fora de Jericó, também não pode ser deixado de lado o fato de que a capoeira, cacaia ou ponta de mata conservada é uma forma de garantir a qualidade do meio ambiente e, conseqüentemente, a qualidade de vida.

> É importante os mato porque protege os bichinho bruto e se a gente acaba com as floresta o tempo fica ruim, pára a chuva, fica tudo seco... eu acho frio e gostoso os mato... eu gosto de andar dentro do mato porque é bonito, e me agrada muito. (Francisca, Agricultora de Jericó)

Como se evidencia no discurso da agricultora Francisca, as famílias que dispõem dessas florestas valem-se de um bem, gerador de benefícios ambientais, que age na manutenção de seus córregos e igarapés, ameniza a temperatura durante os dias de sol forte, proporcionando lugares sombreiros e agradáveis, o que caracteriza uma *terceira alternativa* concedida pelas florestas para a plena reprodução social da vida em Jericó.

Esse exemplo nada tem a ver com o econômico, mas sim com a satisfação de quem gosta de poder “andar dentro do mato porque é bonito...” e porque isso “...agrada muito”. Essa análise nos faz lembrar o argumento de Clifford Geertz quando diz que: “Entender a forma e a

força da vida interior... parece-se mais com compreender um provérbio, captar uma alusão... ou interpretar um poema...” (GEERTZ, 1995, p. 107).

Iniciamos, assim, a abordagem sobre a *quarta alternativa*, dessas possibilidades, que se refere à importância não material que as famílias expressam quando falam sobre a vegetação. “Na floresta foi se acabando tudo, culpa nossa, mas agora o pessoal tão com ciúme, qualquer pauzinho o pessoal não vende, é pra reservar, pra nóis ter alguma coisa boa pro futuro”. (Railton, Agricultor de Jericó). Vale lembrar que o agricultor Railton não possui nenhum lote de terra atualmente e coloca roçado em terra emprestada por vizinho, situação muito freqüente em Jericó.

As relações entre famílias se constituem a partir de suas vivências imersas na vegetação. Boa soma dos recursos naturais, que não passam pela via do mercado, funcionam, na lógica dessas famílias, como instrumentos para construção de relações amigáveis e/ou utilitárias que não envolvem dinheiro, mas geram ganhos efetivos - através de trocas e concessões de uso por outros – além de funcionar como estratégia de subsistência do grupo familiar que detém o recurso.

Essas trocas de bens das florestas entre famílias estão relacionadas a jogos de interesses perceptíveis nesta relação entre o material e o não material (NEVES, 1981).

Para se compreender as tomadas de decisão das comunidades na gestão de seus recursos deve-se atentar não apenas para o valor mensurável (valor real) dos produtos florestais, mas pelo seu valor relativo, um valor que é atribuído a estes produtos pelas comunidades (MEDINA, 2003).

Em Jericó, a importância da floresta é múltipla e toma a formatação social mais adequada para cada situação de vida, o que resulta em uma preocupação que diz respeito ao futuro das famílias, daí tamanha expressividade e dramatização no discurso: “agora o pessoal tão com ciúme...”.

A vegetação é expressão de múltiplas relações sociais da vida cotidiana. Nosso argumento é de que essa comunidade e as florestas em seu entorno não podem ser entendidas separadamente, tão pouco apenas por um ponto de vista puramente utilitário, pois “O que é vivido no cotidiano é na verdade resultado de uma combinação de coisas, relações e concepções, enfim, contradições.” (MARTINS, 1996, *apud* PESSOA, 1997: p. 55).

Se o político e o econômico são os aspectos privilegiados no que se refere aos grandes sistemas de interpretação científica, para nós vale ressaltar que “[...]é preciso se enxergar também o lado de sombra do social, é preciso estabelecer uma estreita relação entre o dramático e o cotidiano, valorizar o senso comum e considerar o imaginário”(PESSOA, 1997: p. 50).

Isso foi o que nos motivou a estudar os *múltiplos aspectos da relação entre famílias e florestas* no Município de Garrafão do Norte, mais especificamente em Jericó, onde verificamos que há clareza por parte dos moradores sobre a importância da floresta, não só utilitária, mas na plenitude do desempenho de sua vida cotidiana. A garantia dessa plenitude estaria em o homem fazer-se “Guardião da Natureza... Pastor que tem como única obrigação, ao conduzir solícito o rebanho das coisas, fazer da terra a condigna habitação da espécie humana.” (NUNES, 2004a, p. 24).

Em suma, as famílias de agricultores consideram a atual paisagem vegetal da região (com suas capoeira, cacaias e pontas de mata residual) como provedora de benefícios diversos que não se expressam, em sua lógica própria de vida, como valores numéricos, mas sim como potencializadores de um bom desempenho no seu cotidiano. Para eles as florestas são:

- Mantenedoras do sistema agropecuário, a partir do uso da vegetação na forma de rodízio, lançando mão do sistema de pousio (BOSERUP, 1987; GUERRA e

ANGELO - MENEZES, 1999; SMITH et al, 2000, 2003). E fornecedoras de materiais usados no dia-a-dia das famílias.

- Fatores de diferenciação social na comunidade relacionados com a possibilidade de garantir o futuro. Não é possível para o grupo familiar fazer projeções para o futuro quando dispõe de poucas áreas de terra e/ou nenhuma floresta nem projeções relacionadas à permanência, com relativo bem estar, na própria terra.

- Mantenedoras do bem estar ambiental, garantindo a qualidade da água dos rios que correm dentro da comunidade, equilibrando a temperatura, e oferecendo belezas naturais que causam satisfação e prazer.

- Fontes de produções não materiais, evidenciadas nas conversas, histórias míticas, poéticas e canções, através das quais as pessoas da comunidade se expressam diante da fauna e flora local, numa busca de se entenderem no mundo.

CAPITULO II A paisagem capoeira no Nordeste Paraense e Região Guajarina

2.1 Ocupação da região e surgimento das capoeiras

> "..as mais primitivas matas virgens desapareceram, substituídas pelas capoeiras...".
>
> (PENTEADO, 1976)

Na América, tanto ao Norte quanto ao Sul, o homem ao encontrar-se com os recursos naturais, os quais se apresentavam 'à mão cheia', fez sempre uso deles em beneficio próprio. Nessas áreas "Terrenos vagos tão grandes como províncias, o homem já os possuiu, outrora e por pouco tempo; depois partiu para outros lugares. Atrás dele deixou um terreno mortificado, coberto de confusos vestígios" (LÉVI-STRAUSS, 1957, p.95).

Nos anos que se seguem a floresta se vai restabelecendo, mas não volta a ser o que era, já não tem mais a mesma diversidade (a mesma riqueza) de outrora. "Nesse campo de batalha[...] renasce lentamente uma vegetação monótona numa desordem tanto mais enganadora quanto, sob o aspecto de uma falsa inocência, conserva a memória e a formação dos combates."(Ibidem, p. 95).

Até o início do século passado, no oriente da Amazônia, quando começaram a chegar as primeiras famílias de agricultores ao Município de Capitão Poço, vizinho ao de Garrafão do Norte, a região era basicamente povoada por índios. "O extrativismo e a caça eram as atividades principais. A agricultura começou a sobressair-se nos anos 40 com arroz, algodão, malva, mandioca e fumo" (VILAR, 1997, *apud* CARVALHO, 2000: p. 59). Atualmente a agricultura é a principal atividade produtiva desenvolvida pelas famílias que ocupam essa região.

Apesar disso constatamos que em Jericó há um crescimento constante das áreas de pastagens sem, no entanto, haver crescimento da criação de gado. Explicando melhor, opta-se por instalar pastagens em áreas onde a terra já está muito cansada, por essa parecer a

alternativa mais cômoda à essa terra, cujo dono, o agricultor, está igualmente cansado da longa batalha, e passa a buscar outras áreas, menos degradadas, para estabelecer as lavouras futuras, em seu próprio lote ou fora dele; nesse caso, comprando ou emprestando terra.

O pasto se estabelece nessas áreas, porém há, por parte da maioria dos agricultores, apenas uma intenção de comprar gado, mas as possibilidades para tanto, são, de fato, remotas.

Penteado (1976), estudando a Região Bragantina[20], localizada junto ao litoral paraense, na qual estão incluídos os municípios de Belém, Ananindeua, Santa Isabel do Pará, Castanhal, Anhanga (atualmente São Francisco do Pará), Igarapé-Açu, Nova Timboteua, Capanema e Bragança, fez os seguintes relatos, há quase três décadas:

> Tivemos a atenção despertada por vários fatos importantes no que se refere ao uso da terra; em primeiro lugar, se é verdade que a região é dominada por capoeiras em vários estágios de evolução, desde as raquíticas, com um ou dois anos de idade, até capoeirões, com mais de 30 ou 40 anos de existência, a presença das mesmas não deixa de ser muito significativa... A derruba da floresta tropical foi quase total, e as mais primitivas matas virgens desapareceram, substituídas pelas capoeiras, em todo o percurso da ferrovia... (PENTEADO 1967: p. 13).

Se àquela época já se observava um desflorestamento acentuado (“A derruba da floresta tropical foi quase total”), as famílias que se estabeleceram na região de lá para cá viram compor-se, em substituição à mata virgem, uma paisagem que lhes seria alternativa de sobrevivência até os dias atuais (“... as mais primitivas matas virgens desapareceram, substituídas pelas capoeiras...”). De fato, o que ocorreu ao longo do período descrito foi uma sucessão de culturas implantadas, pastagens e capoeiras.

Após a exaustiva utilização dos recursos naturais na Região do Nordeste Paraense, uma das primeiras áreas da Amazônia a ser maciçamente povoada e explorada (CARVALHO, 2000; FERREIRA et al, 2000; MOURÃO, 1989; PENTEADO, 1976; SANTOS, 1980; SMITH et al, 2000), a paisagem vegetal é quase que totalmente desprovida de florestas

[20] Região que compreende, no estudo de Penteado, a toda a extensão da ferrovia que começou a ser construída em 1883, para ligar Belém à Bragança, e só em 1936 foi entregue à União.

virgens, observando-se capoeiras, como principal componente da paisagem nos municípios que compõem este espaço.

Neste quadro, devido a ocupação de Jericó ter se dado mais recentemente, sua paisagem vegetal é composta com o predomínio de capoeiras novas, embora haja cacaias e pontas de mata residual freqüentes em todo o território da comunidade.

Sabe-se que, no decorrer desse período, a agricultura familiar sempre esteve em voga. As famílias se empenharam em ocupar essas áreas e implantar roçados de culturas de ciclo curto para autoconsumo e abastecimento dos mercados locais (CARVALHO, 2000).

Paralelamente ao desmatamento da região, as famílias viram diminuir a produtividade do solo devido à degradação provocada pela exaustiva eliminação das florestas e pelas mudanças nas práticas agrícolas (GUERRA e ANGELO - MENEZES, 1999).

Essa baixa produtividade resultante do uso inadequado do solo põe em risco a segurança do grupo familiar. Este, por outro lado, vê a vegetação como alternativa para melhorar a produtividade a partir do sistema de pousio, mas a garantia da existência dessa vegetação é cada vez menor, devido às intensas pressões e à pouca disponibilidade de terra por família.

A história dessa região e as mudanças ocorridas desde o início de sua ocupação estão diretamente relacionadas com a disponibilidade de recursos naturais para uso diverso em favor dos grupos que lá se estabeleciam.

A principio as matas virgens supriam as necessidades, fossem elas de subsistência por parte das famílias, ou de matéria prima por parte dos madeireiros, mas com o seu desaparecimento quase que total, as capoeiras passaram a ser a fonte principal de recursos para as famílias que hoje vivem em Jericó de onde os madeireiros, com a diminuição do volume e o fim das principais madeiras, desapareceram.

Não obstante à garantia das produções agrícolas e pecuárias, através de processo baseado na utilização do estoque de capoeira, em forma de rodízio, em Garrafão do Norte, em estudos recentes na região mostramos a importância e a necessidade de se ter capoeiras em pé (FERREIRA et al 2000 e VIEIRA et al, 2002) como fonte de recursos diversos, que servem ao grupo familiar na vida cotidiana.

Observamos que famílias de agricultores escolhem frações de seus lotes, com capoeiras, cacaias ou pontas da mata que não pretendem derrubar, e tentam mantê-las, em alguns casos porque as áreas que completam o lote já são suficientes para garantir um desempenho satisfatório da produção agrícola e pecuária “Nóis pode deixa um pedaço de mata porque graças a Deus a gente até que tem bem terra, dá pra deixá um pedaço livre. Nóis sabe que sempre é bom deixá”, diz Zé Paulista, agricultor de Jericó.

Em outro caso, sem dispor de áreas muito extensas, mas conhecendo a importância de se ter vegetação livre da derrubada, se esforçam ao máximo para conservá-la. “Aqui é muito difícil, tenho pouca terra, mas deixei uma pontinha de capoeira perto do meu igarapé, essa não vai pro chão não sinhô!” Afirma Raimunda, agricultora de Jericó.

Verifica-se em ambos os depoimentos que florestas em pé têm finalidades múltiplas no decorrer das atividades cotidianas na comunidade.

As famílias que não podem reservar florestas por tempo indeterminado, e este é o caso predominante em Jericó, utilizam recursos da vegetação resultante do estado de pousio (a capoeira cresce e lhes fornece produtos enquanto a terra descansa).

Entretanto, capoeiras muito jovens oferecem às famílias principalmente lenha, que segundo elas não é das melhores, pois as árvores ainda são muito finas. Geralmente a terra é deixada em descanso por um período de três ou quatro anos em Jericó, idade em que a vegetação apenas começou a se estabelecer e já vai ser derrubada para atender, nesse caso, de forma precária, suas necessidades agrícolas e/ou pecuárias.

É notório o reconhecimento, por parte dos agricultores, de que a derrubada da floresta cada vez mais jovem é ainda mais prejudicial e pouco vantajosa. Eles acreditam que seria mais interessante poupá-las do corte, entretanto não conhecem, ou não têm condição de usar, outra alternativa que lhes garanta o estabelecimento de suas produções agrícolas e pecuárias.

2.2 O Município de Garrafão do Norte nesse contexto

> "[...] ao visitar uma aldeia, no alto do rio Gipuúba, quebraram um garrafão na sua margem direita. O lugar, desde então, ficou conhecido como Garrafão".
>
> (EUFRÁSIO E FIGUEIREDO, s.d.)

O Município de Garrafão do Norte foi criado no dia primeiro de janeiro de 1988, resultado de um desmembramento do Município de Ourém. De acordo com os relatos de Eufrásio e Figueiredo (s.d.), a origem do nome, que chegou ao conhecimento dos pesquisadores por meio de tradição oral, partiu de antigos caçadores e mateiros, que no fim do século passado, em Ourém, tiveram contato com os ouremauaras Manuel Felipe e Vicente Pedro Mendonça.

Segundo o que contaram os mateiros e caçadores, de pai para filho, esses dois personagens, ao visitar uma aldeia, no alto do rio Gipuúba, quebraram um garrafão na sua margem direita. O lugar, desde então, teria ficado conhecido como Garrafão (isso teria ocorrido em 1855, segundo os narradores). Embora a fonte relate o fato de forma anedótica, esta é a versão que tem sido citada sobre a história do lugar para explicar o seu nome.

A população atual em Garrafão do Norte é de 30579 habitantes, sendo que 63% desse total vivem em comunidades rurais e apenas 37% moram nos bairros da sede do município[21].

A vegetação de Garrafão do Norte, resultante dos constantes desmatamentos, é consideravelmente antropizada. Em 1986, quando foi realizado o levantamento utilizando imagens LANDSAT – TM, Garrafão do Norte somado ao Município de Ourém totalizava cobertura vegetal alterada em 72,075% da área (PARÁ, 2004).

[21] Dado oficioso que nos foi fornecido pela Secretaria de Saúde do Município de Garrafão do Norte em viagem para coleta de dados ocorrida no segundo semestre de 2004.

Em 2001, novas imagens de satélite LANDSAT – TM, mostram a atual situação da cobertura florestal em Garrafão do Norte, onde a capoeira é a paisagem predominante em toda a extensão do município (Figura 5).

Áreas que ainda apresentam alguns trechos de floresta antiga são aquelas pertencentes a grandes fazendeiros, onde a madeira já foi explorada, convertendo-se essa vegetação em mata residual (SMITH et al, 2000), ou seja, uma floresta sem madeiras de interesse econômico, que geralmente só existe graças ao pequeno ou nenhum interesse dos fazendeiros pelo estabelecimento de lavouras. “Aqui tem muitos latifúndio, sabe? Os fazendeiro vendeu as madeira tudo, mas não venceu botar pasto em tudo, aí fica umas parte cheia de mata sem madeira de venda, e não bota roça nem nada”. (Zé Paulista, Agricultor de Jericó).

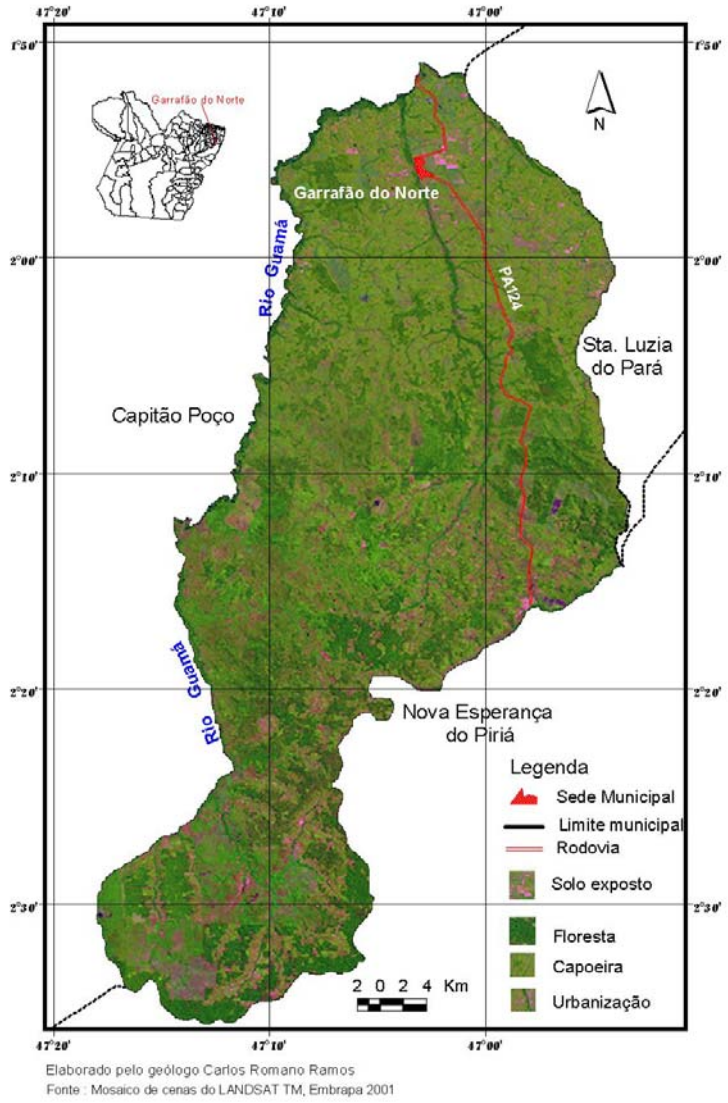


Figura 5 – Carta-Imagem do município de Garrafão do Norte no estado do Pará.

Existem pequenas faixas de florestas virgens próximas do limite entre os municípios de Garrafão do Norte e Nova Esperança do Piriá, e em áreas aleatórias por todo o município. Isso se deve à dificuldade de acesso a essas áreas, que só atualmente estão sendo maciçamente exploradas por madeireiros. “Aqui em Garrafão tem mais não, moço, mas lá pro Piriá tem é

oito madeireira, e sete tão na ativa[22]... acabou aqui eles saíram mais longe pra tirá madeira". (Roberto, Agricultor do Município de Nova Esperança do Piriá)[23].

O período de colonização e exploração mais intensa do Nordeste paraense se deu principalmente no final do século XIX, se estendendo até mais da metade do século XX (PENTEADO, 1967). Garrafão do Norte apresenta a diferença de estar geograficamente mais ao Sul[24] (Figura 6) da área de principal acesso para exploração na época ("A derruba da floresta tropical foi quase total... em todo o percurso da ferrovia, como também nas áreas laterais ao norte e ao sul[25]... até as praias da região marítima e à margem direita do rio Guamá..."). (PENTEADO 1967, p. 13).

Isso justifica a existência de faixas de florestas virgens e de florestas residuais em Garrafão, haja vista que a exploração madeireira no município começou mais tardiamente. Os madeireiros só reduziram a intensa exploração nessas áreas recentemente devido à diminuição das espécies de maior interesse econômico.

> Entraram pra cá em 88 mais ou menos uns 20 madeireiro, até o ano passado [2003] tinha um ou outro deles puxando madeira, mas só até 99 era madeira de prêmeira, daí em diante era o refugo que eles comprava..."(Railton, Agricultor de Jericó).

Vê-se que na história do Município a ferrovia e as estradas são referências importantes no processo de exploração das matas. O que diferencia Garrafão do Norte da maioria dos municípios da Região Nordeste Paraense, em que a paisagem principal é também constituída principalmente por capoeiras, é justamente a época da fase mais intensa de exploração.

---

[22] "As serrarias de pequeno porte em grande parte já operam com serras de fita, empregam cerca de 30 pessoas e também conseguem o aproveitamento de 30% das toras, ou seja, 65% são desperdiçados na forma de lixo, cuja prática geralmente utilizada para eliminá-lo é a queima que polui o meio ambiente. Elas fazem o desdobramento médio de 4000 m^3 por ano" (SANTANA, 2002, p. 81).

[23] Roberto é morador de Nova Esperança do Piriá. Seu discurso sobre a diminuição da oferta de madeira em Garrafão do Norte e a intensificação da exploração em Nova Esperança é confirmado por agricultores de Jericó, sem falar nos recentes noticiários de televisão alertando para a intensificação e ilegalidade de serrarias nesse município.

[24] Observe o Mapa do Estado do Pará na (Figura 6), a ferrovia foi construída ao Norte de Garrafão do Norte.

[25] Sem, contudo, atingir diretamente a área que hoje compõe o Município de Garrafão do Norte, o qual só viria a ser maciçamente explorado mais tarde.

Enquanto as florestas dos municípios que compreendem toda a extensão da Estrada de Ferro Belém-Bragança como Igarapé-Açu e Capanema eram intensamente povoadas e exploradas (PENTEADO, 1967), Garrafão ainda conhecia pouco das ações antrópicas.

Essa diferença justifica a escolha do Município de Garrafão do Norte para esta pesquisa, dentre tantos outros, na mesma região, com predominância de capoeiras na paisagem.

Seus solos são constituídos basicamente pelos de classificação Podzólico Vermelho-Amarelo Concrecionário, Podzólico Vermelho com textura argilica e Latossolo Amarelo de textura média (PARÁ, 2004).

A geologia do município é representada principalmente pelos sedimentos de idade cretácea que constituem a Formação Itapecuru compostos por arenitos vermelhos finos caulínicos, argilitos vermelhos laminados e calcáreo margoso fossilífero (Ibidem).

O clima de Garrafão é mesotérmico e úmido. A temperatura anual está em torno de 25^0c, apresentando-se o período mais quente, com médias mensais em torno de $25,5^0$c, e as temperaturas mínimas em torno de 20^0c. Seu regime pluviométrico fica geralmente, próximo a 2250 mm/ano. A umidade relativa do ar gira em torno de 85%. (Ibidem).

As chuvas, apesar de regulares, não se distribuem igualmente durante o ano, sendo de Janeiro a Junho sua maior concentração (cerca de 80%), implicando grandes excedentes hídricos e, conseqüentemente, grandes escoamentos superficiais e cheias dos rios. (Ibidem).

“O Guamá [o rio], na área do Boca Nova [comunidade entre Capitão Poço e Garrafão do Norte] inundou em 2003 por uns 15 dia, que dava mais de 500 metro de travessia de canoa, mas esse ano [2004] não teve cheia” (Zé Luis, Agricultor e Tesoureiro do STR - Garrafão do Norte).

Segundo Zé Paulista o escoamento das produções agrícolas não é impedido pelas cheias “Quando tá cheio, a gente atravessa, de canoa, barquinho... é o que não falta nessas hora” (Zé Paulista, Agricultor de Jericó).

O Rio Guamá é o principal acidente hidrográfico do município para o qual vertem todos os rios menores da área. Por sua vez, esse rio serve de limite a Oeste com Capitão Poço enquanto um de seus afluentes da margem direita, o Igarapé Tauari serve de limite a Nordeste e a Leste com Ourém.

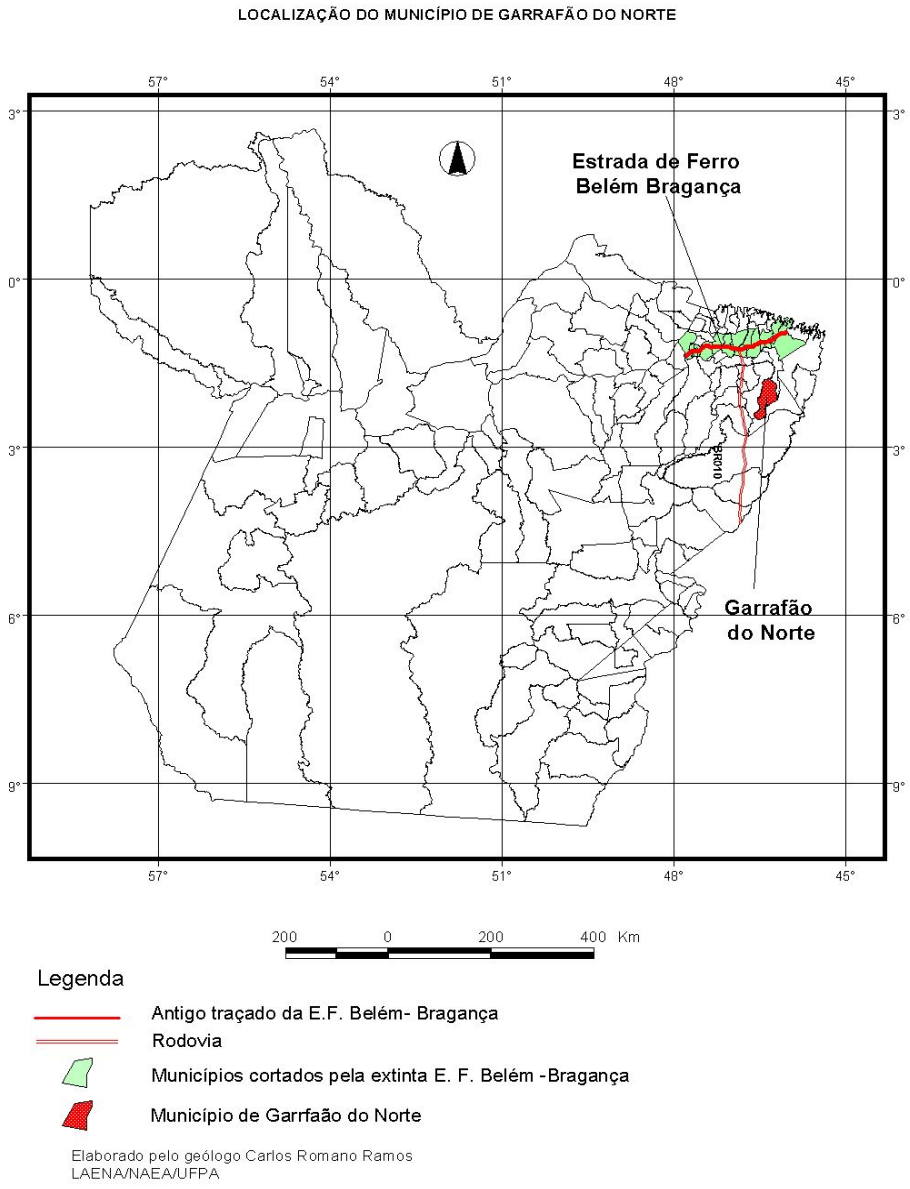


Figura 6 – Mapa do Estado do Pará com a localização do antigo traçado da Estrada de Ferro Belém-Bragança.Em destaque o Município de Garrafão do Norte.

Outros afluentes do rio Guamá de grande extensão fazem parte do Município, como o Igarapé Gipuúba que banha a sede municipal e os igarapés Tacumã, Paixão, Araçarana e Mamorana, sendo que este último tem sua nascente na Comunidade Jericó, e passa pelas terras da maioria das famílias dessa comunidade.

2.3 As comunidades rurais do Município de Garrafão do Norte

As comunidades rurais de Garrafão do Norte de que se tem registro na Secretaria Municipal de Saúde deste município são em número de trinta e cinco (Quadro 2).

Quadro 2 – Nome das comunidades e povoados, distância da sede e nº de habitantes no Município de Garrafão do Norte, Pará.

Nº	Comunidade	Distância da sede (km)	Nº de habitantes
01	Marapinima	20	1765
02	Livramento	15	1415
03	Tatajubinha	63	920
04	Tauarí	9	900
05	Colônia Nova	30	855
06	Fundo do Pote	9	760
07	Angelim	48	725
08	Poção	9	585
09	Mamorana	21	575
10	Nova Vida do Pedral	55	550
11	Tracuá	50	550
12	Castanhalzinho	32	525
13	Carrapatal	8	520
14	Massaranduba	42	520
15	Paixão	34	515
16	Alto Alegre	38	500
17	Gleba XXI	117	500
18	Tucumanzal	16	500
19	Louro	76	470
20	Bom Futuro	44	450
21	Limão	50	450
22	Araçarana	12	435
23	Arapuã	84	430
24	Boa Vista	22	425
25	Vila Nova Guamá	74	425
26	Capoeira	11	405
27	Jericó	33	375
28	Espirito Santos	60	350
29	Galiléia	44	315
30	Resplendor	81	305
31	Bracinho 1	15	300
32	Cupú/Copaiba	21	275
33	Boa Esperança	58	255
34	Noerá	72	230
35	Pindoval	39	225
36	Açaizal	53	Não informado
63	Água Branca	63	Não informado
38	Ariramba	51	Não informado
39	Bacaba	38	Não informado
40	Braço da Ponta	67	Não informado
41	Malvina	28	Não informado
42	Nova Olinda	60	Não informado

Nº	Comunidade	Distância da sede (km)	Nº de habitantes
43	Pau de Remo	25	Não informado
44	Piaba	26	Não informado
45	Simeira	84	Não informado
46	Tatajuba	49	Não informado
TOTAL			**19299**

Fonte: Trabalho de campo.

Cruzando essa informação com as fornecidas pelos informantes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Garrafão do Norte e da Comunidade Jericó, chegamos ao número total de quarenta e seis comunidades e povoados distribuídos em toda extensão do município.

É possível que algumas das comunidades dentre as que excedem o número fornecido pela Secretaria sejam comunidades que estão em sua relação com certo nome, mas são conhecidas pelos agricultores com outro, o que aproximaria a informação municipal da fornecida pelos agricultores. Além disso, a Secretaria Municipal de Saúde confirma que é provável que algumas comunidades rurais não estejam ainda registradas devido à dificuldade de acesso a algumas áreas do município.

As comunidades de Marapinima (1765 moradores), Livramento (1415 moradores), Tatajubinha (920 moradores), Tauari (900 moradores) e Colônia Nova (855 moradores) são as cinco mais populosas de Garrafão do Norte. Juntas elas somam mais de 30% da população rural total do município.

Aproximadamente 50% das comunidades rurais de Garrafão do Norte apresentam população acima de 500 moradores e a comunidade com menor contingente populacional é a comunidade Pindoval com 225 moradores.

Em Garrafão do Norte a maioria das famílias enfrenta dificuldades para conseguir manter frações de florestas conservadas porque dispõe de pouca terra, que serve basicamente à garantia de suas produções agropecuárias, resultando numa extensa paisagem de vegetação de capoeiras jovens em estado de pousio nas propriedades familiares rurais do município.

2.4 A Comunidade Jericó em relação às demais

Jericó é a vigésima sétima comunidade em número de habitantes em Garrafão do Norte. Sua população atual é de 375 moradores, sendo uma comunidade relativamente pequena, ficando a frente apenas de oito comunidades em número de moradores.

Como ocorre nas demais comunidades sua vegetação é constituída basicamente por capoeiras em vários estágios de sucessão e ainda há presença de cacaias e pontas de mata. Conta com 74 famílias de agricultores distribuídas em 80 lotes, havendo famílias sem terras que trabalham em terras alheias, emprestadas ou alugadas, e famílias mais prósperas que possuem, em raros casos, de 5 a 10 lotes.

Conseguimos entrevistar 50 famílias desse total de 74, o que representa uma amostragem de aproximadamente 68% do total de famílias da comunidade.

A extensão Leste de Jericó faz fronteira com as terras de um fazendeiro conhecido como Marcos, que é constituída por aproximadamente 80 lotes “ele [o Marcos] tem criação de gado e tira madeira, mas madeira é mais pouco hoje em dia, o principal mermo é o gado” (Zé Paulista, Agricultor de Jericó) e por toda extensão Oeste de Jericó estão as terras de outro fazendeiro, o Coaracy, “[...] esse tem 130 lote, mexe com madeira, sempre foi madeira, mas agora só tá tirando as de segunda, que é só o que tem.” (Zé Paulista, Agricultor de Jericó).

Esse depoimento reafirma a atual forma de exploração madeireira a partir das matas residuais, (“Só tá tirando as de segunda, que é só o que tem...”), pelos grandes proprietários de terra dessa região, onde as matas virgens já são quase inexistentes.

Um terceiro grande proprietário que não apareceu no discurso de Zé Paulista, surge no relato do agricultor Miguel, que é o morador mais antigo de Jericó.

> São 130 lote do Coaracy, e a terra do Paulista Caipora fica junto do Coaracy, são 230 lote. A área dele passa na Galiléia, desce aqui (Jericó), vai no Pindoval, igualando no Bom Futuro... o Caipora era gerente do Coaracy, foi comprando,

> comprando, agora botou morador na área do Coaracy, que o Coaracy nunca teve aí mermo, é político, não liga pra essa terra, mas o Caipora liga... ele diz que é dele... a terra que é do Coaracy... só que o INCRA quer cortar essa área pros posseiro que tão na área da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), lá no Tauari [área distante Jericó]. Hoje o Caipora tem muito mais de mil cabeça e bem uns cinco lote de pimenta, e diz que não sai da terra, não. (Miguel, Agricultor de Jericó).

Enquanto narrava a história de ocupação da Comunidade o agricultor começou a fazer um desenho (Figura 7) no chão de seu quintal através do qual descreveu a atual situação geográfica de Jericó e de seus vizinhos. O croqui realizado pelo agricultor demonstra o conhecimento geográfico que tem dos seus vizinhos e confrontantes e da noção de pressão na qual se encontram.

Jericó localiza-se às margens de um ramal que dá acesso ao Município de Nova Esperança do Piriá. Seus moradores cotidianamente observam a passagem de caminhões e tratores de madeireiros por dentro da comunidade a caminho de Nova Esperança: “Madeira de lei só praquelas banda [Piriá], e os madeireiro vai atrás, nem pensa. Até quando tá chovendo muito eles passa por aqui, só que agora eles não pára quase aqui, que só é capoeira praticamente.” (Railton, Agricultor de Jericó).

A posição geográfica de Jericó dá a seus moradores a possibilidade de estarem atualizados sobre o processo de exploração madeireira em áreas mais distantes como no Município de Nova Esperança do Piriá: “Tem dia de passar é de três ou quatro tratô aqui no ramal nosso.”(Railton, Agricultor de Jericó). Esse discurso demonstra também a intensidade da exploração madeireira e da valoração que é dada à mata, seja ela primária e rica em madeiras nobres, ou secundária, com recursos de menor representação no mercado madeireiro, mas não desprezível no cotidiano do lugar.

Por conta disso resolvemos percorrer a maior extensão possível do Município[26] registrando pontos de localização geográfica por satélite, com aparelho de GPS. Como há vários ramais na extensão da via que, passando por Jericó, leva à Nova Esperança do Piriá, os

[26] O percurso foi feito com uma motocicleta alugada, em diárias, o que limitava o número de dias para essa tarefa, sem falar no desgaste físico proporcionado por essa investida.

pontos verificados (Figura 8), são de entradas de ramais que levam às comunidades, de comunidades propriamente ditas, e vários de Jericó, onde registrou-se pontos em cada casa de família entrevistada[27].



Figura 7 – Desenho representativo da Comunidade Jericó e seus confrontantes, em Garrafão do Norte, Pará, feito pelo agricultor Miguel para expressar a atual situação geográfica da comunidade. Na parte superior da figura o desenho em fase de elaboração e na inferior o trabalho concluído. *Apesar dessa área corresponder ao Coaracy quem a usa e declara posse é o Paulista Caipora.[28]
Foto: Paulo Vieira.

Esta movimentação indica a micro cartografia da concentração fundiária, demonstrando que os agricultores estão cercados pelos fazendeiros que continuam a exercer o

[27] Neste mapa da (Figura 8) não é possível distinguir os pontos pertencentes a Jericó dos pontos das outras comunidades. Entretanto no mapa seguinte (Figura 9) há o detalhamento da comunidade, com seu início e término.
[28] Cabe ressaltar que a proporção entre os tamanhos das áreas é inexata.

mesmo processo de ocupação com a derrubada das matas, primeiro pela exploração madeireira, depois pela implantação de culturas temporárias e pastagens, finalizando com a capoeira.

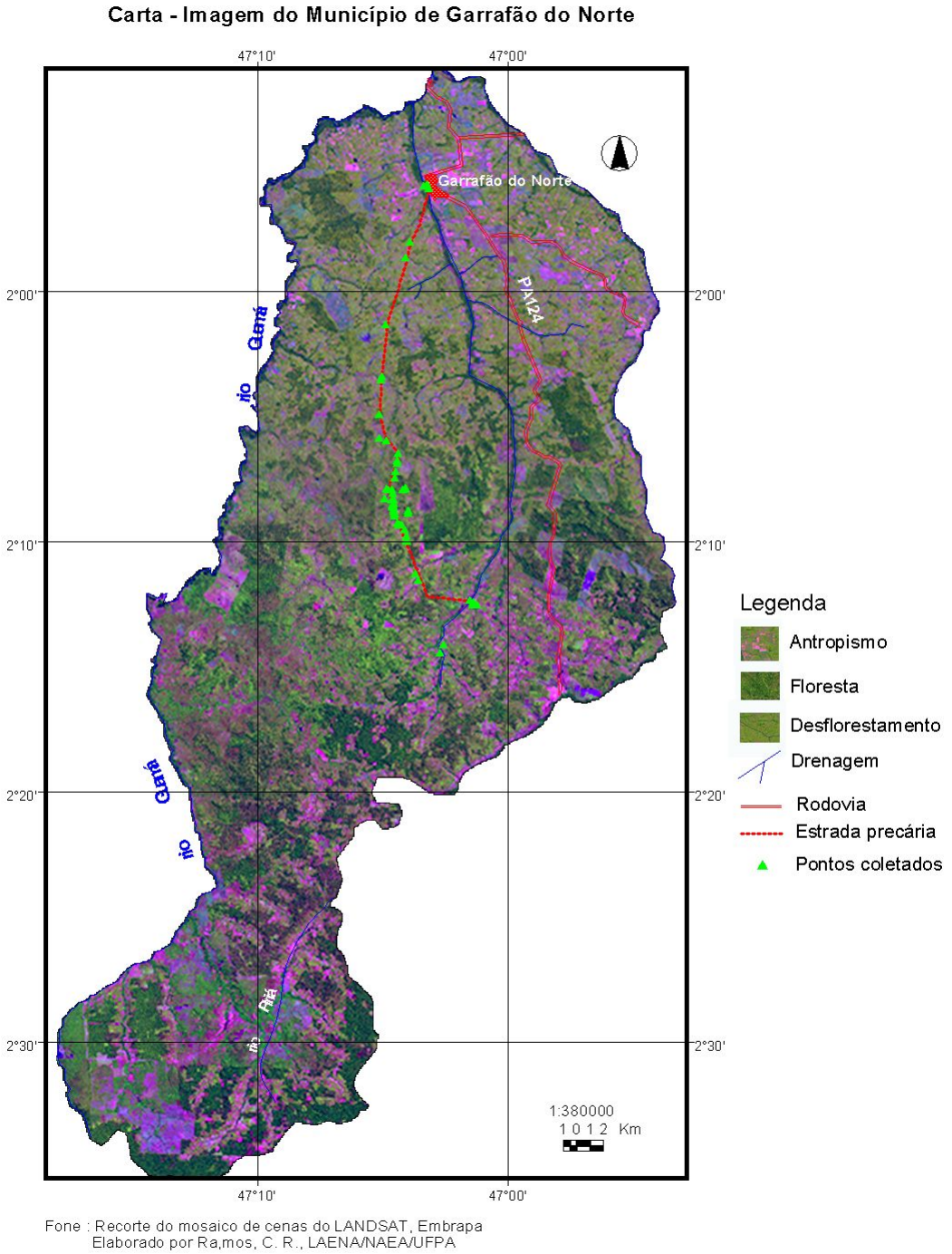


Figura 8 – Carta-Imagem do Município de Garrafão do Norte no Estado do Pará. Destaque para os pontos de GPS, localizando a estrada principal, comunidades e entradas de ramais.

Na Comunidade Jericó encontra-se também a nascente do rio Mamorana, um dos mais extensos rios de Garrafão do Norte. “A nascente do Mamorana é aqui no Jericó... mas o nome é Mamorana porque passa lá nessa comunidade por nome Mamorana, sabe? É um dos rio maior que nos tem aqui no Garrafão.” (Zé Paulista, Agricultor de Jericó). Apesar de nascer em Jericó, o Rio Mamorana tem esse nome porque a Comunidade Mamorana surgiu antes da Comunidade Jericó, e seus moradores assim o batizaram.

Não apenas a Comunidade Mamorana foi criada antes de Jericó, mas a grande maioria das comunidades de Garrafão do Norte surgiu antes dela que é uma das mais jovens do município. “Eu fui uma das primeira moradora, minha filha de 15 ano, a minha mais velha, a Ivana, ela nasceu aqui, e é a segunda mais velha de Jericó, nascida aqui mermo, só tem outra menina três mês mais velha que ela”. (Cícera, Agricultora de Jericó).

Esse depoimento comprova que Jericó é uma comunidade muito jovem. Além da filha mais velha, Cícera ainda teve mais três filhos: “Elcione de treze anos, Alcivane que tá com doze, e meu menino Francisco Elton de dez anos, tudo vivo graças a Deus” (Idem).

O fato de Jericó ser uma comunidade de ocupação mais recente faz com que os moradores em seus discursos falem do processo de dilapidação das florestas virgens como fato ocorrido com relativa atualidade, em que a cada ano suas florestas vêm adquirindo uma maior importância como principal recurso natural em suas propriedades, “Hoje nós só tem capoeira... não faz nem doze ano, nós tinha era mata, mas acabou, nós queimava pro roçado, madereiro comprava e nós vendia baratinho, agora só a capoeira é a garantia.” (Railton, Agricultor de Jericó).

Outros tipos de vegetação também aparecem no discurso do agricultor Gilmar “aqui no Jericó tem capoeira novinha, tem outras capoeira, muita capoeira mermo... e tem as cacaia, ainda, e umas pontinha de mata que serve de muito pra nóis”.

“Jericó é a filha mais mocinha do Garrafão... nós entramo pra cá em 85 e já tinha maioria das comunidade formada” (Delegado, Agricultor de Jericó). Essa dinâmica mais recente de ocupação e de mudança da paisagem de Jericó foi o que nos motivou a escolher essa comunidade para nossa pesquisa, dentre as mais de 45 comunidades que compõem o Município de Garrafão do Norte e que possuem capoeiras como principal paisagem vegetal.

Através do discurso da jovem população local, podemos analisar a importância dessa floresta, destacando acontecimentos relativamente atuais, e a substituição das florestas virgens, que há menos de duas décadas eram predominantes nessa paisagem, por capoeiras, além de verificar quais as alterações no modo de vida cotidiano a que essa substituição tem levado as famílias.

2.5 Histórico de surgimento da Comunidade Jericó

A Comunidade Jericó foi inicialmente desbravada por um grupo de onze agricultores que se organizaram e fizeram uma expedição que tinha um único objetivo "[...] achá terra boa pra trabaiá." (Railton, Agricultor de Jericó). O mais jovem agricultor do grupo que fez parte da expedição relata:

> Em 1985 o Israel [do município de Capanema] juntou um pessoal que tava precisando de terra... ele [o Israel] sabia cortá a terra em lote de 25 hectare, e ele dividiu pra cada família direitinho... o povo que veio, era eu... que nesse tempo tinha 13 ano, e sou filho de Capanema, o Delegado [Nasceu no Ceará tinha morado em Capanema e estava na Comunidade Mamorana na época], o Evaldo [de Capanema], o Zé Roberto [de Capanema], o Nego Cearense [do Ceará, mas morava em Capanema], o Expedito que é irmão do Nego Cearense, o Seu Vicente que é tio do Nego Cearense e morava em Capanema já fazia uns oito ano [esse mais tarde, em 1987, desistiu da empreitada e vendeu seus lotes ao Zé Paulista], o Raimundo Sabino, o Daniel [desistiu em 1987 e vendeu seus lotes para o Afonso, atual presidente da Associação de Jericó] e o Antônio Braga. Foi esses onze home... e viemo seguindo o rio Mamorana pra não se perdê, tava mesmo uma mata virge de dá gosto, aí o rio findô [o rio Mamorana] e nóis achamo a terra boa pra fica. (Railton, Agricultor de Jericó).

Dentre onze, pelo menos seis dos agricultores que participaram dessa investida nasceram ou moravam no Município de Capanema, que é vizinho a Bragança, onde as florestas estavam cada vez mais decadentes, conseqüência da maciça exploração que já havia ocorrido nessa região que compreende a área de influência da antiga estrada de ferro Belém-Bragança (PENTEADO, 1967). Alguns desses agricultores eram cearenses, mas já moravam em Capanema há muitos anos.

Esses agricultores viam a investida como possibilidade de melhoria das condições de vida de suas famílias que passavam por dificuldades em Capanema, por não disporem de terras para trabalhar.

O agricultor Israel, além de organizar o grupo dos agricultores e levá-los pela floresta, beirando o rio Mamorana para não correr o risco de se perder e não achar mais o caminho de volta, teve também um importante papel na divisão das terras em lotes de mesmo tamanho

para as famílias. “O lote era assim: quem era sozinho [solteiro] tirava um lote, quem era casado tirava dois lote, e o Israel media com nóis.” (Railton, Agricultor em Jericó).

Essa forma de divisão das terras fez de Jericó, no início, uma comunidade sem muitas diferenças quanto ao tamanho dos lotes que lá existem. Atualmente existem diferenças marcantes quanto ao número de lotes por família, havendo agricultores sem terra trabalhando em área emprestada ou alugada de outros que podem oferecer o recurso para seu parente ou vizinho: “Tem 10 ano que eu ponho roça na terra dos outro e trabalho assim... mas já tá difícil conseguir um pedaço, o povo quase não tem pra arranjar” (Francisco A. de Carvalho, Agricultor de Jericó).

Quem possui capoeira, cacaia ou ponta de mata residual, dispõe de um recurso primordial à manutenção da vida e sabe que o futuro de sua família depende em grande parte da disponibilidade desse recurso que vem decrescendo com o passar dos anos (“o povo quase não tem pra arranjar”).

Quando chegaram a Jericó, os agricultores tiveram uma surpresa. Enquanto o grupo coordenado pelo Israel avançava pela floresta tendo como ponto de partida a comunidade Mamorana, que está mais ao Norte do lugar onde hoje se estabeleceu a Comunidade Jericó, partindo da comunidade Boa Esperança, uma comunidade tão antiga quanto Mamorana, que fica mais ao Sul de Jericó, um pequeno grupo de evangélicos vinha em busca de terra, no sentido contrário ao do grupo coordenado por Israel.

> Quando o seu Israel tava medindo a terra, que tava batendo nos mato, os crente vieram todo desconfiado, achando que era pistoleiro, veio os pessoal armado e com medo, na frente e disse: pro lado de lá já ta medido, que não era pra entrá. Era três família que já vinha de lá pra cá [no sentido Boa Esperança-Jericó], esses primeiros crente foram embora, mas deram o nome de Jericó, ficaram um pouco, mas dizia que era difícil trabalhar assim isolado do mundo, e desistiram...”.(Idem).

O nome atribuído à Comunidade, segundo relatos dos agricultores, faz menção à Bíblia Sagrada, e foi dado pelos evangélicos. Vê-se que no discurso acima aparece uma referência ao

topônimo da comunidade associando-o aos evangélicos que por primeiro chegaram àquela área[29]. Curiosamente, o nome do articulador responsável pela ocupação da área, é Israel. Já o décimo nome citado dentro o grupo dos onze pioneiros, Daniel, não é menos conveniente do que a primeira referência ao topônimo.

Segundo o agricultor Delegado "Era terra de grileiro, e nós, e esses crente também, tava meio desconfiado, mas não teve problema, tamo até hoje, e diz-que o INCRA vai passá pra ajeitá as coisa pra nóis... mas só história, moço."

Devido a baixa freqüência do INCRA na região, as famílias da Comunidade Jericó, como na maioria das comunidades de Garrafão do Norte, ainda não possuem título definitivo da terra.

Outra surpresa na chegada a Jericó foi a solitária família do agricultor Miguel que já estava na área muito antes de os evangélicos e o grupo de Israel chegarem. "O seu Miguel chegou aqui em 1973, doze ano antes de qualquer um de nóis, é o moradô mais antigo, até nóis chegá era só ele e a família." (Railton, Agricultor de Jericó).

O agricultor Miguel conhece bem a história de ocupação da área que hoje é chamada de Comunidade Jericó.

> A terra era do Pedro Maia, diz-que, né? Quando o pessoal do Israel veio cortar a terra, a no meu lote ficava vizinho, mas não pertencia ao Pedro Maia, sabe? Eu já tava aqui fazia era 12 ano quando o pessoal chegou... aí seu Pedro Maia veio até no Mamomarana, então disseram pra ele: seu Pedro, o bom pro sinhô é num voltar lá que os home tão perparado, aí ele ficou assombrado... aí ele vendeu a terra pro Mineirinho, esse gostava de caso, e arrumou uma patota pra vim quebrar gente... e no Mamorana disseram: Mineirinho, melhor tu não entrar que eles tão em batalhão lá... tu não volta! Aí ele vendeu pro Anoí... o Anoí veio e fez um acordo; metade da terra ficou pro povo e metade virou uma fazenda no Anoí... depois um pau caiu em cima dele e ele morreu, a mulher não entendia de nada, tava se acabando tudo... aí ela vendeu pro Marcos... que puxa madeira até hoje aqui do nosso lado. (Miguel, Agricultor de Jericó).

[29] A Jericó bíblica é uma cidade situada ao Norte de Jerusalém.

A partir do acordo estabelecido entre Anoí e os agricultores, a área que hoje compreende a Comunidade Jericó ficou em posse das famílias, sem ter ocorrido, segundo relatam as famílias, mais nenhum desses conflitos até os dias atuais.

Os agricultores do grupo de Israel que tinham família trabalharam na terra por dois ou três anos antes de trazerem suas famílias para morar em Jericó. “De 85 até 88 eu fiz três roça de feijão, milho, mandioca e arroz, construí a casinha... aí a mulhé veio do Garrafão [da sede do município], que já tinha mais condição, sabe?” (Delegado, Agricultor de Jericó). O que aparece no discurso dos agricultores lhes dando consciência ao direito de posse é o fato de terem chegado primeiro, de terem tornado a terra produtiva através do seu trabalho e de sua família e nela estabelecido moradia. Estes elementos enunciados, ainda que inconscientemente, são os que fundamentam o direito jurídico à posse (GUERRA, 2001).

O escoamento da produção em Jericó nesses três primeiros anos era feito de forma muito precária. “O home que comprava nossa produção, o seu Manduca, ele mandava as vez de doze burro, beirando o rio, atravessando pela pinguela [pequena ponte improvisada para atravessar os animais], a gente passou uns três ano nessa peleja aí, e era duro moço.” (Railton, Agricultor de Jericó).

Essa dificuldade por parte dos agricultores para escoar a produção, por não terem uma estrada de acesso à sede do município, aliada ao interesse dos madeireiros pela nova área ocupada gerou um acordo em 1988 entre madeireiros e moradores de Jericó.

> Esse ramal quem fez foi o Alvim Balduino [um madeireiro]... querendo nossa madeira ele abriu o ramal pra nóis. Mas o Alvim já entrava por Bom Futuro, aí o Israel falou com o Alvim pra passar o trator pelo meio de Jericó. Em 88 entrou o trator, mas tinha compromisso de vender pro Alvim a nossa madeira. Mas ajudou muito pra ambas parte, porque agente podia escoar nossa produção mais fácil... nóis fez muita escoação na costa de burrico pelos mato. Antes do ramal, dava não, moço. E com o ramal nóis podia sair prum veraneio [o agricultor refere-se a alguma festa na sede do município] (Railton, Agricultor de Jericó).

Desta forma, os moradores de Jericó não ofereceram resistência aos exploradores de madeira que pagavam baixos preços pelas espécies de interesse. “Aí a gente não entendia e vendia pro Alvim, hoje a gente ficou esperto, nóis sabia naquele tempo que Andiroba dá pra cavaco, que Jarana é estaca da boa, mas não ligava, só no exemplo”.(Idem).

Através do depoimento pode-se verificar que a única forma àquela época que as famílias encontraram para conseguir se estabelecer definitivamente na comunidade era com o advento de um ramal que levasse sua produção o mais próximo possível da sede municipal.

As extrações de madeiras de lei presentes nessas matas virgens foram o preço que as famílias tiveram de pagar pelo implemento da estrada. Esse tipo de acordo é comum e fundamental na estratégia utilitarista dos madeireiros. A estrada que eles abrem para ter acesso aos recursos naturais, ao invés de ser contabilizada como custo em sua atividade é transmitida para os agricultores que constroem um discurso de devedores. São extorquidos no baixo preço atribuído às árvores retiradas e se sentem ainda devedores do favor de uma estrada aberta, mesmo que em condição de precariedade, e sem nenhum compromisso de manutenção por parte dos madeireiros.

2.6 Descrição da Comunidade Jericó

O ramal feito pelo madeireiro chamado Alvim Balduino em 1988 passa pelo meio da Comunidade Jericó, por pedido do agricultor Israel, que à época orientou os tratoristas que trabalhavam na abertura do ramal (Figura 9).

Em Jericó existe a Escola Independência (Figura 10), onde se leciona de primeira à quarta série do ensino fundamental. Segundo a esposa de Zé Paulista “Se as criança quer estudá mais, vai pra Boa Esperança, que é o lugar mais perto onde tem série maior” (Maria, Agricultora e servente na escola Independência).

Há uma casa de farinha de alvenaria movida a diesel em Jericó “Veio pelo PRONAF, por sorteio, mas come muito óleo e a gente não tá mais usando.”(Idem). A casa de farinha foi implementada em Jericó no ano de 2001, e até 2002 faziam apenas testes.

A casa acabou funcionando plenamente apenas durante o ano de 2003: “Quem ia fazer farinha pagava 70 centavos pras mulhé e criança raspá mandioca, por caixa [caixa de cerveja sem as divisórias internas]... aí enchia de gente pra ganhar esse dinheiro, eu me mandava pra lá com as menina [Kátia e Karina, suas duas filhas].” (Idem).

Jericó dispõe de dois templos: um para evangélicos e outro para católicos. A maioria das famílias da comunidade está inserida em uma dessas duas confissões religiosas.

As casas da comunidade foram feitas utilizando produtos da mata virgem, que existiam à época da ocupação, das cacaias, que começaram a surgir com a intensificação dos incêndios acidentais, e das capoeiras que atualmente são o principal componente vegetal da região.

> No primeiro ano [em 1988 quando o agricultor chegou a Jericó] eu botei uma roça grande... tirei Guajará *(Chrysophyllum excelsum)* e Andiroba (*Carapa guianensis* Hubl.) seca pra fazer cavaco pro telhado da nossa casa que tava construindo, Maçaranduba (*Manilkara huberi* (Ducke) A. Chev.) e Jarana (*Lecythis lurida* (Miers) S. A. Mori.) pra fazer os esteio, pra fazer o enxameio [que são as divisórias que sustentam o barro das paredes] usei Tiriba (*Eschweilera sp.*) e Jarana (*Lecythis lurida* (Miers) S. A. Mori.), tudo amarrado com Cipó Titica (*Heteropsis tenuispadix* G. S. Bunting.), ripa de Tiriba Preta (*Eschweilera sp.*), perna manca de Caçador (*Lecythis idatimon* Aubl.) e Caniçeiro *(Rollinia exsucca* (DC. Ex. Dunal) A. C.). (Zé Paulista, Agricultor de Jericó).

As espécies citadas por Zé Paulista foram retiradas das matas, cacaias e capoeiras antigas que sua família dispunha em seus lotes àquela época. Sua casa, salvo alguns consertos, ainda é a mesma que ele construiu. “Esse nosso telhado de cavaco... não tem telha de barro melhó!” (Idem). (Figura 11).

Em seu discurso, é significativo o elogio ao telhado feito com material local. Em contrapartida, a Escola Independência, utilizada para as reuniões da associação de produtores de Jericó, é uma das poucas construções erigidas em tijolos e coberta com telhas de barro. Ainda assim vê-se ao lado uma extensão da escola construída com material local, demonstrando a forte relação dos agricultores de Jericó com o recurso material disponível na natureza.



Figura 10 – Escola Independência, na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará, onde acabava de acontecer uma reunião da Associação de produtores de Jericó. Agricultores em destaque.
Foto: Paulo Vieira.

As casas dos outros moradores de Jericó foram construídas basicamente com os mesmos materiais citados por Zé Paulista. Isso foi movido pela disponibilidade do recurso material nas florestas, pela falta de dinheiro por parte das famílias para compra de materiais de construção na sede do município, pelo domínio do uso deste material pelo agricultor e pela comodidade de se ter um produto natural e de qualidade ("... Não tem telha de barro melhó!"). Neste sentido, a Figura 10 indica o contraste da construção feita pela municipalidade e aquela construída pelos moradores do lugar.

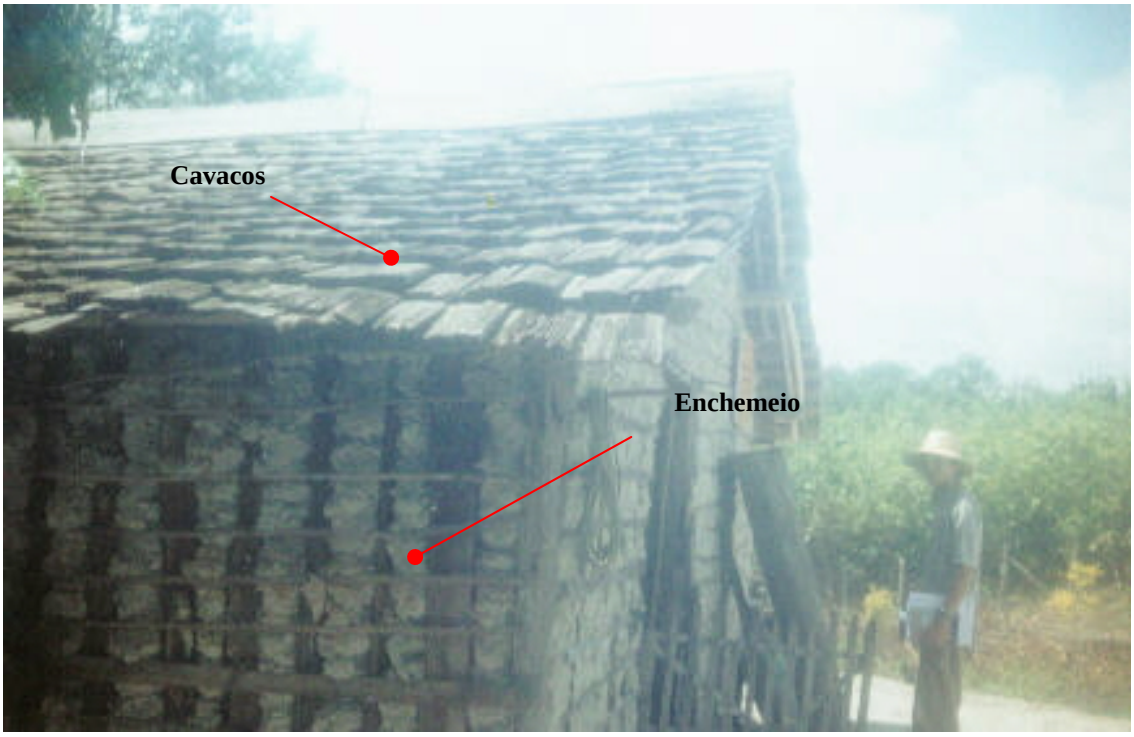


Figura 11 – Casa típica na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará, com telhado feito de cavacos de Ipê (*Tabebuia serratifolia)* (também conhecido como Pau D'arco) retirado da mata e varinhas caibros de enchemeio (as paredes) de Tiriba (*Eschweilera sp.)* e Jarana (*Lecythis lurida* (Miers) S. A. Mori.) retirados de uma capoeira velha.
Foto: Paulo Vieira.

Em Jericó a água é encanada para algumas famílias apenas, ou seja, aquelas que dispõem de dinheiro para comprar os canos para a instalação do serviço em sua propriedade, o que compete a menos de 5% do total das famílias.

Essa água vem de um poço que foi feito em 2003 na parte central da comunidade (ao lado da Escola Independência) e custou sete mil reais "Nóis andamo atrás de um vereadô que ajudou a conseguir a obra depois de nóis ficá no pé dele uns tempo." (Idem). O serviço público aparece mascarado de personalização na figura de um vereador, revelando terreno propício à prática do clientelismo político.

Não existe energia elétrica na comunidade, o que não impede que os agricultores tenham acesso à informação. "O Zé Paulista [marido da agricultora] não tem jeito... dá na hora do jornal ou da novela ele sai lá pro Delegado, que lá tem televisão à bateria, e ele larga a comida, larga tudo! Pra ir apreciar um programa..." (Maria, Agricultora de Jericó). Esse relato

mostra o quanto pode ser importante um equipamento de informação na construção de papéis em uma comunidade interiorana.

A Comunidade Jericó possui a Associação dos Trabalhadores Agrícolas de Jericó que foi fundada em 1995 e conta atualmente com 53 associados, sendo que alguns deles pertencem a comunidades vizinhas como Malvinas, Alto Alegre, Angelim e Mamorana. A criação dessa associação se deu por um esforço coletivo, centrado na possibilidade de conseguir lograr os créditos rurais que surgiam à época (Quadro 3). Para tanto, organizar-se em associação de trabalhadores constituiu-se em fator precípuo, exigido pelos agentes financiadores.

Quadro 3 – Lista com nomes dos agricultores que foram beneficiados com os primeiros créditos conseguidos na Comunidade Jericó, através do PRONAF de 1998, FNO do Banco da Amazônia, em 2000 e novamente através do FNO do Banco da Amazônia, em 2002.

Agricultor	**PRONAF 1998**	**FNO BASA 2000**	**FNO BASA 2002**
Zé Paulista	X		
Afonso M. de Souza	X		
Evaldo Silva Martins	X		
José Roberto Braga de Souza	X		
Edimilson Braga de Araújo	X		
Idelmar S. de Lima	X		
João Ferreira Fontenele	X		
Francisco Roseira Neto (Chicão Boca Rica)	X		
Maria Antonete (mulher do Zé Paulista)		X	
José Pereira de Lima		X	
Maria Rosemilda Braga de Souza (foi embora depois pra São Paulo)		X	
Francimar Alves dos Santos		X	
Luiz Silva de Macedo (morador da comunidade Malvinas)		X	
Francisco Gonçalves Custódio			X
Francisco Jurandir Rodrigues			X
Raimundo Braga de Souza			X
José M. B. De Souza			X
José Ferreira Fontenele (da comunidade Alto Alegre)			X
Francisco Carneiro de Lima (da comunidade Angelim)			X
Sebastião Carneiro de Lima			X
Miguel Bento Ferreira			X

Agricultor	PRONAF 1998	FNO BASA 2000	FNO BASA 2002
Francisco Sampaio de Lima			X
Benedito Rodrigues de Souza (da comunidade Mamorana)			X
Gilmar de Jesus			X
Raimundo de S. Lima(da comunidade Angelim)			X
Adaildo Soares de Sousa			X
Pedro Pinto da Silva			X
Francisco de Assis Souza Araújo			X

Fonte: Trabalho de Campo.

A família de Zé Paulista recebeu crédito em duas das três vezes em que alguma verba foi liberada para a comunidade; a primeira vez na pessoa dele próprio e a segunda no de sua esposa Maria. Isso está ligado a sua direta atuação na organização comunitária e percepção de possibilidades creditícias. Aliás, a organização, neste sentido, teve início com a chegada do agricultor Zé Paulista a Jericó, que, apesar do nome, nasceu no Ceará.

Antes de vir morar no Pará, Zé Paulista viveu alguns anos em São Paulo onde foi metalúrgico engajado nas mobilizações políticas da época junto com seus companheiros do sindicato de trabalhadores ao qual pertencia, “Eu falava com o Lula [atual presidente da Brasil] assim de pertinho... que nem que eu tô falando com você”.

Ao chegar a Jericó, Zé Paulista deparou-se com as mesmas dificuldades encontradas pelos outros agricultores que ali se estabeleciam na época e trabalhou no sentido de alcançar certo nível organizacional entre esses agricultores. Suas experiências adquiridas no ABC Paulista lhe foram valiosas para que alcançasse êxito em sua tarefa.

> Quando chegamo, a mão de obra era escassa, brocar só era difícil, caía baceira [amontoados de ramas e cipós] e as pessoa por trabalhá só não tinha motivação, era todo mundo acanhado, aí eu passei a motivar as pessoa, e falei se elas já tinha conhecimento de mutirão, foi aí que começamos a criar a comunidade. Criamo um grupo de quatorze família, e sorteava, por semana nóis trabalhava pra quatro família... um dia pra cada parceiro... deixava livre segunda, sábado e domingo... segunda e sábado cada um fazia a sua farinha, e domingo era a feira. Tudo aqui nós conseguimo assim, junto. A partir daí começamo a criar a Associação dos Produtores Agrícolas de Jericó, foi fundada em 1995 (Quadro 4), porque apareceu uns crédito do PRONAF... em 98 a gente conseguiu pra oito família. O crédito era pra dez vaca e

> um touro, 5 mil reais, no máximo, em 2000 e em 2002 veio de novo, sempre crescendo. (Zé Paulista, Agricultor de Jericó).

Segundo o agricultor, em Jericó só havia oito agricultores com toda a documentação pessoal necessária para dar entrada com o pedido do primeiro crédito, embora nesse período já houvesse vinte e cinco sócios na associação. Com o passar dos anos essa dificuldade foi superada e em 2002 foram quinze as famílias beneficiadas com os créditos rurais.

Quadro 4 – Lista com o nome dos presidentes e vice-presidentes que passaram pela Associação dos Produtores Agrícolas de Jericó desde a sua fundação em 1995. Cada mandato tem a duração de dois anos, até aqui ocorreram cinco mandatos.

Anos	**Presidente da associação**	**Vice-presidente**
1995 – 1997	Sebastião Rodrigues de Souza (atualmente mora na sede)	Evaldo Silva Martins
1997 – 1999	Afonso M. de Souza	Evaldo S. Martins
1999 – 2001	José Pereira Lima	Francisco Jurandir Rodrigues
2001 – 2003	Francisco Jurandir Rodrigues	Zé Paulista
2003 - 2005	Afonso M. de Souza	Zé Paulista

Fonte: Trabalho de Campo.

Apesar de ser relativamente jovem, Jericó destaca-se por ter uma associação que agrega agricultores de outras comunidades, inclusive conseguindo crédito para esses agricultores, como Luiz Macedo de Lima (morador da comunidade Malvinas), Francisco Carneiro de Lima (da comunidade Angelim), José Ferreira Fontenele (da comunidade Alto Alegre), entre outros (Quadro 3).

Isso faz de Jericó uma comunidade bastante representativa para Garrafão do Norte. Uma das conseqüências dessa boa organização interna de Jericó é a facilitação, por parte das famílias, do acesso de pessoas de fora interessadas em pesquisar a vida cotidiana de seu povo.

O baixo nível de escolaridade de jovens e adultos observado em Jericó é alarmante (Tabela 1). Logo cedo, a partir dos seis ou sete anos de idade as crianças já começam a ajudar no roçado, na feitura da farinha e no cuidar da casa. Quanto a última tarefa citada, geralmente, cabe as meninas. Observamos que em muitos casos, quando os pais vão para o roçado, as crianças maiores são orientadas a cuidarem das menores.

Esse acúmulo de tarefas, por mais que caiba às crianças apenas 'ajudar', desvia sua atenção das atividades escolares e com o passar dos anos, dando-se o continuo crescimento biológico do jovem, essa 'ajuda' vai tomando maiores proporções até tornar-se indispensável. Com isso o interesse pelos estudos, na maioria dos casos, vai ficando para trás.

Tabela 1 – Situação do nível de escolaridade na Comunidade Jericó, Município de Garrafão do Norte, Pará, no ano de 2004. Cinqüenta famílias entrevistadas de um total de setenta e quatro.[30]

Jovens de 6 até 18 anos que ainda estão estudando	**Adultos com mais de 18 anos que ainda estão estudando**	**Escolaridade média alcançada entre adultos**	**Jovens que concluíram o ensino fundamental**	**Jovens ou adultos que concluíram o ensino médio**	**Jovens ou adultos cursando o ensino superior**
62%	6%	3ª série do ensino fundamental	2%	0,5%	0%

Apenas 62% dos jovens de 6 até 18 anos estão na escola, sendo que muitos jovens abandonaram os estudos para assumir tarefas na agricultura. Outros estudam até a quarta série do ensino fundamental, série máxima oferecida pela Escola Independência de Jericó, e não se dispõem a ir estudar fora; por considerarem muito distante para ir e vir todos os dias. Sem

[30] Na pesquisa considerou-se *jovens* as pessoas de 6 até 18 anos e *adultos* as pessoas de mais de 18 anos em diante.

falar que isso aumenta o tempo do dia em que os pais não podem contar com a ajuda desses filhos.

Sobre a escolaridade entre adultos a série média alcançada é a 3ª do ensino fundamental. Há apenas um caso de adulto, morando em Jericó, que tenha concluído o ensino médio; trata-se da professora da Escola Independência.

Quanto ao ensino fundamental entre jovens, somente 2% conseguiu concluí-lo até o ano de 2004, o que confirma o abandono escolar nessa idade e, como verificamos, isso acontece, na maioria dos casos, por causa da necessidade de mão-de-obra para trabalhar a terra, principalmente a terra cansada, aquela que é produto de capoeira jovem, a qual necessita de um maior número de capinas, ou seja; força de trabalho extra e que não careça de ser paga em dinheiro.

CAPITULO III – Usos das florestas no cotidiano de famílias

3.1 Produtos vegetais utilizados na comunidade

Na Comunidade muitos produtos dos quais as famílias dispõem, sejam oriundos de capoeiras de várias idades, cacaias ou de pontas de mata, são visualmente marcantes em muitas de suas tarefas cotidianas (Figura 12), como também nas construções rurais de infraestrutura dentro dos lotes.

A lenha é utilizada principalmente para fornos de farinha, e com menor freqüência nos fogões das casas, onde se opta principalmente pelo uso de carvão, que não passa de lenha beneficiada “No fogão nóis usa o carvão, porque a lenha faz muita fumaça, né? Aí o moço já viu... a casa fica fumacenta... com carvão é melhor... então nóis faz o carvão, tem até quem vende, mas nóis só empresta....” (Maria, Agricultora em Jericó). O uso deste recurso é de tal maneira naturalizado que sequer passa por uma valorização monetária no discurso da agricultora Maria. Isso demonstra igualmente a importância do recurso na manutenção das boas relações de vizinhança.

Como a família dos agricultores Maria e Zé Paulista possui oito lotes de terra, sua produção de carvão é bem maior do que a produção daquelas famílias que dispõem de menores áreas, como se verifica no trecho a seguir.

> Depois de brocar[31] tiram a madeira pra lenha, as vez antes de brocar já tira. Não tem forno mas nos usa a caiera, um buraco no chão tapado, pra fazer o carvão. Aqui tem gente que faz dois saco pra durar 15 dia de carvão. Aqui o Zé faz logo 20 saca pra durar uns 6 mês, dura se o pessoal não cair em cima, pede de empréstimo, daqueles que não volta, sabe? A gente também usa gás... um saco de carvão custa 5 real, nóis compra quando falta, mas vender não vende. Compra mais é difícil... no gás fica caro demais... A gente não tira a lenha da área de reserva... a gente tira onde ta brocando... e não mexe lá no outro.” (Idem).

[31] O termo brocar significa cortar com machado as árvores na área que será queimada em seguida para o estabelecimento de culturas de ciclo curto.

No discurso percebe-se a economia que se faz quando há disponibilidade do recurso (“Compra mais é difícil... no gás fica caro demais...”), e a efetivação de ações de solidariedade quando do “empréstimo” sem retorno, para aquele que não dispõe mais desses recursos e que por precisão (“pede de empréstimo, daqueles que não volta, sabe?”). No discurso a solidariedade está ligada também à ausência de recurso financeiro.

Fica evidenciada no depoimento da agricultora a preocupação em manter uma área reservada dentro do lote (“A gente não tira a lenha da área de reserva...”), além de relatar parte da lógica, própria das famílias, de maximização do aproveitamento dos produtos da área derrubada para roçado (“a gente tira onde ta brocando...”) e a freqüente necessidade do produto, que leva a uma antecipação de parte do processo, (“as vez antes de brocar já tira”).

De fato, o carvão representa um bem estratégico uma vez que faz parte das necessidades básicas do cotidiano local, ligado principalmente ao preparo da alimentação. O seu uso interno à casa também é associado a um cuidado com a poluição uma vez que ‘faz menos fumaça’ que a lenha, seca ou verde. A lenha é usada na casas de farinha, em geral mais arejadas que as cozinhas das casas.

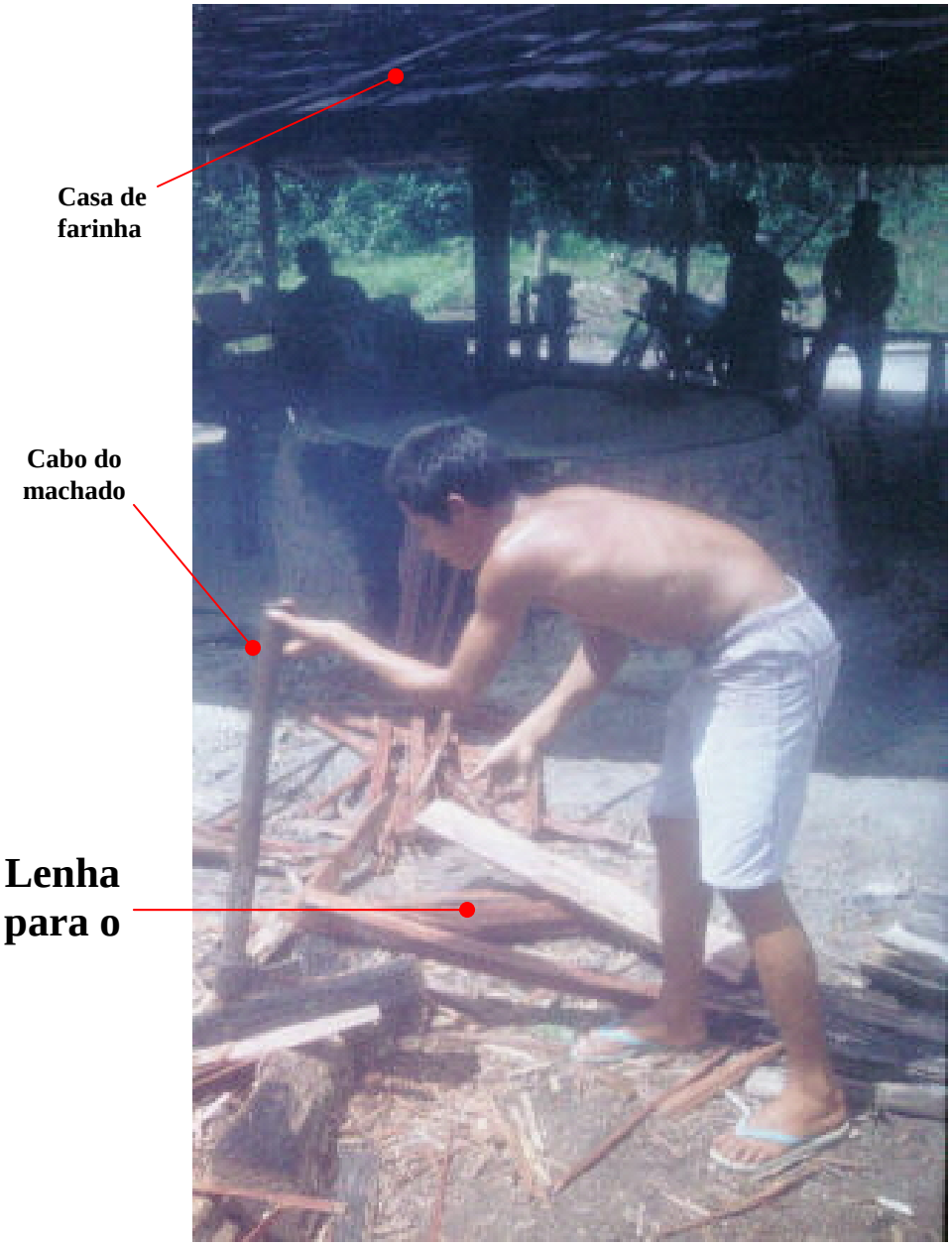


Figura 12 – Jovem agricultor cortando lenha, extraída de uma capoeira, com machado, para alimentar o forno de farinha (ao fundo) na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará.
Foto: Paulo Vieira.

Ao observarmos mais de perto essa atividade, a de produção de farinha, muito comum em Jericó, haja vista que a mandioca é um dos principais produtos da agricultura local, podemos verificar inúmeros produtos oriundos das capoeiras, das cacaias e/ou das pontas de mata, começando a partir do machado com o qual o agricultor corta a lenha na (Figura 12); o

cabo do machado foi feito com Jarana (*Lecythis lurida* (Miers) S. A. Mori.), extraída de uma ponta de mata.



Figura 13 – *Caçuá*[32] feito na própria comunidade utilizando cipós extraídos de uma ponta de mata na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará.
Foto: Paulo Vieira.

Nesta imagem mais aproximada (Figura 13) da mesma casa de farinha anterior, (Figura 12), destaca-se um caçuá que foi confeccionado na própria comunidade utilizando Cipó Timbó (*Thoracocarpos bissectus)* de uma pontinha de mata. Por ser este um cipó incidente apenas em áreas de mata, há dificuldade em encontrá-lo em Jericó. Desta forma, as famílias começaram a substituí-lo pelo Cipó Titica (*Heteropsis tenuispadix* G. S. Bunting) e pelo Cipó de Alho *(Adenocalymma alliaceum),* comuns em capoeiras, para não deixarem de confeccionar o caçuá, equipamento de grande utilidade nas casas de farinha da comunidade; utilizado para o transporte de raízes e massa de mandioca.

[32] *Caçuá* é um tipo de paneiro/cesto que serve para carregar a mandioca, no lombo de animal de carga, até a casa de farinha no dia da feitura da farinha.

O teto da casa de farinha, assim como os da maioria das casas de Jericó, é feito de cavacos[33]. Os tetos das casas (casas de farinha, de moradia da família e casas dos animais) geralmente são feitos de Ipê (*Tabebuia serratifolia),* Andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.), Tiriba (*Eschweilera sp)* ou Tiriba Branca (*Eschweilera coriaceae),* espécies que praticamente não existem a não ser em capoeiras mais velhas, na condição de plantas jovens, mas freqüentes principalmente nas pontas de matas e cacaias. Os tetos feitos com esses materiais costumam ser duradouros, oferecendo um abrigo saudável, de temperatura amena.

Segundo os relatos, em Jericó, o Guajará de Pedra *(Chrysophyllum sp),* espécie da mata, hoje em dia raramente encontrada em Jericó, é a espécie que apresenta maior durabilidade, aproximadamente 20 anos, quando utilizada na forma de cavaco.

As espécies mais utilizadas na forma de ripas, caibros, varas, travessas, tábuas e pernas mancas, para compor a estrutura dos tetos e das paredes das construções rurais em Jericó são oriundas principalmente das capoeiras com idade acima de dez anos: Breu Branco *(Protium pallidum* Cuatric.), Breu Sucuruba *(Trattinickia rhoifolia* Eilld.), Breu Vermelho *(Protium sagotianum* Marc.*)*, Caçador (*Lecythis iddatimon* Aubl.), Lacre Vermelho *(Vismia guianensis* (Aubl) Choisy.), Lacre Branco *(Vismia cayennensis* Pers.*)*, Louro (*Ocotea longifólia* H. B. K.), Maravuvuia (*Croton matourensis* Aubl.), Mucucu (*Licania heteromorpha* Benth.), Paxiuba (*Socratea guianensis),* Tatapiririca (*Tapirira guianensis* Aubl.), Timborana (*Pseudopiptadenia suavedens* (Miq.) Grines), Tinteiro Branco (*Miconia minutiflora* Cogn.), Tiriba *(Eschweilera sp),* Tiriba Branca (*Eschweilera coriaceae)* e Tiriba Preta *(Eschweilera sp).* Existe uma curiosidade sobre as espécies Tachi Pitomba (*Tachigali paniculata* Aubl.) e Tachi Branco (*Sclerolobium paraense* Huber.), que também servem para construções rurais. Segundo os moradores evita-se empregá-las na construção das casas por serem árvores que dão azar[34].

Muitas, dentre essas espécies, possuem outros usos atribuídos pelos moradores da área:

[33] O cavaco é um pedaço retangular e plano de madeira lascada, permitindo ser utilizado como telha.
[34] O caso do *Tachi Azarento* será discutido no Capitulo V.

Breu Branco *(Protium pallidum* Cuatric.), Breu Vermelho *(Protium sagotianum* March.) e Breu Sucuruba *(Trattinickia rhoifolia* Willd*)*, são espécies que liberam resinas aromáticas e que não são vendidos no mercado pelas famílias de Jericó, mas que são utilizadas como repelente natural nessa comunidade. “As vez nóis vai caçar e leva uma pedrinha de breu, queima... e é uma fumaçada cherosa... espanta o inseto, sabe?” (Miguel, Agricultor de Jericó).

Para não sair do tema caça, a espécie com denominação popular Caçador (*Lecythis idatimon* Aubl.), tem seu nome relacionado ao uso: “Nóis usa o Caçador assim... tira a casca dele pra fazer uma amarração na caça que a gente já matou e poder carregar ela com mais jeito até chegar em casa” (Idem).

Outra espécie em destaque é o Mucucu (*Licania heteromorpha* Benth.) que segundo os agricultores é uma das espécies que apresentam melhor rendimento quando empregada na forma de carvão; Tiriba *(Eschweilera sp),* Tiriba Branca (*Eschweilera coriaceae)* são espécies empregadas para fins de construções, principalmente na forma de caibros, mas servem também para fazer cavacos e enchemeio; enquanto a utilização dessa espécie na forma de cavacos demanda de árvores adultas, as árvores utilizadas na forma de enchemeio (varas finas ordenadas compondo as paredes da casa preenchidas com barro) ainda são finas.

Dessa forma, e considerando que sua ocorrência em capoeiras se dá quase que exclusivamente nas mais velhas, ocorrendo também em pontas de mata e cacaias, vegetações menos freqüentes em Jericó, a pressão sobre essa espécie pode acarretar seu desaparecimento, o que se aplica à maioria das espécies da mata virgem, especialmente as conhecidas como: Andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.), Cupiúba (*Gouoia glabra),* Cumarú (*Dipteryx odorata* Aubl.), Jarana *(Lecythis lurida* (Miers) S. A. Mori.), Maçaranduba (*Manilkara huberi* (Ducke) A. Chev.), Ipê (*Tabebuia serratifolia),* Piquiá (*Caryocar villosum* Pers.), Sapucaia (*Lecythis pisonis* Cambess.), Louro Ferro (*Licaria brasiliense),* Tiriba preta *(Eschweilera sp),* e

Tatajuba (*Bagassa guianensis* Aubl.), que ainda resistem, escondidas nas cacaias, nas pontas de mata e nas capoeiras mais velhas da comunidade.

A atual utilização da Maravuvuia *(Croton Matourensis* Aubl.) para fins de construções rurais na comunidade é um exemplo marcante dessa dificuldade de encontrar as espécies mais adequadas para cada fim. Nota-se que a Maravuvuia *(Croton Matourensis* Aubl.), não é muito adequada para construções, mas “o povo usa ela pra fazer casa, porque as vez não tem outra, né? Mas não é muito boa... é fraca... e é melhor pra carvão e lenha pra forno” (Zé Roberto, Agricultor de Jericó).

Assim como a Maravuvuia *(Croton Matourensis* Aubl.) vem sendo empregada como um produto substituto, quando outro mais adequado não está disponível, o Breu Branco *(Protium pallidum* Cuatric.) é utilizado também, como mostra o detalhe fotográfico (Figura 11), como um produto substituto, de outra espécie conhecida como Caniçeiro *(Rollinia exsucca* (DC. Ex Dunal) A. C), na confecção de varas de pescar ou caniços.

Como o Caniçeiro, muito freqüente em matas virgens, já quase inexiste em Jericó, o Breu Branco assume sua função em noites de pescaria. “O Breu branco dá um caniço bom mermo... e nóis sai com as vara por baixo da lua graúda...” (Quirino, Agricultor de Jericó).

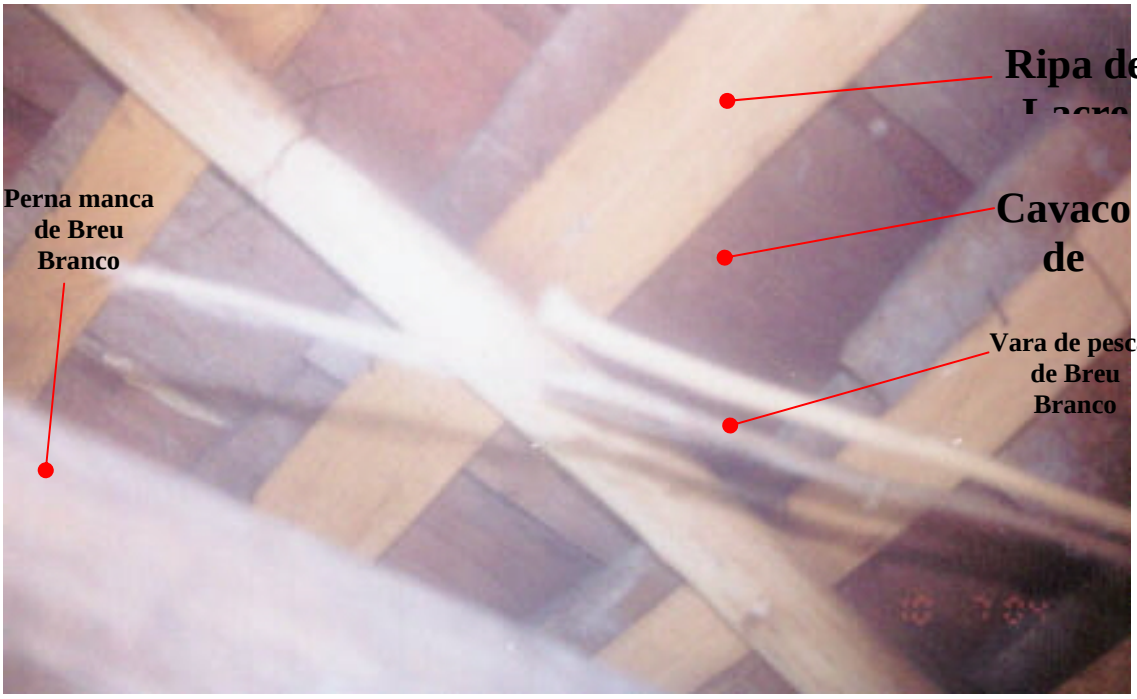


Figura 14 – Teto de uma casa de farinha feito com cavacos de Andiroba (*Carapa guianensis Aubl.)* extraídos de uma ponta de mata, ripas de Lacre Branco (*Vismia cayennensis* Pers.) e pernas mancas de Breu Branco (*Protium pallidum* Cuatric.), extraídos de uma capoeira na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. Destaque para as varas de pescar feitas de Breu Branco da capoeira.
Foto: Paulo Vieira.

Continuando na mesma casa de farinha mostrada, pode-se destacar (Figura 14) uma rosca de Ipê (*Tabebuia serratifolia)*, talhada artesanalmente, cuja finalidade é a prensagem da mandioca previamente amolecida no igarapé, para extração do excesso de umidade, o chamado tucupi, da sua massa bruta (Figura 15), que chega dentro de caçuás, no lombo de animais de carga. Além da funcionalidade, a peça se apresenta como de uma beleza estética inconfundível.



Figura 15 – Rosca de Ipê (*Tabebuia serratifolia)*, talhada artesanalmente, como componente de uma prensa utilizada para prensagem da mandioca em uma casa de farinha na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará.
Foto: Paulo Vieira.

Na figura abaixo pode-se observar a farinha em processo de beneficiamento. O forno é alimentado com lenha e nele a farinha é torrada até o ponto ótimo, mas para que esse ponto seja atingido com sucesso é preciso mexer a farinha com cuidado e com um mexedor adequado. “O mexedor bom é o que nóis faz com Cabo de Rodo (*Guatteria poeppigiana* Mart.), tem dele aí pelas capoeira... fica um mexedor levinho e forte, faz a farinha bonita e não cansa muito nóis”. (José, Agricultor de Jericó).

Nesse discurso simples, o agricultor demonstra a densidade do seu conhecimento sobre as qualidades do material utilizado na função para a qual se destina. Constrói uma relação

muito particular entre o instrumento e o produto final: ‘mexedor levinho e forte’ é igual a ‘farinha bonita’, produzida com prazer, sem cansaço.



Figura 16 – Interior de uma casa de farinha em funcionamento na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. Destaque para o tacho, onde a farinha está sendo assada, para o mexedor de farinha feito a partir de uma espécie conhecida como Cabo de Rodo (*Guatteria poeppigiana* Mart.), e para a base do forno feito com madeira da capoeira e barro.
Foto: Paulo Vieira.

Outro produto componente da casa de farinha é a base do forno feito com madeiras finas das capoeiras entrelaçadas com cipós, também da capoeira, preenchidos com barro (assim como nas paredes das casas é também chamado de *enchemeio*). A base do forno além de suportar altas temperaturas tem boa durabilidade na casa de farinha.

Observa-se que nessa visita, a uma casa de farinha típica de Jericó, foram desnudados muitos produtos das capoeiras, geralmente das mais velhas, cacaias e das pontas de matas, cuja apropriação e emprego, por parte das famílias, são muito claros e diretos. Nas capoeiras com menos de dez anos de idade, apenas a espécie conhecida como Cabo de Rodo (*Guatteria poeppigiana* Mart.), existe em ponto de ser usada, na forma de mexedor. Dentre as

empregadas nessa casa de farinha, as outras espécies são oriundas de capoeiras com mais de dez anos, de cacaias, ou de pontas de mata. Das capoeiras jovens também se pode identificar na casa de farinha a lenha para forno.

Seria difícil imaginar uma casa de farinha tradicional dessa região, coberta com telhas convencionais, sabendo que o calor gerado pelo forno é muito intenso e que esse tipo de cobertura não teria bom desempenho quando comparado àquele feito com cavacos de madeira. E, como espremer o tucupi da massa da mandioca, com eficiência, rapidez e pouco gasto de energia, sem uma prensa desse tipo? Sem falar no caçuá, que é muito útil no transporte da mandioca do igarapé até a casa de farinha, na base do forno, que suporta altas temperaturas e no mexedor de farinha adequado, determinante para a boa aparência e qualidade do produto final.

Esses equipamentos funcionam atuando no sucesso e na rapidez do processo. Ou seja, essa atividade, que é a mais importante atividade produtiva na comunidade é assegurada pelos recursos existentes nas florestas. Lembrando que a farinha é vendida e consumida, e ainda, que é o principal produto beneficiado, gerado a partir do principal produto cultivado, a mandioca.

Nessa casa de farinha podemos perceber a utilidade da floresta não apenas quando garante todos os elementos para uma *casa de farinha*, para os agricultores não trabalharem a pleno sol, ou como fornecedora de matéria prima para confecção de equipamentos necessários às operações fundamentais (caçuá, mexedor, prensa, lenha, machado, forno), mas como garantidora da perpetuação da feitura da farinha dentro de padrões culturais preservados.

Em outras palavras, as florestas garantem a tradicional cultura da farinha em Jericó. Logo, o bom desempenho dessas, e de outras atividades, de naturezas diversas, em Jericó está arraigado ao cerne de cada árvore que ainda existe à sua volta.

Na comunidade, madeiras mais resistentes como Andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.), Ipê (*Tabebuia serratifolia),* Cupiúba *(Goupia glabra),* Cumarú (*Dipteryx odorata* Aubl.), Jarana *(Lecythis lurida* (Miers) S. A. Mori.), Maçaranduba (*Manilkara huberi* (Ducke) A. Chev.), Piquiá (*Caryocar villosum* Pers.), Sapucaia (*Lecythis pisonis* Cambess.), Louro Ferro (*Licaria brasiliense*) e Tatajuba (*Bagassa guianensis* Aubl.) aparecem no discurso das famílias como espécies de uso múltiplo, "serve pra tudo... tábua, perna manca, travessa, ripa, cama, armário, esteio, cerca, mesa, estaca pra pimenta... e tudo quanto" (Gilmar, Agricultor de Jericó) e por isso mesmo, são espécies de pouca incidência na comunidade, sabendo que os madeireiros avançaram sobre elas assim que o ramal de acesso foi aberto.

Essas espécies ainda existem em pequena escala nas pontas de matas, cacaias e nas capoeiras mais velhas de Jericó, que não são tantas, como veremos em detalhe no capitulo seguinte.

Alguns produtos gerados a partir dessas espécies são difíceis de serem reproduzidos com espécies substitutas da capoeira, como por exemplo, o cocho (Figura 17) talhado em Cupiúba *(Goupia glabra),* utilizado para dar de comer aos animais de carga, por precisar de uma árvore grossa e resistente, características encontradas principalmente em espécies de vegetação mais antiga do que em capoeiras.

Outro exemplo é a Maçaranduba (*Manilkara huberi* (Ducke) A. Chev.), madeira dura e pesada, que além dos usos já descritos também é empregada para fazer um tipo de "curral no igarapé" onde a mandioca fica de molho para amolecer, e só assim não é levada pela correnteza.

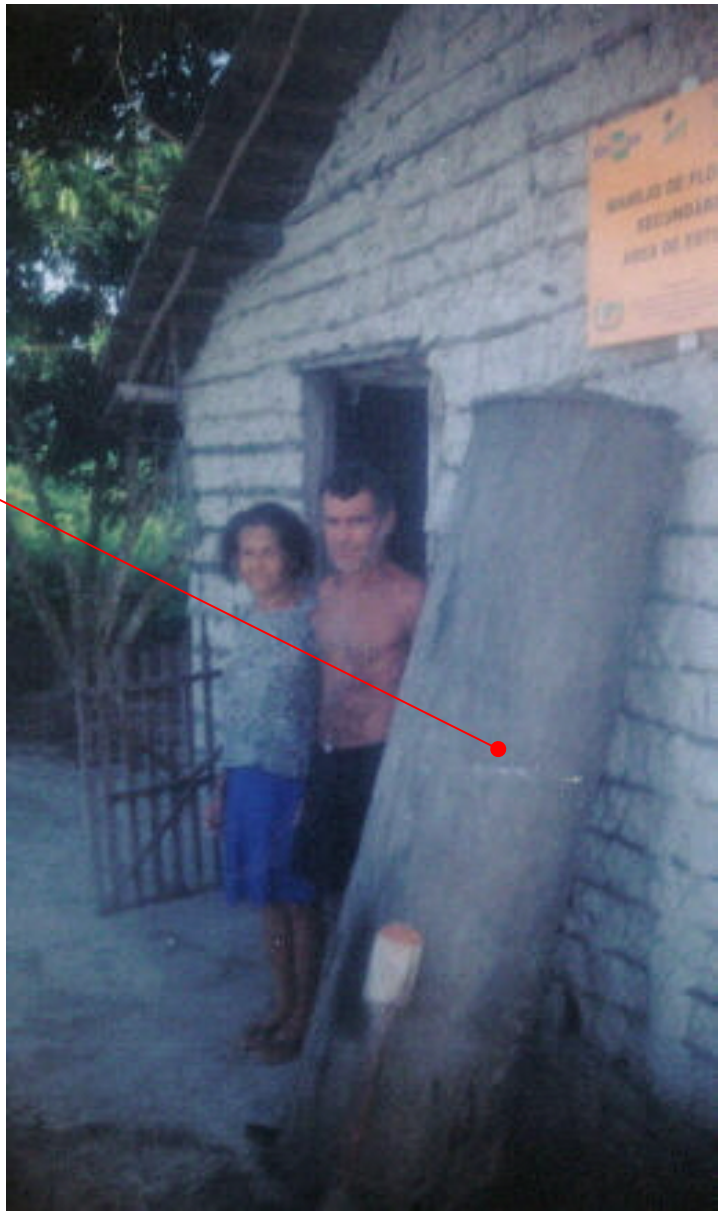


Figura 17 – Cocho talhado em Cupiúba *(Goupia glabra)*, utilizado para alimentação de animais de carga na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará.
Foto: Paulo Vieira.

Na opinião dos agricultores essa espécie resiste ao contato com a água por tempo indeterminado sem apodrecer. Eles não conhecem outra espécie que apresente tamanha durabilidade, quando em contato direto com a água, “o curral de andiroba é a melhor... fica mergulhada e não se estraga nunca.” (Antônio Frosino, Agricultor de Jericó).

Muitas dessas espécies de madeiras de lei, da época da entrada dos madeireiros na comunidade, ainda hoje resistem conservadas mortas, estiradas sobre o solo, abandonadas

pelos madeireiros que após derrubá-las perceberam que estavam ocas, ou que eram tortuosas. Outras, resistindo ao fogo dos sucessivos incêndios e/ou dos roçados, ficam por muito tempo mortas em pé, como se aguardassem serem utilizadas.

Essas espécies servem, em ambos os casos, como um estoque a mais de madeira, haja vista que, graças à sua qualidade material, são capazes de resistirem por muitas décadas.

> Eu broco e deixo em pé as Sapucaia, Jarana, Louro Ferro, Tiriba Preta, Maçaranduba, mas quando tem muita dessa a gente raleia [derruba as mais finas, geralmente ocorre em cacaias], na capoeira queima tudo, mas nóis tira a lenha na broca, aí as que fica em pé queima só as ponta das rama. Deixo essa árvore em pé e faço a roça com elas lá, por elas ser árvore potente, forte, elas não cai, só passa a soltá a galha depois de 5 ou 6 ano, lá [dentro do roçado] fica uma madeira seca em pé que quando você precisa tá lá, mas se você derruba na broca o fogo leva. (Zé Paulista, Agricultor de Jericó).

Zé Paulista ao instalar um pimental com 3700 pés em sua área, utilizou 3700 estacas de diversas madeiras, como: Sapucaia (*Lecythis pisonis* Cambess), Jarana *(Lecythis lurida* (Miers) S. A. Mori.), Louro ferro (*Licaria brasiliense*), Tiriba Preta *(Eschweilera sp.)* e Maçaranduba (*Manilkara huberi* (Ducke) A. Chev.). Utilizando aquelas árvores que se encontravam caídas e abandonadas dentro de suas capoeiras e pelo meio do roçado há muitos anos, além daquelas que conservou mortas em pé quando fazia seus roçados anteriores em rodízio, valendo-se da técnica acima referida.

Essas árvores *mortas-úteis* têm igual serventia nas construções rurais, e na opinião do agricultor “é muito melhor um tronco desse de lei morto, pra fazer um esteio, uma perna manca, do que uma viva que não se agüenta” (Idem).

Outro emprego dessas árvores, sejam elas do estoque vivo ou do estoque morto, muito evidenciado nos lotes das famílias, é na forma de cercas e casas para suas criações de quintal: cercas de currais de animais de carga, chiqueiros de porcos, apriscos para carneiros e abrigo para galinhas, perus e patos. (Figura 18).



Figura 18 – Chiqueiro de porcos, na área do Agricultor Zé Paulista, construído utilizando árvores mortas conservadas em seu lote para uso múltiplo. Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará.
Foto: Paulo Vieira.

Em Jericó, os animais de porte pequeno e médio como porcos, carneiros, galinhas etc, precisam estar ao alcance dos olhos “porque se nóis não prende as criação elas ataca a roça e cisca, estraga tudo... porco é bicho danado... fuça mermo, tem que prendê...” (Cícera, Agricultora de Jericó). Desta forma o uso de cercas e casas para comportar as criações de quintal evita prejuízos na agricultura.

É importante lembrar que o implemento desses materiais proporciona economia à família que dispõe do recurso, pois se tivesse de desembolsar dinheiro para a compra de estacas, tábuas, caibros, etc, para fazer suas construções rurais, lembrando que essas construções são imprescindíveis para o bom desempenho do lote, comprometeria parte de sua renda.

Existem ainda outros produtos das florestas de igual importância para o cotidiano das famílias de Jericó, como: caças, frutos (para alimentar caças, criações e a própria família), materiais para confecção artesanal de produtos (como gaiolas, baladeiras, paneiros, caçuá,

mexedor de farinha, cabo de machado e de foice, etc), mel selvagem, além de plantas de uso medicinal (Quadro 5).

A seguir, apresentamos as principais ocorrências vegetais nas capoeiras, cacaias e pontas de mata, considerando principalmente as plantas nativas e espontâneas. É evidente que algumas delas são produto de atividade humana, mas não foram incluídas aquelas domesticadas como o caju, a manga, a banana, a laranja, entre outras que serão abordadas mais adiante. A lista de espécies foi gerada a partir de *visitas às florestas em companhia dos agricultores* Quirino, Zé Paulista, Miguel e Antônio Frosino.

Quadro 5 – Lista das espécies ocorrentes, e suas principais utilidades, na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará, levantada através de visitas à capoeiras velhas, cacaias e pontas de mata em companhia de agricultores familiares.

Nome popular	**Nome científico**	**Principais utilidades**	**Informante**
Abiurana	*Pouteria guianensis* Aubl.	Madeira para construção de casas e mão de pilão	Miguel
Açaí	*Euterpe oleracea* Engl.	Folhas utilizadas para fazer gaiolas, fruto comestível, chá das raízes utilizado como vermífugo	Quirino
Andiroba	*Carapa guianensis* Aubl.	Cavacos (durabilidade de 15 anos) para telhado da casa de carneiros, casa de moradia e casa de farinha; caixa de abelhas; remédio da casca para febre e óleo das sementes para dores musculares e luxações	Miguel
Apeú	*Fícus nynphaefolia*	Carvão, seus frutos servem de alimento para caça, carvão de ótima qualidade	Miguel
Bacaba	*Oenocarpus distichus* Mart.	Folhas utilizadas para fazer gaiolas, fruto comestível	Miguel
Barbatimão	*Maytenus myrsinoides* Reissek.	Madeira para construções rurais; planta medicinal usada no trato de infecções, amplamente conhecida em Jericó	Zé Paulista
Breu Branco	*Protium pallidum* Coutric.	Usado para lenha, madeira para construções rurais; serve para fazer caniço de pesca (substituindo a espécie caniçeiro que é mais freqüente nas matas virgens do que na capoeira). Sua resina em contato com o fogo exala agradável odor.	Miguel
Breu Vermelho	*Protium sagotianum* March.	Usado para lenha, madeira para construções rurais e sua resina em contato com o fogo exala agradável odor.	Quirino
Breu Sucuruba	*Trattinickia rhoifolia* Willd	Usado para lenha, madeira para construções rurais e sua resina em contato com o fogo exala agradável	Antônio Frosino

Nome popular	Nome científico	Principais utilidades	Informante
		odor.	
Buiuçu	*Ormosia coutinhoi* Ducke	Carvão e banho místico para chamar caça	Miguel
Cabo de Rodo	*Guatteria poeppigiana* Mart.	Usado para confeccionar o instrumento conhecido como mexedor de farinha, usado em casa de farinha	Antônio Frosino
Caçador ou Jatereua	*Lecythis idatimon* Aubl.	Madeira de lei, para tábuas, pernas mancas, caibros, linhas, travessas, ripas, camas, armários, sua casca é utilizada como corda para amarração de caças	Miguel
Cajuí	*Anacardium microcarpum*	Fruto comestível, especialmente para os porcos do mato, porcos do quintal (quando visitam a floresta) e passarinhos	Zé Paulista
Caniçeiro	*Rollinia exsucca* (DC. Ex Dunal) A. C.	Encontrado em pequenas áreas de mata que ainda existem em Jericó, utilizado para fazer caniço para pesca, adulto serve para caibro, tábua, ripas e travessas	Miguel
Capeba	*Piper rohru*	Folha usada para cataplasma	Quirino
Parapara	*Jacaranda copaia*	Utilizada em construções rurais	Quirino
Carara	*Buchenavia parviflora*	Utilizado como peças de madeira para curral e tábua	Zé Paulista
Cedro	*Cedrela odorata* Ruiz et Pav.	Madeira de alta qualidade utilizada para tábuas, pernas mancas, caibros, linhas, travessas, ripas, camas, armários e remédio para inflamações	Miguel
Cipó Timbó	*Thoracocarpos bissectus*	Confecção de paneiro para buscar mandioca no igarapé chamado caçua (hoje praticamente inexiste em Jericó, por ser mais freqüente em matas primárias)	Quirino
Cipó Açoita Cavalo	*Luehea duckeana*	Confecção de paneiro para buscar mandioca no igarapé chamado caçua (quando havia mata era feito com o Timbó, agora estão substituído por espécies da capoeira)	Quirino
Cipó de Alho	*Adenocalymma alliaceum*	Para amarração da estrutura de chiqueiro de porcos, casas de carneiros e casas de moradia; confecção de paneiro para buscar mandioca no igarapé chamado caçua (quando havia mata era feito com o timbó, agora estão substituindo por espécies da capoeira)	Quirino
Cipó Cachimbo	*Gesnesia sp.*	Utilizado para amarração e para fazer cachimbo	Miguel
Cipó de Fogo	*Davilla áspera* (Aubl.) Benoist	Cortado libera uma água que serve aos caçadores quando estão no mato com sede	Antônio Frosino
Cipó Fantasia	*Macherium quinata*	Cipó cuja seiva serve para camuflar a roupa com desenhos	Antônio Frosino
Cipó Escada de Jabuti	*Bauhinia guianensis* Aubl.	Usada a raspagem da casca no tratamento de ameba	Zé Paulista
Cipó Japecanga	*Smilax aequatorialis*	Raiz utilizada como chá, para dor combater dor de coluna, madeira empregada em construções rurais	Antônio Frisono
Cipó Titica	*Heteropsis tenuispadix* G. S. Bunting	Para amarração da estrutura de chiqueiro de porcos, de (enchemeio) de casas de carneiros e de casas de moradia; confecção de paneiro para	Antônio Frosino

Nome popular	Nome científico	Principais utilidades	Informante
		buscar mandioca no igarapé chamado caçua (quando havia mata era feito com o timbó, agora estão substituídos por espécies da capoeira)	
Cipó Unha de Gato	*Uncaria guianensis* J. F. Gmel.	Utilizado como remédio para infecções	Zé Paulista
Copaíba	*Copaifera duchei* Duyer	Madeira de lei, para tábuas, pernas mancas, caibros, linhas, travessas, ripas, camas, armários; alimento para caças; e seu óleo é medicinal, conta inflamações	Quirino
Coquinho ou Mumbaca	*Astrocarium gynacanthum*	Sua batata é utilizada contra veneno de cobra, seus frutos são consumidos pelos porcos do mato e do quintal e pelos tatus	Quirino
Cumarú	*Dipteryx odorata* Aubl.	Madeira de lei, para tábuas, pernas mancas, caibros, linhas, travessas, ripas, camas, armários	Zé Paulista
Cupiúba	*Goupia glabra*	Utilizada como caibros, tábuas, pernas mancas, cocho para animais e na confecção do bufete (arma de fogo para caça)	Quirino
Embauba	*Pourouma guianensis* Aubl.	O sumo de suas folhas mais jovens é utilizado em Jericó para cicatrizações de ferimentos, não é boa lenha	Zé Paulista
Embaubarana	*Pourouma sp.*	Utilizado como casa de abelhas, boa para adubar a terra	Zé Paulista
Faveira	*Samanea multiflora*	Utilizado como madeira na construção de casas, armário, cama, mesa	Quirino
Faveira branca	*Parkia decussata* Ducke	Lenha de baixa qualidade	Miguel
Goiabinha	*Eugenia lambertiana* DC.	Seu fruto é alimento para Jabuti; ramas utilizadas para fazer vassouras.	Miguel
Guajará	*Chrysophylum excelsum*	Lenha e carvão	Zé Paulista
Guajará de Pedra	*Chrysophylum sp.*	Cavacos para telhado da casa de moradia (a durabilidade é de 20 anos, 50% do que os feitos com Andiroba, por exemplo)	Antônio Frosino
Guarimã	*Ischnosiphon arouma*	Utilizado para fazer paneiro, peneira de massa de farinha e abano	Quirino
Guarina	*Atalea sp.*	Suas raízes são alimento de porco do mato, e porco do quintal	Miguel
Janaguba ou Burra Leiteira	*Sapium sceleratum*	O leite é usado contra inflamações. Como lenha não é boa, nem sua madeira	Antônio Frisono
Jarana	*Lecythis lurida* (Miers) S.A. Mori	Madeira de lei, para tábuas, pernas mancas, travessas, ripas, estacas para pimenta, camas, armários	Miguel
Jeniparana	*Gustavia augusta* L.	Raspagem da casca adicionada ao Peão Roxo no combate do veneno de cobra; ainda jovem serve para fazer cabo de enxada, foice e machado	Miguel
Jiquiri	*Mimosa anulares*	Lenha e alimento para pássaros	Quirino
João Mole	*Neea oppositifolia*	Não tem utilidade, segundo o agricultor serve apenas para alimentar as outras plantas com nutrientes	Zé Paulista
Junco	*Eleocharis geniculata* (L.) Roem et Schult.	Para confecção de suador (proteção para o animal que fica entre seu corpo e a cela) para animais de carga	Miguel
Jutaí Pororoca ou Jutaí Café	*Himenaea parviflora* Huber	Madeira para construção de casas, faz-se lambedor medicinal, fruto comestível	Zé Paulista

Nome popular	Nome científico	Principais utilidades	Informante
Lacre Branco	*Vismia cayennensis* Pers.	Vara e perna manca para construção de casa de moradia, casa de carneiro, chiqueiros dos porcos, casa de farinha	Quirino
Lacre vermelho	*Vismia guianensis* (Aubl) Choisy.	Utilizado para caibro, cerca, lenha, carvão	Miguel
Louro	*Ocotea longifólia* H.B. K.	Utilizado como caibros, tábuas, pernas mancas, travessas para construção de casas, cabo de rodo, cabo de enxada, foice e machado	Zé Paulista
Louro Branco	*Ocotea caudata*	Utilizado como caibros, tábuas, pernas mancas, travessas para construção de casas, cabo de rodo, cabo de enxada, foice e machado.	Antônio Frisino
Louro Ferro	*Licaria brasiliense*	Esteio de casa, estacas para pimenta	Antônio Frosino
Louro Vermelho	*Octea rubra*	Utilizado como tábuas serradas para construção de casas	Quirino
Maçaranduba	*Manilkara huberi* (Ducke) A. Chev.	Madeira de lei para tábuas, pernas mancas, travessas ripas, camas, armários, utilizado também para fazer curral para mandioca no igarapé, porque é mais durável, cavacos para telhado da casinha dos carneiros, casa de moradia, casa dos porcos, casa de farinha; estacas para pimenta, utilizado também para lenha e carvão	Zé Paulista
Malícia	*Mimosa pudica*	Remédio para fraqueza	Quirino
Marajá	*Bactris marjay*	Fruto comestível	Miguel
Maravuvuia	*Croton Matourensis* Aubl.	Vara e perna manca para construção de casa de moradia, casa carneiro, casa dos porcos, casa de farinha	Miguel
Morototó	*Schefflera morototoni* Aubl. Maguire, Steyerm. et F.	Utilizado para fazer gaiolas, sua lenha não é muito boa	Antônio Frisino
Mucucu	*Licania heteromorpha* Benth.	Carvão de alta qualidade e madeira para construções utilizada como caibros	Miguel
Muruci	*Bisonima aerugo* Sagot.	Fruto comestível, madeira empregada em construções rurais	Antônio Frisino
Palheira	*Mauritia armata*	Utilizado para fazer gaiolas	Quirino
Paricá	*Schyzolobium amazonicum* Huber ex Ducke	Principalmente lenha, alimento para pássaro.	Miguel
Planta Sabão	*Miconia Ceramicarpa*	Sua folha contém um tipo de sabão natural e serve pra lavar louça	Miguel
Ipê ou Pau D'arco	*Tabebuia serratifolia*	Madeira de lei para tábuas, pernas mancas, travessas ripas, camas, armários; rosca talhada artesanalmente para componente de prensa nas casas de farinha	Antônio Frosino
Paxiuba	*Socratea guianensis*	Ripas para casas	Zé Paulista
Peão Roxo	*Jatnopha gossypifolia* L.	Sumo da raiz adicionado a Jeniparana e/ou coquinho no combate ao veneno de cobra	Miguel
Pepino do Mato	*Ambelania acida* Aubl.	Fruto comestível	Quirino
Periquiteira	*Cochlospermum orinocense*	Fruto para pássaros, principalmente perequitos	Zé Paulista
Pintadinho	*Licania xunthiana*	Carvão de alta qualidade e madeira para construções utilizada como caibros	Miguel
Piquiá	*Caryocar villosum* Pers.	Madeira para construção de casas e frutos comestíveis, utilizado também na confecção do Bufete (arma de fogo para caça)	Antônio Frosino

Nome popular	Nome científico	Principais utilidades	Informante
Salsa	*Petroselimum sativum*	Suas raízes são comida de porco do mato, e porco do quintal	Miguel
Sapucaia	*Lecythis pisonis* Cambess.	Madeira de lei, para tábuas, pernas mancas, travessas, ripas, cavacos, camas, armários, estacas para pimenta, utilizado como rosca talhada artesanalmente para compor prensas nas casas de farinha; fruto comestível	Miguel
Tamanqueira	*Zanthoxylum pentandra* Aubl.	Utilizado para fazer tamancos	Zé Paulista
Tatajuba	*Bagassa guianensis* Aubl.	Madeira de lei, para tábuas, pernas mancas, travessas, ripas, camas, armários	Miguel
Tatapiririca	*Tapirira guianensis* Aubl.	Carvão e lenha; para construções não é muito adequada mas vem sendo utilizada também para esse fim	Antônio Frisino
Tauari	*Couratari oblongifolia* Ducke et Kunth	Tábua serrada, pernas mancas e ripas	Miguel
Tachi Pitomba	*Tachigali paniculata* Aubl.	Madeira útil na forma de tábua, lenha, carvão, caibro, mas cujo uso é evitado por ser considerada uma árvore que causa azar	Antônio Frosino
Tachi Branco	*Sclerolobium paraense* Huber	Madeira para tábuas, pernas mancas, travessas, ripas para construção de casas, mas cujo uso é evitado por ser considerada uma árvore que causa azar	Antônio Frosino
Timbó	*Derris spruceanus*	Encontrado em pequenas áreas de mata que ainda existem em Jericó, utilizado como veneno na pesca. (Não confundir com o Cipó Timbó, citado anteriormente)	Miguel
Timborana	*Pseudopiptadenea suavedens* (Miq.) Gnimes.	Madeira para construção de casa como tábua	Zé Paulista
Tinteiro branco	*Miconia minutiflora* Cogn.	Serve para lenha, carvão, linha de casa e travessa	Quirino
Tiriba	*Eschweilera sp.*	As varas compõe a estrutura preenchida com barro para parede (enchemeio), cavacos para telhado da casinha dos carneiros, casa de farinha	Miguel
Tiriba Branca	*Eschweilera coriaceae*	Madeira ótima, para tábuas, pernas mancas, travessas, ripas, camas, armários	Quirino
Tiriba Preta	*Eschweilera sp.*	Madeira ótima, para tábuas, pernas mancas, travessas, ripas, camas, armários, estaca para pimenta, carvão	Miguel
Uxirana	*Sacoglottis guianensis*	Remédio, madeira para tábua e perna manca e fruto comestível	Quirino
Vassoura de Botão	*Borreria verticillata* (L.) G. Mey.	Utilizado na confecção de creme para cicatrização de feridas	Zé Paulista
Verônica	*Dalbergia monetária* L. F.	Remédio para inflamações	Miguel

Fonte: Trabalho de campo.

A utilidade das 88 plantas listadas demonstra o conhecimento e uso de largo universo botânico ainda presente em Jericó, e reforça a noção da importância, além de demonstrar seus conhecimentos culturalmente aprendidos no dia-a-dia em convivência direta com as florestas.

3.2 Caças e outros alimentos alternativos na comunidade

Os frutos das palmeiras de açaí (*Euterpe oleracea* Engl.) e Bacaba (*Oenocarpus disticus* Mart.) geram um suco muito apreciado pelas famílias em Jericó, servindo de alimento também para aves que vivem na floresta. De suas folhas, talas são extraídas para a confecção de gaiolas.

Em Jericó muitos pássaros da floresta são caçados por crianças, com baladeiras, mortos e consumidos após serem assados, outros são capturados em alçapões confeccionados com o mesmo material das gaiolas onde ficam presos, dependurados em alpendres e janelas de casas da comunidade “Meu filho de 9 ano gosta de caçar passarinho no roçado, na capoeira, onde der certo...” (José Maria Orlando, Agricultor de Jericó).

Essas aves, que são caçadas pelas crianças, acabam servindo de alimento quando os pais se demoram muito no roçado ou quando não há nenhuma previsão de almoço. Constitui-se em fonte de proteína importante na alimentação infantil. Outras espécies utilizadas para confecção de gaiolas conhecidas em Jericó são Morototó (*Schefflera morototoni* Aubl. Maguire, Steyerm. et F.) e Palheira (*Mauritia armata*).

As caças de médio porte, ainda encontradas na comunidade, que contribuem para a alimentação da família são: porco do mato (ou catitu), veado, tatu e paca. Estes animais geralmente são caçados pelo pai da família, que utiliza arma de fogo artesanal; o chamado *bufete* (Figura 19), confeccionado utilizando-se madeira das espécies conhecidas por Cupiúba (*Goupia glabra)* e/ou Piquiá (*Caryocar villosum* Pers.).



Figura 19 – Telhado de uma casa típica, feito com material da floresta, cavacos, ripas e caibros. Destaque para o *bufete*, arma artesanal confeccionada artesanalmente a partir de duas espécies, Cupiúba (*Goupia glabra)* e Piquiá (*Caryocar villosum* Pers.), em Jericó, Garrafão do Norte, Pará.
Foto: Paulo Vieira.

Apeú *(Ficus nimphaefolia)*, Cajuí *(Anacardium microcarpum)*, Copaíba (*Copaifera duchei* Duyer), Goiabinha *(Eugenia lambertiana* DC.), Guarina (*Atalea sp*), Jiquiri *(Mimosa anulares)*, Marajá *(Bactris maraya)*, Mumbaca *(Astrocarium gynacanthum)*, Paricá *(Schyzolobium amazonicum* Huber ex Ducke.), Pepino do Mato *(Ambelania acida* Aubl.), Piriquiteira *(Cochlospermum orinocense)*, Piquiá *(Caryocar villosum* Pers.), Salsa *(Petroselimum sativum)*, Sapucaia *(Lecythis pisonis* Cambess.) e Uxirana *(Sacoglottis amazônica)* são fornecedoras de frutos para caças terrestres e aéreas, sendo que Cajuí *(Anacardium microcarpum)*, Marajá *(Bactris maraya)*, Pepino do Mato, Piquiá e Sapucaia, são também consumidas, em pequena escala, pelas famílias, sem falar nos porcos de quintal que, estando soltos, passam pela capoeira, cacaia ou ponta de mata e consomem também parte desses frutos que encontram pelo caminho.

A pesca contribui esporadicamente, em Jericó, na alimentação das famílias, lembrando que o principal rio e o principal igarapé que passam dentro da comunidade (Rio Mamorana e Igarapé Água Branca) necessitam de florestas em suas margens, as chamadas matas ciliares, para protegê-los do assoreamento.

Desta forma, a possibilidade da pesca, como benefício às famílias, está intimamente relacionada com a presença ou não de vegetação nas áreas, pois que um rio sem vegetação em seu redor “fica muito feio, os peixe foge é tudo, a água fica feinha, velha... nóis aqui luta pra não derrubarem as mata da beira... mas tem quem não entende, sabe?” (Zé Paulista, Agricultor de Jericó).

Revela-se, neste depoimento, uma compreensão da relação com a natureza em que preservar é, de certa forma, manter as fontes de retirada de produtos por um tempo ilimitado, podendo ser relacionado também a um conceito de qualidade de vida que inclui o conforto da contemplação e de preservação dos recursos naturais.

3.3 Plantas medicinais utilizadas na comunidade

Em Jericó produtos como óleo de Copaíba (*Copaifera duchei* Duyer) e Andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) são conseguidos com dificuldade, devido a pressão sobre essas espécies, ainda encontradas, raramente, em cacaias, pontas de mata e capoeiras mais velhas. Ocorre o mesmo com o mel de abelha selvagem, haja vista que as abelhas geralmente são encontradas nas vegetações mais antigas.

> Aqui nóis ainda tem o mel dos mato mas porque nóis tem capoeira velha e uma parte de cacaia... na capoeira quase não tem mais Copaíba. Essa aqui [referindo-se ao vidro de copaíba comprado na farmácia] é fraquinha, não tem nem cheiro, mas serve. Boa mermo é a que tinha nas mata, era cheirosa, forte (Maria, agricultora de Jericó).

A agricultora demonstra, em seu discurso certa preferência pelo produto extraído diretamente da floresta, deixando claro que, em sua opinião, entre um produto, no caso um remédio (a Copaíba), comprado na farmácia (“é fraquinha, não tem nem cheiro...”) e um produto extraído diretamente da floresta, por ela mesma, (“boa mermo é a que tinha nas mata, era cheirosa, forte”) teria preferência pelo segundo. Contudo, ela reafirma a dificuldade de se obter esses produtos, pois (“na capoeira quase não tem mais Copaíba...”).

Poderia se dizer que seu discurso soa contraditório, uma vez que reconhece o valor do produto da mata, mas está concretamente utilizando o produto industrializado, de duvidosa qualidade segundo ela mesma. Entretanto, a não disponibilidade da andiroba ‘boa mermo’, que praticamente foi extinta na área devido às pressões relatadas, a leva a utilizar o produto comprado na farmácia e, como se observa, a contragosto.

Existem nessas florestas muitas plantas de uso medicinal, a saber: o próprio Açaí (*Euterpe oleracea* Engl.) que tem utilidade vermífuga em suas raízes servidas como chá. A partir das sementes da Andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) faz-se um óleo utilizado no

tratamento de dores musculares e luxações; com as cascas dessa espécie se faz chá para combater a febre. As folhas do Parapara *(Jacaranda copaia)* são utilizadas para fazer cataplasmas; a casca do Cedro (*Cedrela odorata* Ruiz et Pav.) é útil para tratar inflamações também como chá; o Cipó Escada de Jabuti (*Bauhinia guianensis* Aubl.) segundo as famílias de Jericó serve para combater a Ameba (*Entameba sp)*, raspando-se o cipó e fazendo-se o chá com essas raspagens; o Cipó unha de Gato (*Uncaria guianensis* J. F. Gmel.), na comunidade, é utilizado para tratar infecções; o óleo extraído do tronco da Copaíba (*Copaifera duchei* Duyer) serve para inflamações na garganta e no útero; as folhas jovens da Embauba (*Pourouma guianensis* Aubl.) servem, depois de maceradas, para a cicatrização de ferimentos; o leite liberado pelo tronco da espécie conhecida como Burra Leiteira *(Sapium sceletaratum)* também é utilizado no tratamento de inflamações; a espécie conhecida popularmente em Jericó como Jeniparana (*Gustavia augusta* L.) é utilizada em associação com o Peão Roxo (*Jatnopha gossypifolia* L.) no combate ao veneno de cobra; a Verônica (*Dalbergia monetaria* L. F.) é utilizada na forma de chá para combater infecções uterinas. O Barbatimão (*Maytenus myrsinoides* Reissek.) serve para combater infecções e, dentre as espécies utilizadas para fins medicinais, é a mais popular da comunidade.

CAPITULO IV – Diferenciação social a partir do uso da vegetação

4.1 A vegetação como patrimônio

As cinqüenta famílias entrevistadas abrangem 61,6 lotes de um total de 80 lotes que formam a comunidade, o que representa uma amostragem de 77% da totalidade das terras de Jericó.

Aproximadamente 35% dessa área (21,7 lotes) é coberto por capoeiras, sendo que quase a metade desse total de capoeiras (9,5 lotes) tem de um a três anos de idade (Tabela 2). Capoeiras com mais de 5 e até 10 anos representam 6% (4 lotes) desse total e aquelas com mais de 10 e até 15 anos não passam de 3% das terras. Capoeiras com idade superior a 15 anos somam 2% apenas da área total dessas famílias.

As áreas de cacaia correspondem a 13% do total das terras das cinqüenta famílias, o que corresponde a 8 lotes. Deve-se ressaltar que as áreas cobertas por cacaias além de terem um tamanho representativo, ficando logo atrás da área total de capoeiras com idades de 1 a 3 anos, concentram-se principalmente nas margens do Rio Mamorana e do Igarapé Água Branca, áreas interditadas de uso para agricultura e/ou pecuária[35], mas que foram, em muitos casos, invadidas pelo fogo.

As áreas de pontas de mata somam 7% do total, o equivalente a 4,5 lotes. Da mesma forma que as cacaias essas áreas também estão distribuídas principalmente ao longo do Rio Mamorana e do Igarapé Água Branca.

Praticamente 55% da área total das cinqüenta famílias entrevistadas são cobertas por capoeiras de várias idades, cacaias e pontas de mata. Há uma evidente predominância de capoeiras de várias idades, destacando-se as de 1 a 3 anos de idade com maior extensão de

[35] Não é comum nessa região a implantação de roçado ou pastagens nas margens dos rios e igarapés.

cobertura somada, o que revela a freqüente pressão exercida sobre a vegetação de capoeira, principal na paisagem, para garantir as produções agropecuárias das famílias.

> Essas capoeirinha nova aí que o sinhô tá vendo... é tudo onde nóis botou roçado... aí botou de novo, aí cansou, e nóis deixamo repousando, num sabe? Aí o sinhô já viu, né? Como roça é todo ano, pra modi nóis se alimentá, e ganhá algum... as capoeirinha vai aumentando de todo lado que nóis enxerga, aí nem dá pra deixar descansá [a terra] muito... que se não nóis num come. (Railton, Agricultor de Jericó).

Este depoimento explica o alto percentual de capoeiras, e principalmente daquelas mais jovens. A realidade cotidiana tem levado a uma situação social intensiva em que “nem dá pra deixar descansá [a terra] muito... que se não nóis não come”. (Railton, Agricultor de Jericó).

Lembramos que a agricultura praticada por essas famílias é aquela de corte e queima tradicional, que se vale de um pousio muito curto, e que é a principal atividade produtiva em Jericó, ao que Railton nos diz, “Como roça é todo ano, pra modi nóis se alimentá, e ganhá algum... as capoeirinha vai aumentando de todo lado que nóis enxerga”. (Railton, Agricultor de Jericó).

Tabela 2 – Tipos de coberturas em 77% do total das terras da Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. Cinqüenta famílias entrevistadas de um total de setenta e quatro. Um lote equivale a 25 hectares; um hectare mede 10000 m^2.

COBERTURAS VEGETAIS	**ÁREA (em lote)**	**ÁREA (em hectare)**	**ÁREA (em percentual %)**
Capoeiras de 1 até 3 anos	9,5	239	15,5
Capoeiras com mais de 3 e até 5 anos	5,2	130	8,5
Capoeiras com mais de 5 e até 10 anos	4	98	6
Capoeiras com mais de 10 e até 15 anos	1,8	46	3,0
Capoeiras com mais de 15 anos	1,2	9	2,0
Cacaias	8	206	13
Pontas de mata	4,5	111	7,2
Pasto	20,8	521	33,8
Roçado	6	151	10

Pimenta, açaí, caju e outros	0,6	14,3	1
TOTAIS	**61,6**	**1525,3**	**100**

Fonte: Trabalho de campo.

Outro fator importante que deve ser destacado é a dificuldade de se trabalhar em uma terra cujo tempo de pousio foi reduzido drasticamente. “Hoje nóis tem que por uma roça maior pra ter a produção de antigamente... Aqui é assim... tanto cansa a terra como cansa o caba, porque num vence uma terra fraca, o colonio vai ficando fraco também.” (Zé Paulista, Agricultor de Jericó).

Como foi exposto, no depoimento acima, capoeiras jovens proporcionam às famílias maior grau de penosidade no trabalho devido ao maior número de capinas e à menor produtividade, justamente porque o tempo durante o qual essas áreas ficam encobertas pela vegetação capoeira é muito curto e, desta forma, “tanto cansa a terra como cansa o caba”. No depoimento a seguir outro agricultor trata dessa dificuldade. “A minha área atual é cansada e eu só consigo botar quatro tarefa[36] de roça, que já tem muita semente de mato, dá trabalho demais, mas se a capoeira for boa dá pra botar até quinze tarefa cada pessoa.” (Zé Maria, Agricultor de Jericó).

O agricultor Zé Maria relata que sua terra já está ‘cansada’ e que ‘dá trabalho demais’. Devido ao uso continuado da vegetação e ao encurtamento do pousio (SHIFT, 1995), novamente podemos perceber que se faz necessário um maior número de capinas no roçado “que já tem muita semente de mato” e conseqüentemente um maior gasto de energia por parte dos agricultores (“eu só consigo botar quatro tarefa de roça”), e sem a garantia de se obter bons resultados.

Portanto, vegetações mais velhas acabam adquirindo imensa relevância para o bom desempenho do grupo familiar (“se a capoeira for boa [entenda-se *mais velha*] dá pra botar até quinze tarefa cada pessoa”).

[36] Uma *tarefa* equivale aproximadamente a 0,3 *hectares*. Sabendo que um hectare mede 10000 m^2, logo uma tarefa mede aproximadamente 3000 m^2.

Gilmar, outro agricultor relata que “A vida é dura e capoeira fraca ninguém num vence não sinhô!”, reafirmando essa dificuldade. Isso está presente também no discurso do agricultor Afonso, “Eu plantei arroz, mas não deu não, que a terra já é fraca... e o passarinho deu descaminho[...]”, sabe-se que em termos nutricionais o arroz (*Oryza sativa,* L.*)* é uma cultura exigente e que uma ‘terra fraca’ não pode atender tais exigências nutricionais, por não dispor de nutriente em abundância. Além disso, é sempre o primeiro cultivo a ser instalado após a primeira derrubada sendo substituído nos anos seguintes pelo capim, mandioca, feijão e milho.

Tendo de suportar na prática o peso, presente em todos esses depoimentos, muitos agricultores deixam claro que se houver a possibilidade de trabalhar em áreas de capoeiras mais antigas optar-se-á por ela, por mais que estas sejam as últimas áreas de capoeiras velhas do lote, ou que o roçado seja implantado em área disponibilizada por amigos ou parentes. “Tem gente que prefere pidi lugá pra roça no vizinho do que lutá com sua terra fraca [aqueles que só dispõem de capoeiras muito jovens] mas é assim, tá certo! Qual é o jeito?” (Zé Roberto, Agricultor de Jericó).

Com estes argumentos, o que se verifica é que a capoeira está sendo valorizada e descoberta pela contradição de não ser tão eficiente quando muito nova, dada a pouca disponibilidade de nutrientes que oferta neste estado. A pressão continua sendo sobre capoeiras velhas e florestas, as quais já se vão acabando, uma vez que se reconhece nelas, quando derrubadas e queimadas, maior capacidade de fornecimento de nutrientes para cultivos temporários.

Claude Lévi-Strauss afirma que “Nenhuma sociedade é perfeita. Todas comportam, por natureza, uma impureza incompatível com as normas que proclamam e que se traduz concretamente por uma certa dose de injustiça, de insensibilidade, de crueldade.” (LÉVI-STRAUSS, 1957, p. 413). Em Jericó, o raciocínio em direção da preservação e melhor uso da floresta não é negado por suas práticas de utilização, culturalmente aprendidas, as quais não

levam em conta, e não tem como levar devido ao desconhecimento de outras alternativas, uma melhor relação com o meio ambiente. Lévi- Strauss ressalta que "...Nenhuma sociedade é essencialmente boa; mas nenhuma é absolutamente má..." (Ibidem, p. 413). As ações degradantes decorrem, no plano da vida social, dos esforços de organização das famílias dentro de suas possibilidades, mas não põe em cheque a validade de suas preocupações ecológicas.

A área total de pasto por pouco não se igualaria, com quase 34% (20,8 lotes), à área total de capoeiras, dentro dos 61,6 lotes que somam o total das terras dos entrevistados. Nesses 20,8 lotes, que correspondem a 521 hectares, existem apenas 304 cabeças de gado.

São mais de 1,7 hectares por cabeça, o que mostra que a implantação de pastagens nessas áreas não tem se dado proporcionalmente ao crescimento da criação bovina por parte das famílias, e sim pela falta de outra opção para esta terra já saturada, cujo encurtamento do pousio cuida em depreciar mais ainda. Deve-se considerar, contudo, que esse pasto é utilizado não apenas pelo gado bovino, mas por outras espécies de caprinos, suínos e aves.

Através dos resultados podemos constatar que 42% dos entrevistados ou 21 famílias criam gado. Deste total apenas 9 famílias detém 259 cabeças, ou seja mais de 85% do gado existente em Jericó, o que dá uma média de 29 cabeças para cada uma dessas 9 família. Os outros 58 % dos entrevistados não possuem criação bovina, mas também seguem implantando pasto nas áreas mais cansadas. Isso reafirma a ociosidade das pastagens e seu crescimento por falta de alternativa melhor. Permite-se levantar a hipótese de um investimento em benfeitoria que valoriza a terra no caso da necessidade de vendê-la.

Os roçados instalados em 2005 somam 10% (6 lotes) do total, contando principalmente com as culturas do feijão, milho e mandioca, sendo esta última a principal das três.

Sabendo que 11% da cobertura florestal atual dessas terras varia de 5 até mais de 15 anos de idade, é de se prever que a implantação dos roçados futuros esteja garantida por essas

capoeiras mais velhas, e que se elas forem utilizadas o ano que vem na mesma proporção deste ano (6 lotes no total) deverão ampliar ainda mais a categoria das capoeiras de 1 a 3 anos no ano seguinte. Permanece o problema do encurtamento no pousio dessas áreas.

As espécies de ciclo mais longo como pimenta do reino com 0,6% (menos de meio lote) do total das terras, açaí com 0,15%, além de caju e outros com 0,2% não chegam a 1% do total da área das cinqüenta famílias entrevistadas na comunidade. De qualquer forma a maioria dos entrevistados possui algum tipo de frutífera nas áreas onde vivem e, da mesma forma, possuem também criações de pequenos animais no quintal (Quadro 6).

Quadro 6 – Frutíferas cultivadas ou de ocorrência natural, criações de quintal ou de animais de carga em áreas de famílias de agricultores em Jericó, Garrafão do Norte, Pará. Cinqüenta famílias entrevistadas de um total de setenta e quatro.

Família	**Quantidades de frutíferas cultivadas ou de ocorrência natural**[37]	**Quantidades criações de quintal ou de animais de carga**
1	1 goiabeira,1 coqueiro, 1 pé de ajiru, 1 ingazeiro, 1 aceroleira, 1 jambeiro, 1 cajueiro, 1 limoeiro, 1abacateiro	3 galinhas
2	800 pés de pimenta do reino (3 tarefas), 100 pés de laranja (meia tarefa), 10 coqueiros, 2 pupunheiras, 1 abacateiro, 1 limoeiro, 2 goiabeiras	100 galinhas
3	700 pés de pimenta do reino (2 tarefas), 30 pés de laranja, 30 açaizeiros, 8 coqueiros, 4 mangueiras, 2 jambeiros	100 galinhas
4	10 coqueiros, 10 bananeiras, 1 limoeiro, 2 murucizeiros, 3 cajueiros	13 galinhas
5	7 coqueiros, 4 laranjeiras, 15 cajueiros, 10 mangueiras, 2 jambeiros	61 galinhas, 3 patos, 2 cavalos, 2 éguas
6	3 jambeiros, 6 coqueiros, 200 pés de laranja, 1 aceroleira	62 galinhas, 2 patos, 2 perus, 2 cavalos
7	banana (1 tarefa), 5 mangueiras, 1 laranjeira, 16 pupunheiras, 2 jambeiros, 2 ingazeiros, pequeno açaizal nativo na beira do rio	3 carneiros, 82 galinhas, 6 porcos, 6 patos, 2 cavalos
8	80 pés de pimenta do reino, 10 mamoeiros, 2 ingazeiros, 2 jambeiros,	12 galinhas, 2 porcos
9	1 mangueiras, 1 mamoeiro, 1 jambeiro, 7 cajueiros	15 galinhas
10	pimenta do reino (5 tarefa), 100 pés de coco, açaí (1 tarefa plantada), 70 pés de	56 galinhas, 15 patos, 2 perus, 3 caixas de abelhas, 10 porcos, 270 tilápias em açude,

[37] Lista com os nomes científicos das espécies citadas no Anexo E.

Família	Quantidades de frutíferas cultivadas ou de ocorrência natural[37]	Quantidades criações de quintal ou de animais de carga
	caju, 8 goiabeiras, 7 aceroleiras, 4 abacateiros, 250 pés de laranja	1 cavalo, 1 burro
11	8 coqueiros, 7 tangerineiras, 1 mangueira, 10 pés de laranja	4 galinhas, 1 burro
12	nada	30 galinhas
13	800 pés de pimenta do reino e 300 pés de caju (3 tarefas)	2 galinhas, 3 patos
14	nada	10 galinhas
15	10 pés de caju, 10 pés de banana, 1 pé de maracujá, 3 mangueiras, 2 goiabeiras	20 galinhas
16	nada	nada
17	4 bananeiras, 4 coqueiros, 1 pé de maracujá	8 galinhas
18	nada	8 galinhas
19	1 bananeira	10 galinhas
20	nada	4 galinhas
21	3 pés de caju, 1 bananeira, 3 coqueiros	4 galinhas
22	200 pés de pimenta do reino (uma tarefa), 4 coqueiros, 80 pés de caju, 1 jaqueira, 8 mangueiras, 1 abacateiro, 3 pupunheiras, 1 limoeiro, 2 laranjeiras	40 galinhas
23	nada	
24	160 pés de coco, 2 cajueiros	5 galinhas
25	2000 pés de pimenta do reino (5 tarefas), 4 coqueiros, 80 pés de caju, 1 jaqueira, 8 mangueiras, 1 abacateiro, 3 pupunheiras, 1 limoeiro, 1 laranjeira	25 galinhas, 2 porcos
26	350 pés de pimenta do reino, 25 pés de coco, 1 açaizeiro, 1 abacateiro, 2 bananeiras, 2 cajueiros, 1 jaqueira, 4 mangueiras, 2 pupunheiras	10 galinhas, 1 burros
27	100 pés de pimenta do reino, 20 pés de açaí, 7 mangueiras, 3 jaqueiras, 7 goiabeiras, 20 coqueiros, 8 pés de acerola, 1 pé de graviola	29 galinhas, 1 cavalo
28	nada	15 galinhas
29	açaí natural (1,5 tarefas na beira do rio), 3 laranjeiras, 2 cajueiros, 5 pupunheiras, 1 jambeiros	20 galinhas, 1 porcos
30	150 pés de pimenta do reino, 1 coqueiro, 3 cajueiros, 2 pés de ameixa, 15 laranjeiras, 1 limoeiro, açaí natural (2 tarefas), 1 goiabeira	30 galinhas, 3 perus
31	nada	nada
32	20 pés de pimenta do reino, 5 pés de coco, açaí natural na beira do rio (não sabe dizer quanto)	60 galinhas
33	4 pés de pimenta do reino, 5 pés de coco, 1 cajueiro, 2 jambeiros, 2 bananeiras	38 galinhas, 2 perus, 1 porco, 1 burro
34	1 pé de mamão	15 galinhas
35	5 bananeiras	2 perus, 4 patos
36	1 ameixeira, 2 pés de coco	20 galinhas, 2 cavalos

Família	Quantidades de frutíferas cultivadas ou de ocorrência natural[37]	Quantidades criações de quintal ou de animais de carga
37	100 pés de pimenta do reino, 1 bananeira	10 galinhas
38	5 laranjeiras, 3 pupunheiras, 2 ingazeiras, 1 jaqueira	40 galinhas, 4 porcos
39	3000 pés de pimenta do reino (6 tarefas), 5 laranjeiras, 3 jambeiros, 4 açaizeiros, 2 pupunheiras, 2 abacateiros, 3 abacabeiras, 2 pés de acerola, 1 pé de cupuaçu, açaí (3 tarefa na beira do rio)	30 galinhas, 22 carneiros, 2 cavalos, 2 burros
40	1 jaqueira, 2 mangueiras, 2 cajueiros, 3 ameixeiras, 2 goiabeiras, 20 pés de pimenta	20 galinhas, 1 carneiro
41	2 mangueiras, 3 laranjeiras, 3 abacateiros, 2 jambeiros, 1 pé de mamão, 3 pés de tangerina, 5 pés de coco, 100 pés de goiaba	5 galinhas
42	1500 pés de pimenta do reino (3 tarefas), 50 pés de laranja, 11 pés de coco, 50 pés de açaí, 2 bananeiras, 8 pés de cupuaçu, 2 pés de tangerina, 2 abacateiros, 1 limoeiro	50 galinhas, 11 perus
43	açaí natural (não sabe dizer quantos), 3 laranjeiras, 3 pupunheiras, 3 pés de abacaba, 1 pé de mamão, 2 limoeiros	70 galinhas
44	60 pés de pimenta, 1 limoeiro, 1 mangueira	nada
45	1 ameixeira, 3 mangueira, 2 jambeiros, 4 goiabeiras, pimenta (2 tarefas), caju (2 tarefas)	15 galinhas
46	100 pés de caju, 6 pés de abacate, 2 mangueiras, 1 limoeiro, 1 coqueiro, 1 jambeiro, 1 mamoeiro	13 galinhas, 7 patos
47	nada	nada
48	100 pés de açaí, 1 jambeiro, 2 coqueiros, 1 pé de pupunha , 2 jaqueiras, 2 pés de tangerina, 2 mangueiras, 3 goiabeiras, 3 mamoeiros, 2 cajueiros, 5 bananeiras, 3 pés de muruci	50 galinhas, 1 porco, 1 burro
49	nada	nada
50	250 pés de pimenta do reino, 10 pés de laranja, 10 mangueiras, 60 pés de caju, 4 goiabeiras, 30 pés de mamão, cana-de-açúcar (0,5 tarefa), 20 pés de abacaxi, 1 aceroleira, 1 abacateiro, 40 pés de banana, 1 pé de ingá	60 galinhas, 1 burro

Fonte: Trabalho de campo.

Como se verifica no quadro acima, 10 famílias, ou 20% dos entrevistados, afirmaram não possuir nenhum tipo de planta frutífera em seu lote. O fato de boa parte desses 20% não possuir frutíferas está com certeza relacionado à sua situação de não possuidora de terra, como veremos no item a seguir. É menor ainda o número dos que não possuem criações de quintal, 5

famílias, ou 10% da amostra. Isso nos revela a alta utilidade cotidiana das plantas frutíferas e das crias.

Dentre as 45 famílias, que relatam ter ‘criação’, a quase totalidade, 44 famílias, tem a galinha como criação principal, a não pouco famosa galinha caipira, que muitas famílias costumam oferecer às visitas vindas de fora, e que funciona como forma de cordialidade.

Mas as criações de quintal contribuem principalmente para a alimentação das famílias, as quais já não dispondo de caça em abundância, criam esses pequenos animais principalmente para o autoconsumo de seu grupo.

As plantas frutíferas servem também de complemento na alimentação, antes mesmo de se pensar na venda do produto, o que praticamente não acontece em Jericó. Daí a grande maioria das famílias possuir, nem que seja um ou dois pés de alguma frutífera em sua terra, só para o consumo da família.

Enquanto entrevistávamos as famílias as crianças estavam geralmente ao nosso redor, sendo que ao chegarmos no ponto da entrevista em que se indagava acerca das frutíferas do quintal, elas sabiam responder melhor do que seus pais, inclusive os corrigindo sobre o número de pés de determinada frutífera, ou sobre uma espécie não citada pelos pais, mas que existe na terra. Bem como as informações exatas sobre as criações de quintal eram domínio praticamente exclusivo das mulheres. Isso afirma a relação mais direta e evidente das crianças com as fruteiras do quintal e das mulheres com suas galinhas, patos, etc. Mas o que é, porém, um quintal?

> Quanto à extensão, variável ao estremo, o quintal é o terreno livre, que sobrou da construção da casa, em geral dos fundos em certos casos dos dois lados dela[...] em parte utilitário, prolonga, a céu aberto, o interior da casa: tem o seu tanto de horta, o seu tanto de jardim e o seu tanto de pomar... também abriga serviços e coisas que não caberia no âmbito doméstico. (NUNES, 1994, p. 262).

As mulheres e crianças, desta forma, são os maiores freqüentadores dos quintais, as mulheres movidas por suas tarefas, como cuidar das criações e das hortas, as crianças especialmente pelas brincadeiras da infância, pequenas tarefas e busca de frutos maduros ou verdoengos. Aos homens adultos cabe principalmente o domínio sobre o conhecimento do roçado, pasto e plantas úteis da floresta. Nesta última, as mulheres dominam principalmente o conhecimento das plantas medicinais e as crianças conhecem pequenos pássaros possíveis de serem caçados com baladeira e frutos comestíveis, especialmente.

As duas espécies que aparecem com maior número de indivíduos nas entrevistas são a pimenta do reino e o açaí. A implantação da pimenta principalmente deu-se em razão dos créditos conseguidos por algumas famílias e o açaí, que aparece nos relatos, é principalmente nativo. Devemos lembrar que, à exceção da pimenta, os produtos perenes não são destinados ao mercado, especialmente devido à pequena soma de número de indivíduos por espécie nos lotes. No caso de um pimental são os homens que melhor conhecem e cuidam, contudo, os pimentais, por ocuparem certa extensão de área, ficam mais ao fundo, no prolongamento do quintal, geralmente longe da casa.

Essas plantas perenes presentes nos quintais podem ser uma alternativa contra a degradação por protegerem o solo, pois cobrem a terra por muitos anos, e por fornecerem a possibilidade do consumo pela própria família e/ou da venda no mercado local a partir da ampliação do cultivo.

Entretanto, a mais imediata necessidade por parte das famílias aliada à cultura que elas têm de cultivar mandioca para a produção de farinha, como atividade principal, não têm estimulado o crescimento, e nem a manutenção, desse percentual de plantas perenes. “Se o caba não fazê uma cultura permanente, é duro.... tem que plantar é laranja, coco, açaí, pimenta do reino... que é um garantido pro futuro, mas quase ninguém não faz não sinhô.” (Zé Paulista, Agricultor em Jericó).

4.2 Roçado de empréstimo, pobreza extrema

Dentre as cinqüenta famílias entrevistadas dezessete não possuem terra para trabalhar, ou seja, 34% das famílias entrevistadas fazem roçado em terras de terceiros utilizando algum acordo com os donos da terra para que isso seja possível (Quadro 7).

Registrou-se apenas um caso em que se paga 20 reais de aluguel por tarefa implantada e havendo madeira para lenha e/ou carvão esta fica para o dono da área; e um outro em que 20% da produção agrícola, mais a madeira para lenha e/ou carvão, ficam para o dono da terra. Os casos restantes foram estabelecidos através de relação de amizade ou parentesco.

> Hoje só tem três tarefa de capoeira na nossa área, nóis botamo roça no terreno do vizinho amigo nosso esse ano... sem capoeira não tem terra pra trabalhar... tem que ir pro emprestado... Ano passado meu irmão botou as tarefinha [duas tarefas] de roça dele aqui... e assim nóis vai... um acudindo o outro, né? (Rita Felix, agricultora de Jericó).

Filhos, irmãos, sobrinhos, parentes de outros graus e amigos representam a quase totalidade dos casos registrados nas entrevistas, nos quais não houve pagamento em dinheiro pelo uso da terra, por se tratar de gente com a qual a família proprietária tem fortes laços afetivos.

> Moro só, mas tem quatro filho que bota roça aqui na minha terra [ele possui um lote apenas], são quatro roça no meu lote. Aqui meu lote passou de mata pra capoeira em cinco ano (Figura 20). Tem dois anos atrás eu ainda vendia madeira, coisinha pouca, um filho meu comprava [ele tem um filho que é madeireiro]. São sete roça na terra [a dele, as quatro dos filhos, e dois de fora que botaram seis tarefas emprestando a terra], ano que vem eu vou ter que mandar os meu menino embora, que se não... vai acabar a capoeira, ou faço isso ou até eu vou ter que ir embora! (Antônio Frosindo, Agricultor de Jericó)

No relato do agricultor percebe-se a velocidade da perda da vegetação quando é intensa a pressão sobre a terra (“Aqui meu lote passou de mata pra capoeira em cinco ano.”).

O empréstimo de terra, seja para parentes (“tem quatro filho que bota roça aqui na minha terra”), ou para vizinhos (“São sete roça na terra”), revela traços marcantes da diferenciação social em Jericó a partir do patrimônio-florestal (“vou ter que mandar os meu menino embora, que se não... vai acabar a capoeira”).

Fica evidente neste trecho do depoimento a importância social da vegetação na comunidade, onde o declínio destas, em casos extremos, pode levar as famílias a tomarem decisões que restrinjam o uso da vegetação por outros, por mais que sejam parentes ou amigos, para assegurar a permanência na terra (“ou até eu vou ter que ir embora.”). (Antônio Frosino, Agricultor de Jericó). Nesse caso se projeta em elevado grau a consciência da importância da capoeira no processo de reprodução social da família. Saber manejá-la é cuidar fundamentalmente da reprodução social do grupo familiar.

Verifica-se igualmente uma lógica pela qual não há referencia a mudanças no tipo de manejo de forma a favorecer o aumento da produtividade. Não se conhece outra referência que não a idéia de que a expansão ou a manutenção de roças se daria dentro do mesmo padrão tecnológico em que é imprescindível a incorporação de novas áreas ou o pousio prolongado.



Figura 20 – Capoeira de quatro anos de idade na área do agricultor Antônio Frosino na Comunidade Jericó em Garrafão do Norte, Pará.
Foto: Paulo Vieira.

Houve quatro casos que não foram viabilizados através da relação de parentesco, mas de amizade apenas, onde também não se pagou pelo uso.

Foi registrado um caso em que um morador da comunidade pôs seu roçado fora da comunidade, usando a terra como pagamento de uma antiga dívida do dono para com ele. Verifica-se assim que o uso da floresta pode ser feito mediante diversos arranjos e relações sócio-econômicas, cabendo acordos que vão da solidariedade a exploração econômica.

Quadro 7 – Número de casos, motivos e acordos encontrados para o estabelecimento de roçados em terra emprestada na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará.

Número[38]	**Motivo**	**Tamanho da roça**	**Acordo**
1	Não possui terra para colocar roçado	4 tarefas	Quando tem a madeira para lenha e carvão fica para o dono da terra e 20% do roçado também
2	Não possuem terra para colocar roçado	5 tarefas	Paga 20 reais por tarefa, e se houver madeira para lenha e carvão fica para o dono da terra
3	Não possuem terra para colocar roçado	4 tarefas	Sobrinho do dono da terra. Não houve nenhum tipo de pagamento pelo uso
4	Não possuem terra para colocar roçado	2 tarefas	Pedido ao dono da terra que, solidário, cedeu ao conhecido. Não houve nenhum tipo de pagamento pelo uso
5	Não possuem terra para colocar roçado	4 tarefas	Filho do dono da terra, não houve nenhum tipo de pagamento pelo uso
6	Não possuem terra para colocar roçado	31 tarefas	Quatro filhos do dono da terra e mais dois agricultores conhecidos do dono fizeram roça na terra. Não houve nenhum tipo de pagamento pelo uso
7	Não possuem terra para colocar roçado	2 tarefas	Irmão da dona da terra, não houve nenhum tipo de pagamento pelo uso, mas ela determina onde o irmão deve por o roçado
8	Não possuem terra para colocar roçado	5 tarefas	Filho do dono da terra, não houve nenhum tipo de pagamento pelo uso
9	Não possuem terra para colocar roçado	4 tarefas	Pôs roçado fora da comunidade, onde o dono da terra tinha com ele uma dívida antiga
10	Vieram morar na mesma terra	4 tarefas	Parente que veio morar na mesma terra, e coloca roçado sem nenhum tipo de pagamento
11	Vieram morar na mesma terra	6 tarefas	Parente que veio morar na mesma terra, e coloca roçado sem nenhum tipo de pagamento

[38] Cinqüenta famílias entrevistadas de um total de setenta e quatro.

Número[38]	Motivo	Tamanho da roça	Acordo
12	Vieram morar na mesma terra	5 tarefas	Parente que veio morar na mesma terra, e coloca roçado sem nenhum tipo de pagamento
13	Vieram morar na mesma terra	2 tarefas	Parente que veio morar na mesma terra, e coloca roçado sem nenhum tipo de pagamento
14	Vieram morar na mesma terra	7 tarefas	Parente que veio morar na mesma terra, e coloca roçado sem nenhum tipo de pagamento
15	Vieram morar na mesma terra	8 tarefas	Parente que veio morar na mesma terra, e coloca roçado sem nenhum tipo de pagamento
16	Não possuem terra para colocar roçado	4 tarefas	Antigo amigo do dono da terra que cedeu a área para o roçado sem cobrar nada em troca
17	Não possuem terra para colocar roçado	3,5 tarefas	Casou-se e foi morar com o marido no lote da mãe, onde seu marido colocou 2,5 tarefas sem pagar nada por isso, também colocaram mais 1 tarefa em outra área de um conhecido também por solidariedade

Fonte: Trabalho de campo.

Foram registrados sete casos de parentes que, além de emprestarem a terra para implantar seus roçados, também passaram a morar no lote por não terem outra alternativa de moradia.

O total de tarefas emprestadas a parentes, amigos ou alugadas somam 100 tarefas, ou 30 hectares, o que representa pouco mais de 1 lote. Sabendo-se que foram implantados neste ano aproximadamente 6 lotes de roçado, constata-se que nada menos do que 16% do total dos roçados foram feitos em terras emprestadas, tendo como principal motivador para o empréstimo a relação de parentesco, confiança e amizade entre as partes envolvidas.

Esse percentual de áreas emprestadas evidencia o início de uma crise das capoeiras adequadas ao estabelecimento de roçados com o mínimo de produtividade esperada em grande parte dos lotes além da pouca disponibilidade de terra para as famílias.

Os comunitários que emprestam a terra sabem que isto implica em abrir mão de uma área que mais tarde lhes fará falta, então disponibilizam, geralmente, as áreas que lhes sobram, após planejarem onde implantarão seus próprios roçados. “Meu irmão mora aqui no lote também e nóis deixa ele botar roça.... onde eu arranjar um lugar ele bota a rocinha dele... mas eu escolho o lugar.” (Rita Felix, Agricultora de Jericó).

Este depoimento revela a solidariedade para com o parente, mas também a preocupação da proprietária da terra em escolher o lugar que irá oferecer (“eu escolho o lugar”), não dando ao parente a autonomia de optar pela área que ele ache mais adequada para implantar seu roçado. Esse procedimento revela também o funcionamento das redes familiares que extrapola, em complexidade, a esfera da produção puramente econômica.

Há famílias que nunca possuíram terra própria e que por isso já há muito tempo vivem e conseguem manter suas famílias apenas com as produções das roças que implantam nas áreas que lhes são emprestadas e vendendo diárias de trabalho fora ou dentro da comunidade.

> Tem 10 ano que eu ponho roça na terra dos outros e trabalho assim, mas já tá difícil conseguí um pedaço, o povo quase não tem pra arranjá. Se isso aqui [capim] fosse mata, aí qualquer colono me dava 4 ou 5 tarefa, mas assim, eles diz pra mim: põe a roça aí no capim... dá não!... mas eu também trabalho de diarista... e vamo levando, tá certo? (Francisco Alves de Carvalho, Agricultor de Jericó).

Desta forma, as terras oferecidas para empréstimo, apesar de dedicadas a amigos e parentes, na maioria das vezes, são aquelas de pousio encurtado, ou seja, capoeiras muito jovens.

Considerando a relativa escassez de capoeiras mais antigas dentro dos lotes, como vimos anteriormente, os proprietários reservam para si próprios as áreas mais adequadas

(entenda-se: *mais velhas*) de capoeiras com destino a implantação de roçado “é seu moço, nóis tem pena dos outro, todo mundo têm, né? Mas... farinha pouca, meu pirão primeiro!... tá certo?” (Gilmar, Agricultor de Jericó).

Por outro lado algumas famílias não se submetem, mesmo que extremamente necessitadas, a pedir terra de empréstimo aos vizinhos ou parentes. “Eu prefiro trabaiá no que é meu, se eu já não tenha as condição, vou mimbora daqui, não sei pra donde, não sei mermo... que tá ruim tudo por aí, mas vivê pidindo... dá não!” (Cícero, Agricultor de Jericó).

A situação dessas famílias que pedem áreas emprestadas para colocar roçado é instável, dependendo elas da boa vontade dos amigos e parentes.

Também o caso das famílias que foram morar no mesmo lote dos parentes proprietários da terra nos mostra um quadro igualmente instável, tanto da parte das famílias que chegam ou se formam no lote, por não serem donas de nada e saberem das limitações agrícolas da área, quanto da parte das famílias proprietárias que testemunham uma aceleração no processo de desflorestamento do que ainda resta de vegetação em seu lote.

No caso em que os filhos dos donos da terra casam-se e não têm para onde ir, então passam a morar no lote dos pais, e lá constituem família, constroem casa e implantam roçados, com o consentimento dos pais.

Outro caso é o das famílias que, mesmo dispondo de área, não emprestam a ninguém por considerarem esse tipo de favor muito arriscado, o que pode em sua opinião, gerar sérios problemas.

> Sobre esse negócio de emprestar a terra pra outro botar roça... faço isso não! Pra ser certo tem que ir no cartório registrar, eu vou ter um trabaião desse?! É muito problema... é pra plantar só roça e o cara quer mais... repara... o Zé Azul [agricultor de Jericó] doou 5 tarefa pra um fulano, agora precisou vender a terra e o fulano pediu dois mil e oitocentos reais, o Zé Azul botou mil e quinhentos, e não vale nem isso... aí impediu a venda, ele só vai colher daqui a mais de um ano... e dessas já teve várias confusão... um vendeu o lote e o comprador teve de comprar duas vezes... outro anda botando roça na terra alheia e até pimental... assim pulando de galho em galho... e é valente!.. (Afonso, Agricultor de Jerico).

O agricultor explicita os motivos pelos quais não empresta terra para roçado: (“Pra ser certo tem que ir no cartório registrar, eu vou ter um trabaião desse?!)”... (“é plantar só roça e o cara quer mais”)... (“já teve várias confusão...”).

Ao longo do depoimento Afonso cita exemplos de empréstimos nos quais os beneficiados com o empréstimo não honraram com a solidariedade que lhes foi dispensada, causando dificuldades aos proprietários, ao que mostra reprovação àquele comunitário que, segundo ele, “anda botando roça na terra alheia e até pimental... assim pulando de galho em galho...”.

É comum existir casos em que famílias até gostariam de emprestar, mas não emprestam partes de suas terras para outros implantarem roçados porque, segundo o agricultor Evaldo, “tenho pouca terra e não dá... não posso dá de emprestado a ninguém, que tenho família. Vou trabalhando assim no rodízio, devagá.” (Evaldo, Agricultor de Jericó).

Neste trecho o agricultor revela a preocupação, (“vou trabalhando no rodízio, devagá.), em garantir a reprodução social de seu próprio grupo familiar e sua permanência na terra, (“não posso... tenho família.”) o que, em sua ótica, o empréstimo das terras poria em risco.

O receio do empréstimo está ligado à precariedade dos acordos jurídicos na região e ao crescente clima de instabilidade na questão agrária em todo o Estado do Pará. Apesar de o Nordeste Paraense se situar fora da região de maior conflito, os noticiários de jornais, rádios e televisão são sempre recheados de problemas de disputa pela terra.

4.3 Prejuízos provocados pelo fogo

Em vinte e sete das cinqüenta famílias entrevistadas, o que representa 54% do total, se registrou a ocorrência de incêndios que destruíram parte das florestas presentes nos lotes (Quadro 8). Houve casos em que se notificou até cinco incêndios desde que a família se estabeleceu no lote, além de casos em que houve até dois incêndios num mesmo ano.

Foram 74 casos de incêndios registrados em nossas entrevistas, todos eles ocorridos nas áreas dessas vinte e sete famílias, o que nos dá uma média de quase três incêndios por família, desde que elas residem no lote.

Relembrando o Capitulo III desta dissertação, no qual além de outras coisas mostramos a localização geográfica de Jericó e seus dois principais vizinhos[39], com suas grandes propriedades, voltamos a citar o latifundiário conhecido como Paulista Caipora, que nos últimos anos tem implantado grandes pastagens nas suas terras, especialmente naquelas mais próximas do limite com Jericó.

Segundo as famílias do local, não há planejamento por parte dos proprietários quando resolvem queimar a área, o que fazem sem o uso de aceiro e sem avisar aos moradores da vizinhança, queimando além de suas florestas, outras que não lhes pertencem.

> Perdi uma boa área de mata pro fogo que o Paulista Caipora fez. Ele faz faixa de capim pra demarcar todo ano e toca fogo, pra dize que ali tá a área dele. Aí o fogo entrava a favor dele e também queimava contra, aí queimava o dele e o nosso mato, não adiantava se revoltar que ele não morava, nunca tava aí, era só o pião dele." (Zé Paulista, Agricultor de Jericó).

Apesar de o fazendeiro ter sido citado em seis das vinte e sete famílias entrevistadas, é provável que outras famílias igualmente, ou até mais prejudicadas por essa atividade, tenham se intimidado em citar o nome do maior fazendeiro daquelas plagas como um dos principais

[39] Ver os detalhes na Figura 7.

causadores de incêndios.

Na área de outro latifundiário, o conhecido como Marco, que vive da atividade madeireira, cujas terras também fazem fronteira com Jericó, há faixas extremamente propícias para incêndios. São aquelas abandonadas posteriormente à exploração da madeira.

Após a retirada das espécies de interesse, os cipós e as árvores que tombaram junto no momento da derrubada, mas que não servem ao madeireiro, morrem e secam sobre a vegetação mais rasteira, e isso cria um ambiente favorável ao fogo acidental. “O fogo é brabo aqui... as vez porque os madeireiro tira a madeira, fica aquele monte de mato, vem fogo de roça e queima tudo...”(Quirino, Agricultor de Jericó).

Houve seis registros de casos em que o fogo descontrolado de roçados sem aceiro, na própria comunidade, atingiu essas áreas fronteiriças, provocando assim grandes incêndios, cujo controle é conseguido com muita dificuldade; e o prejuízo para flora e fauna é quase irreparável.

Quadro 8 – Causas, danos e número de ocorrências de incêndios em lotes de famílias na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. Cinqüenta famílias entrevistadas de um total de setenta e quatro.

N^0	**Número de ocorrência de incêndio desde que a família reside no lote**	**Causa dos incêndios**	**Tipos de danos que causou**
1	5 ocorrências no total, sendo que num mesmo ano aconteceram dois incêndios	Fazendeiro vizinho à Jericó que fez 3 mil tarefas de pasto sem aceiro; vizinhos não faziam aceiro para implantação de roçado perdeu o controle do fogo	A família perdeu área de floresta virgem para o fogo e hoje possui cacaias neste local; o fogo dizimou e espantou as caças para longe
2	3 ocorrências no total	Vizinhos não faziam aceiros para implantação de roçado e perderam o controle do fogo	A família perdeu 40 tarefas de mata, que se transformou em cacaia; o fogo dizimou e espantou as caças para longe
3	3 ocorrências no total	Fogo de roçado entrou em área explorada e abandonada por madeireiros e se espalhou	A família perdeu 10 tarefas de mata para o fogo e hoje possui cacaias neste local; o fogo dizimou e espantou as caças para longe

N^0	**Número de ocorrência de incêndio desde que a família reside no lote**	**Causa dos incêndios**	**Tipos de danos que causou**
4	4 ocorrências no total	Fogo de roçado entrou em área explorada e abandonada por madeireiros e se espalhou	A família perdeu 20 tarefas de mata fogo e hoje possui cacaias neste local; o fogo dizimou e espantou as caças para longe
5	2 ocorrências no total	Fogo de roçado entrou em área explorada e abandonada por madeireiros e se espalhou	A família perdeu 20 tarefas de mata para o fogo e hoje possui cacaias neste local; o fogo dizimou e espantou as caças para longe
6	3 ocorrências no total	Fogo de roçado entrou em área explorada e abandonada por madeireiros e se espalhou	A família perdeu 85 tarefas de mata para o fogo e hoje possui cacaias neste local; o fogo dizimou e espantou as caças para longe
7	2 ocorrências no total	Fogo de roçado entrou em área explorada e abandonada por madeireiros e se espalhou	A família perdeu 170 tarefas de mata para o fogo e hoje possui cacaias neste local; o fogo dizimou e espantou as caças para longe
8	2 ocorrências no total	Fogo de roçado entrou em área explorada e abandonada por madeireiros e se espalhou	A família perdeu 85 tarefas de mata para o fogo e hoje possui cacaias neste local; o fogo dizimou e espantou as caças para longe
9	3 ocorrências no total	Provocados por vizinho que botou roçado sem fazer aceiro e perdeu o controle do fogo	Perdeu área de capoeira velha e a mata que protegia seu rio; o fogo dizimou e espantou as caças para longe e a temperatura aumentou
10	2 ocorrências no total	Provocado por ele mesmo enquanto queimava para por o roçado perdeu o controle do fogo	Perdeu área de capoeira velha e mata, não sabe quanto; o fogo dizimou e espantou as caças para longe
11	4 ocorrências no total	Fazendeiro vizinho à Jericó que fez 3 mil tarefas de pasto sem aceiro; vizinhos não faziam aceiro para implantação de roçado perdeu o controle do fogo	Perdeu área de capoeira velha e a mata que protegia seu rio; o fogo dizimou e espantou as caças para longe e a temperatura aumentou
12	3 ocorrências no total	Provocados por vizinho que botou roçado sem fazer aceiro	Perdeu área de mata, não sabe quanto; o fogo dizimou e

N^0	**Número de ocorrência de incêndio desde que a família reside no lote**	**Causa dos incêndios**	**Tipos de danos que causou**
		e perdeu o controle do fogo	espantou as caças para longe
13	4 ocorrências no total	Fazendeiro vizinho à Jericó que fez 3 mil tarefas de pasto sem aceiro; vizinhos não faziam aceiro para implantação de roçado perdeu o controle do fogo	Perdeu área de capoeira velha e a mata que protegia seu rio; o fogo dizimou e espantou as caças para longe e a temperatura aumentou
14	3 ocorrências no total	Fazendeiro vizinho à Jericó que fez 3 mil tarefas de pasto sem aceiro; vizinhos não faziam aceiro para implantação de roçado perdeu o controle do fogo	Perdeu área de mata, não sabe quanto; o fogo dizimou e espantou as caças para longe
15	2 ocorrências no total	Não sabe de onde veio o fogo	Perdeu área de capoeira velha e a mata que protegia seu rio; o fogo dizimou e espantou as caças para longe e a temperatura aumentou
16	2 ocorrências no total	Fazendeiro vizinho à Jericó que fez 3 mil tarefas de pasto sem aceiro; vizinhos não faziam aceiro para implantação de roçado perdeu o controle do fogo	Perdeu área de capoeira velha e a mata que protegia seu rio; o fogo dizimou e espantou as caças para longe e a temperatura aumentou
17	2 ocorrências no total	Fazendeiro vizinho à Jericó que fez 3 mil tarefas de pasto sem aceiro; vizinhos não faziam aceiro para implantação de roçado perdeu o controle do fogo	Perdeu área de capoeira velha e a mata que protegia seu rio; o fogo dizimou e espantou as caças para longe e a temperatura aumentou
18	4 ocorrências no total	Provocados por vizinho que botou roçado sem fazer aceiro e perdeu o controle do fogo	Perdeu área de capoeira, não sabe quanto; o fogo dizimou e espantou as caças para longe
19	2 ocorrências no total	Provocado por ele mesmo enquanto queimava para por o roçado perdeu o controle do fogo	Perdeu área de capoeira, não sabe quanto; o fogo dizimou e espantou as caças para longe
20	3 ocorrências no total	Não sabe de onde veio o fogo	Perdeu área de capoeira velha e a mata que protegia seu rio; o fogo dizimou e espantou as caças para longe e a temperatura aumentou

N^{0}	Número de ocorrência de incêndio desde que a família reside no lote	Causa dos incêndios	Tipos de danos que causou
21	1 ocorrência no total	Provocado por ele mesmo enquanto queimava para por o roçado perdeu o controle do fogo	Perdeu área de capoeira, não sabe quanto; o fogo dizimou e espantou as caças para longe
22	2 ocorrências no total	Não sabe de onde veio o fogo	Perdeu área de capoeira, não sabe quanto; o fogo dizimou e espantou as caças para longe
23	2 ocorrências no total	Provocados por vizinho que botou roçado sem fazer aceiro e perdeu o controle do fogo	Perdeu área de capoeira velha e a mata que protegia seu rio; o fogo dizimou e espantou as caças para longe e a temperatura aumentou
24	2 ocorrências no total	Provocado por ele mesmo enquanto queimava para por o roçado perdeu o controle do fogo	Perdeu área de capoeira velha e mata, não sabe quanto; o fogo dizimou e espantou as caças para longe
25	3 ocorrências no total	Não sabe de onde veio o fogo	Perdeu área de capoeira, não sabe quanto; o fogo dizimou e espantou as caças para longe
26	4 ocorrências no total	Provocados por vizinho que botou roçado sem fazer aceiro e perdeu o controle do fogo	Perdeu área de capoeira velha e mata, não sabe quanto; o fogo dizimou e espantou as caças para longe
27	2 ocorrências no total	Fazendeiro vizinho à Jericó que fez 3 mil tarefas de pasto sem aceiro; vizinhos não faziam aceiro para implantação de roçado perdeu o controle do fogo	Perdeu área de capoeira velha e a mata que protegia seu rio; o fogo dizimou e espantou as caças para longe e a temperatura aumentou

Fonte: Trabalho de campo.

Em quatorze dos vinte e sete relatos, algum vizinho aparece como causador de incêndio acidental, por não fazer aceiro na hora da queimada para implantação de roçado, queimando assim a sua área e a de outros, cujas famílias proprietárias não tinham a intenção de queimar na ocasião.

Essa pratica de queimada sem aceiro e sem avisar aos vizinhos mais próximos o dia e o horário da queimada, para que estes fiquem alertas a prováveis acidentes, tem sido condenada por moradores, cujo fogo já trouxe algum prejuízo, e até provocado princípio de desavenças entre vizinhos.

> Perdi 40 tarefa de mata pro fogo, tudo virou uma cacaia, tinha um vizinho que todo ano queimava sem cuidado, sem aceiro, sem nada! Aí eu perdi a cabeça e disse a ele... se você botar essa rocinha aí do lado da minha mata eu te mato aí dentro da tua roça, aí ele disse... é umbora fazer o aceiro, tá certo... (Afonso, Agricultor de Jericó).

O acordo, neste caso acima, se deu em função de uma ameaça de morte, revelando o sentimento de perda que pode ter um agricultor por ter a sua mata queimada inadvertidamente, e a dramatização que este tema envolve. A realização de aceiro não garante que o fogo respeite o limite do estabelecimento agrícola, mas pode prevenir prejuízos maiores. Daí a insistência do agricultor na construção de acordos para o controle de queimadas.

Em quatro depoimentos os agricultores entrevistados assumiram ter provocado incêndio acidental enquanto queimavam a área que seria destinada para a implantação de roçado.

Houve também quatro casos em que os informantes não souberam dizer de onde veio, nem o que provocou, o incêndio que consumiu parte de suas florestas.

Surge, com freqüência, nos depoimentos, a queixa do desaparecimento das caças após as queimadas. Muitos animais, não conseguindo fugir a voracidade do fogo, morrem queimados, e os que conseguem escapar refugiam-se em florestas mais distantes, não retornando mais às antigas áreas afetadas pelo fogo.

As áreas de pontas de matas e cacaias, como vimos no item anterior, estão dispostas principalmente ao longo dos rios e igarapés, o que nos leva a concluir que a presença deste fogo acidental durante todos esses anos tem contribuído também para a degradação destes mananciais, haja vista que, quando queimadas, as florestas deixam essas margens

desprotegidas. “Nóis tem mata na beira do igarapé porque protege ele, né? Mas muita gente só tem cacaia, que o fogo já pegou, num sabe? Aí se perde até isso ... a água fica quente e suja.” (Quirino, Agricultor de Jericó).

Desta forma, as famílias vêem decrescer seu bem estar ambiental e conseqüentemente sua qualidade de vida, além da beleza da paisagem, quando as chamas saem de seu controle e/ou do controle de seus vizinhos.

4.4 Rios, igarapés e qualidade de vida

Trinta e oito dentre as cinqüenta famílias, ou quase 80% dos entrevistados, relataram a existência do Rio Mamorana ou do Igarapé Água Branca, ou dos dois, passando em algum trecho de seus lotes. Apenas um entrevistado relatou a presença de outro rio em suas terras, o Rio Santo Antônio, afluente do Mamorana (Quadro 9).

As famílias acham de importância fundamental a presença de rios e/ou igarapés dentro de suas áreas, onde a maioria delas apanha água para beber, para o banho e esporadicamente pesca, além de sentir a temperatura mais amena nos trechos próximos aos rios ainda encobertos por cacaias, pontas de matas ou capoeiras velhas. “Na cabeceira do igarapé, na nossa área nóis não derruba, só tira um ou outro pau, nóis vigia pra ninguém mexer, protege a água, que pode arriscá de água secá... se derribá...” (Gilmar, Agricultor de Jericó).

Quem consegue conservar essa mata ciliar dentro de seu lote, garante certo bem estar ambiental e belezas naturais junto às águas.

> Tá vendo minha casa como é na beira do Mamorana.. e todo mundo que vem aqui diz que é bonito e fica admirado do nosso quintal, friozinho... aqui nóis não derruba... problema é fogo... o fogo entrou aqui umas duas vez.. e só tamo aqui há seis anos.... (Otacila, Agricultora de Jericó).

A agricultora ao fazer questão de levar-nos ao seu quintal para nos apresentar um quadro ameno aos olhos, refrescante ao corpo e revigorante ao espírito, não deixa de enfatizar (“aqui nóis não derruba”) e de falar que o risco mais iminente contra essa mistura de água e floresta, adornando o quintal de sua casa em toda extensão que lhe cabe do Rio Mamorana, é a queimada descontrolada (“problema é fogo... o fogo entrou aqui umas duas vez”).

Na opinião da entrevistada o rio protegido não apenas ameniza a temperatura, mas causa certo encantamento a quem fica a contemplá-lo, ao menos por um instante. É exatamente como ela mesma relata: “todo mundo que vem aqui diz que é bonito e fica

admirado do nosso quintal, friozinho...". Demonstra-se uma consciência da importância da contemplação ofertada pela paisagem e pelo aprazível recanto.

Tal depoimento leva-nos a indagar o quanto vale monetariamente esse quintal com um pedaço de rio e floresta, do qual a família faz uso cotidianamente, mas também aprecia contemplativamente? Ou melhor: é possível valorar monetariamente esse tipo de beneficio ambiental?

A relação das famílias com o ambiente é bem mais complexa, e carece também de uma abordagem não utilitarista para ser discutida com plenitude. O econômico só em parte responde às indagações, sobre a vida cotidiana, que se colocam diante do pesquisador.

Os incêndios, como dizíamos anteriormente, além de depreciarem as florestas põem em risco a proteção desses rios e igarapés. Essa presença do fogo aparece várias vezes nos vários depoimentos: "O fogo passou aqui a base de quatro vez..." (Edimilson, Agricultor de Jericó). "Já vimo o fogo andando nessas terra duas vez..." (Zé Paulista, Agricultor de Jericó). "Aqui já teve fogo umas par de vez, bem umas cinco!.." (Francisco Rodrigues, Agricultor de Jericó).

Muitos dos prejuízos provocados pelo fogo são irreparáveis "Pra ter idéia, aqui na minha área tem uma fonte que secou... mais eu ainda tenho tarefa e meia de açaizal e não derrubo."(José Maria Orlando, Agricultor de Jericó), o que deixa as famílias alertas para esses tipos de acidentes com fogo nessas áreas onde a agricultura e pecuária não constituem uma ameaça, por não lhes ser interessante em beiradas de rio e igarapé.

A proteção dessas águas depende da proteção das florestas que as margeiam. Cinco dos entrevistados que possuem rio em sua área, ou seja, 13% relataram que mantém cacaias nos trechos das margens de rios ou igarapés dentro de suas propriedades.

Oito, ou 21%, dos entrevistados relataram que mantêm pontas de mata nas margens que lhes competem. 13%, ou cinco entrevistados disseram manter capoeiras, geralmente mais

velhas nas beiras de Rios e Igarapés. Outros dez entrevistados, correspondendo a 26% do total, conservam açaizais em pontas de matas, cacaias ou capoeiras jovens nessas margens.

Quadro 9 – Situação de rios e igarapés que passam por dentro das terras de famílias entrevistadas em Jericó, Garrafão do Norte, Pará. Cinqüenta famílias entrevistadas de um total de setenta e quatro.

Família	**Rio ou Igarapé passando por dentro do lote**	**Situação do rio ou Igarapé dentro do lote**
1	_	_
2	Igarapé Água Branca	Desprotegido
3	Igarapé Água Branca	Protegido apenas com cacaia
4	Igarapé Água Branca	10 tarefas de mata na beira para proteger
5	Igarapé Água Branca	2 tarefas de cacaia na beira para proteger
6	Rio Mamorana	Protegido com capoeira
7	Rio Mamorana	Protegido com capoeira
8	Rio Mamorana	Desprotegido
9	_	_
10	Rio Mamorana	Protegido com capoeira
11	Igarapé Água Branca	Protegido com cacaia
12	_	_
13	Igarapé Água branca	Protegido com capoeira
14	_	_
15	Igarapé Água Branca	Protegido com mata
16	Igarapé Água Branca	Protegido com mata
17	_	_
18	_	_
19	_	_
20	_	_
21	_	_
22	Igarapé Água branca	Protegido com mata
23	_	_
24	Igarapé Água Branca	Protegido com cacaia
25	Rio Mamorana	Protegido com mata
26	Rio Mamorana	Protegido com mata
27	Rio Mamorana	Desprotegido
28	_	_
29	Rio Mamorana	Protegido com ponta de mata e açaizal natural
30	Rio Santo Antônio (braço do Mamorana)	Protegido com ponta de mata e açaizal natural
31	_	_
32	Igarapé Água Branca	Protegido com cacaia e açaizal natural
33	Igarapé Água Branca	Protegido com cacaia e açaizal natural
34	Igarapé Água Branca	Protegido com cacaia e açaizal natural

Família	Rio ou Igarapé passando por dentro do lote	Situação do rio ou Igarapé dentro do lote
35	Igarapé Água Branca	Protegido com cacaia e açaizal natural
36	Igarapé Água Branca	Protegido com cacaia e açaizal natural
37	Rio Mamorana	Protegido com capoeira
38	Rio Mamorana	Protegido com mata
39	Rio Mamorana	Protegido com ponta de mata e açaizal natural
40	Rio Mamorana	Protegido com ponta de mata e açaizal natural
41	Igarapé Água Branca	Protegido com ponta de mata e mata e açaizal
42	Rio Mamorana (nascente)	Desprotegido
43	Rio Mamorana (nascente)	Desprotegido
44	Rio Mamorana (nascente)	Desprotegido
45	Igarapé Água Branca	Desprotegido
46	Rio Mamorana (nascente)	Desprotegido
47	Igarapé Água Branca	Protegido com cacaia
48	Igarapé Água Branca	Desprotegido
49	Igarapé Água Branca	Desprotegido
50	Rio Mamorana e Igarapé Água Branca	Protegidos com mata

Fonte: Trabalho de campo.

A principal forma para proteger rios, igarapés e pequenas nascentes, relatada e praticada pelas famílias é mesmo garantindo a permanência da mata ciliar, “Passa o Mamorana aqui na terra, e tem um olho d’água... os dois nóis protegemos com mato..... se não também os bichos vão embora.. e fica só o calor...” (Kátia Simone, Professora e Agricultora de Jericó).

Esse depoimento volta a fazer menção ao desaparecimento das caças motivado pelo fogo, as quais também vinham freqüentemente beber, outrora, nesses rios, igarapés e pequenas nascentes.

Considerando a amostragem dos que possuem rio no lote, 26% informaram não haver nenhum tipo de proteção nos trechos de Rios e Igarapés que passam em suas áreas, estando estes totalmente descobertos e desprotegidos.

O mais alarmante nesse último dado é que a nascente do Rio Mamorana, que fica dentro da Comunidade Jericó, e que está na área de um de nossos entrevistados, está completamente desprotegida e torna-se, segundo o agricultor:

> Mais rasa a cada tempo que se passa[....] a nascente do Mamorana é aqui dentro da terra[...] já ta desmatada a cabeceira faz 10 ano, mas tamo plantando açaí, pupunha, tudo quanto em volta, sabe? É pra recuperar. (João Oliveira, Agricultor de Jericó).

Apesar de o agricultor nos mostrar que estão "...plantando açaí e pupunha... em volta..." da nascente do rio Mamorana, a realidade que presenciamos fica muito aquém de suas intenções. Ao irmos até a nascente, em companhia do agricultor, verificamos que existem de fato dois açaizeiros e uma pupunheira, plantados recentemente, mas todos ainda muito jovens e visivelmente debilitados. Segundo o agricultor outras espécies serão plantadas nesse local que "...Se perdeu pro fogo." (João Oliveira, Agricultor de Jericó).

Devemos salvaguardar, entretanto, que dentre todas as famílias entrevistadas, que possuem rios passando em seus lotes, aproximadamente 73%, mesmo que a muito custo, conseguem conservar a mata ciliar. As famílias que já não dispõem dessa vegetação estão visivelmente preocupadas com isso e atribuem ao fogo a principal causa de tais perdas.

CAPITULO V – A floresta como espelho do homem

A importância não material dada à floresta foi por nós observada, no decorrer das viagens a campo, através do convívio com as famílias. Assim, em conversas informais, ouvindo à vontade suas histórias, pudemos observar suas exteriorizações sobre o mundo que os rodeia, sabendo que "A exteriorização é a continua efusão do ser humano sobre o mundo" (BERGER, 1985, p. 1).

Para Peter Berger a existência humana é essencial e inevitavelmente uma atividade exteriorizante. Segundo o autor:

> A exteriorização é uma necessidade antropológica. O homem, como o conhecemos empiricamente, não pode ser concebido independentemente da contínua efusão de si mesmo sobre o mundo em que ele se encontra. O ser humano não pode ser concebido como algo isolado em si mesmo, numa esfera fechada de interioridade, partindo em seguida para se exprimir no mundo que o rodeia. O ser humano é exteriorizante por essência e desde o começo. (BERGER, 1985, p. 15).

Neste capitulo buscamos nos ocupar desses aspectos não materiais, ou seja, daquilo que não é matéria palpável, que não tem fim monetário e/ou que não é meramente utilitário, mas que a família apresenta em seu discurso e que serve, para ela, como forma de se expressar frente ao mundo, criando suas próprias relações com o meio ambiente e encontrando, assim, algum equilíbrio para sua existência.

Ao que ainda nos diz P. Berger "O homem não possui uma relação preestabelecida com o mundo. Precisa estabelecer continuamente uma relação com ele" (Ibidem, p. 16). Para Berger a existência humana carece de "pôr-se em equilíbrio" sempre. E é nesse processo de "pôr-se em dia consigo mesmo" que o homem produz um mundo. "Mas o homem não só produz um mundo como também se produz a si mesmo" (Ibdem, p. 17). Nossa intenção aqui é

verificar coma a floresta estimula essa outra dimensão, que nada tem que ver com o material, nas pessoas de Jericó.

A seguir transcrevemos trechos de conversas com quatro agricultores da comunidade, Antônio Frosino, Miguel, Quirino e Zé Paulista. No entanto, as histórias poéticas que aparecem nos discursos são compartilhadas pela comunidade como um todo. As pessoas demonstram conhecimento sobre as histórias e canções do lugar, mas existem os principais contadores e cantadores. Estes são considerados, na opinião dos demais, os maiores divulgadores. Além disso, "Seja de maneira positiva, negativa ou indiferente, a existência não é só a minha existência, mas também a de outro, comigo compartilhada num *ser-em-comum.*" (NUNES, 2004b, p. 17).

Zé Paulista é um grande 'falador', como ele mesmo diz, o que, já de si, nos interessa muito. Assim, o agricultor seguiu fazendo adendos, sempre de grande valia, à nossa pesquisa.

Já Miguel, nos oferta seu olhar de primeiro morador de Jericó, este viu praticamente todas as transformações sócio-ambientais acontecerem na comunidade e, apesar de ser o primeiro a chegar, ainda tem conseguido manter áreas de floresta em sua terra. Vale dizer que o agricultor Miguel mora apenas com a mãe e nunca se casou, e não tem filhos; o que aumentaria a pressão sobre a terra, como já vimos. O fato de não ter filhos contribui para a conservação dentro de sua terra.

Antônio Frosino, apesar de viver uma situação delicada por não dispor de muita terra, e mesmo assim tendo de emprestar parte dela para filhos e vizinho colocarem seus roçados, consegue ainda conservar um trecho.

Por fim, o agricultor Quirino, mesmo não emprestando a terra, também não dispõe de grandes áreas florestadas, mas luta igualmente para conservar uma parte.

Desta forma, enveredamos por um campo de histórias poéticas, míticas e de canções que nos falassem mais sobre a relação *família-floresta*. Assim, buscamos observar, dentro de

nossas possibilidades, como a floresta dá ao homem a dimensão dele como Ser no mundo.

Esses quatro agricultores são os mais procurados por comunitários querendo saber de um remédio que tenha nas capoeiras, pontas de mata ou cacaias, para qualquer emergência. "Jeniparana é contra cobra e não tem melhor... dia desse pegou o filho do Zé Azul [Agricultor de Jericó] e o primeiro socorro dele foi o remédio que eu fiz, depois ele foi lá pra fora.[40]" (Zé Paulista, Agricultor em Jericó).

Voltando a citar C. Lévi-Strauss em seu *O Pensamento Selvagem* onde, ao apresentar modos distintos de o homem se relacionar com o ambiente, diz "Existem dois modos diferentes de pensamento científico, um e outro funções, não certamente estádios desiguais do desenvolvimento do espírito humano... um muito próximo da intuição sensível e outro mais distanciado." (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 30).

A leitura desse trabalho muito ajudou para que melhor pudéssemos observar os discursos em Jericó, buscando, deles, compreender algo. Assim, percebemos no depoimento do agricultor esse modo mais próximo da intuição sensível quando, com o terrível medo da morte, recorre-se imediatamente à natureza, afinal "...o primeiro socorro dele foi o remédio que eu fiz". Já o trecho em que diz "...depois ele foi lá pra fora.", refere-se ao tratamento médico convencional, mas de acordo com a lógica de vida, apresentada na situação, a sobrevivência do filho do Zé Azul foi garantida mesmo, em sua opinião, pelo remédio da floresta.

Segundo Miguel houve um tempo em que as famílias tinham como referência principal, no auxilio a esse tipo de problema, um curandeiro muito eficiente e famoso, que vivia em Jericó.

[40] O termo *fora* é empregado para fazer referência à sede municipal

> O curador daqui morreu faz 3 ano, e não tem outro... depois que ele morreu, até endoidar gente, endoidou. Ele conhecia muitas planta... me ensinou um bocado, vinha gente de muitos lugar até de Belém pra se tratar com ele... agora não tem outro e qualquer dificuldade tem que ir lá na rua pra mandar saber no médico, sabe? Antes ele resolvia muitos caso com planta dos mato e reza... ele era famoso, o curador nosso. (Miguel, Agricultor de Jericó).

O trecho em que Miguel diz "...depois que ele morreu até endoidar gente endoidou..." nos mostra o nível de importância mágica que tinha o curandeiro de Jericó. Pensar que é um absurdo o atributo da patologia loucura, de um morador da comunidade, à falta de um curandeiro que o livrasse dela, através de rezas e plantas da floresta, significaria reduzir o pensamento ao conveniente e não menos diminuto interesse de quem o faz. Pois, ainda nos diz o antropólogo francês que "Em lugar de opor ciência e magia, seria melhor colocá-las em paralelo, como dois modos de conhecimento desiguais quanto aos resultados teóricos e práticos." (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 28).

A reclamação "...agora não tem outro e qualquer dificuldade tem que ir lá na rua pra mandar saber no médico..." também presente no depoimento acima, mostra que o curandeiro inclusive 'diagnosticava' casos e, segundo o agricultor, "...ele resolvia muitos caso com planta dos mato e reza...". Lévi-Strauss na mesma obra, citada ainda há pouco, pondera o seguinte: "É verdade que a ciência se sai melhor que a magia..." (Ibidem, p. 30), mas "algumas vezes ela também tem êxito." (Ibidem, p. 30).

Pode-se observar, no depoimento do agricultor Quirino, o emprego desses conhecimentos próprios, em mais um caso de picada de cobra: "Nóis faz remédio com o Coquinho (*Astrocarium gynacanthum*). É só pegar a raiz batida, arrancar a raiz do lado do sol nascente... só serve se ela for desse lado... ajunta com a raiz do Peão Roxo (*Jatnopha gossypifolia* L.), é danado contra cobra, eu já salvei uma cachorrinha com isso." (Quirino, Agricultor de Jericó). (Figura 21).



Figura 21 – O agricultor Quirino acompanhado de um de seus filhos ao término da visita à área de floresta conservada em suas terras na Comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará.
Foto: Itajury Kishi.

Voltando ao curandeiro, Miguel disse anteriormente que “Ele conhecia muitas planta... me ensinou um bocado”. Essa transferência de conhecimento sobre as plantas, presente no trecho, de certo modo, ameniza a falta do curandeiro, pois alguns moradores, como Miguel, Zé Paulista, Quirino e Antônio Frosino, ainda conhecem muitas plantas e se dispõem a ajudar em casos de necessidade.

Isso nos remete a um ponto, que convida a dizer novamente mas, agora de um outro modo, que a floresta, para as famílias que lá vivem, está longe de servir apenas como um

estoque utilitário. O trecho acima nos leva a concordar com o pensamento de Claude Lévi-Strauss segundo o qual “As espécies animais e vegetais não são conhecidas porque são úteis; elas são consideradas úteis ou interessantes porque são primeiro conhecidas.” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 24). O fato é que os relatos demonstram uma intimidade com a natureza, inclusive quanto aos atributos terapêuticos que alguns de seus elementos são portadores. A autoridade é também associada à capacidade de transmissão de conhecimentos adquiridos na relação cotidiana com a natureza.

Além desse potencial de cura por *reza & planta* nos foram relatadas, outras histórias relacionando *pessoas & florestas*. A seguir apresentaremos essas histórias.

5.1 Banho de chama-caça

Sobre o Banho de chama caça o que se percebe na história a seguir é uma referência a relação *fauna-flora-homem*; ilustrada pelas caças, caçadores e plantas usadas nos banhos.

> O Buiuçu (*Ormosia coutinhoi* Ducke) tira a panema [falta de sorte] [41] do caba e ele fica bom de caça, é só usar a casca, pisada e fazer o banho pro caba, mas tem que banhar no rio em água corrente, derramou o banho pulou na água rápido... porque dói! Mas também pode fazer com a arma, agora é diferente... se a arma não tá boa, não ta matando, faz o banho pra ela... junta a casca do Buiuçu, e a casca do Piquiá (*Caryocar villosum* Pers.) e a raiz de fora [raiz escora ou volante] do Paxiuba (*Socratea guianensis),* antes de encostar no chão, três ponta da raiz... pisa o Buiuçu o Paxiuba e o Piquiá, põe numa bacia e põe arma dentro 3 ou 9 dia, se a mulher do caba tiver buchuda não pode fazer, porque ou morre a criança ou morre os dois... mas isso o povo fazia era mais quando tinha caça. (Miguel, Agricultor de Jericó).

Junto com a devastação da maior parte das florestas os animais também eram incinerados e caçados. Os que sobreviveram foram morar em áreas mais seguras, portanto mais distantes. “Longe de serem, como muitas vezes se pretendeu, obra de uma ‘função fabuladora’ os mitos e os ritos oferecem como valor principal a ser preservado até hoje, de forma residual, modos de observação e de reflexão” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 31). Em Jericó, com a baixa freqüência de caças é até difícil aos caçadores (os que ainda insistem na caçada) saberem dizer se estão ‘panemas’, ou se não há sequer um bicho para ser caçado nas cercanias da espera[42]. Podemos ver justificada certa diminuição da prática do *Banho de chama caça* exatamente por esse fato.

Deve-se notar a riqueza de informações sobre as plantas na receita, indicando um conhecimento minucioso de suas partes e de seus possíveis predicados. A maceração, a água corrente, a dor provocada pelo contato do banho com a pele, os tipos e tamanhos de raízes e cascas ilustram o domínio detalhado dos elementos da natureza.

---

[41] Diz-se que o caçador está *panema* quando não consegue matar a caça e volta para casa de mãos vazias.
[42] *Espera* é o termo utilizado para designar o lugar preparado pelo caçador para aguardar a caça durante a noite.

5. 2 Tauari encantador

A história a seguir é centrada na espécie conhecida como Tauari *(Couratari oblongifolia* Ducke et Kunth). Também essa história fala de caçadores, mas os relacionando a uma lenda da mitologia amazônica, a Curupira, que aparece numa relação direta com a árvore, usando-a como prisão para o caçador pelo qual engraçou-se.

> A dona do mato, o sinhô sabe quem é a dona do mato? É a Curupira, quando passa no pé dum Tauari, um grupo que ta caçando... e ela se engraça de um... ela encanta ele... se ele souber ele vai é logo embora.. se ele se encantar ele só sai de lá é com sete dia ou sete ano... se tentar ele roda e volta pro Tauari... mas tem um escape pro sujeito... é só enrolar um cipó... enrola, enrola, enrola e joga no pé do Tauari... enquanto a dona do mato ta desenrolando o cipó... você aproveita e foge... e já se desencantou. (Miguel, Agricultor de Jericó).

Há nessa história um alerta implícito aos caçadores; conhecer as plantas pode garantir a segurança, pois se ele conhece a espécie chamada Tauari e está caçando, muda de rumo e “vai é logo embora...” (Figura 22). De todo modo, é preciso que a árvore de Tauari seja freqüente no local para que a história persista. Não há como ter medo de ser encantado por uma árvore que não existe. Da mesma forma que não pode haver ‘dona do mato’ se não houver mato. Mas o “vai é logo embora”, pode atenuar a pressão sobre a fauna e contribuir para seu equilíbrio ecológico. Imaginemos que se em cada dez expedições para caçada, o caçador se deparasse cinco vezes com um Tauari encantador, e fosse embora, os bichos teriam um ganho, uma sobrevida, de 50%.



Figura 22 – árvore de Tauari (*Couratari oblongifolia* Ducke et Kunth) morta em pé nas proximidades de uma área conservada. A espécie é fonte de história de encantamento na Comunidade Jericó, em Garrafão do Norte, Pará.
Foto: Paulo Vieira.

Verificamos em Jericó, a presença de árvores de Tauri em florestas conservadas. A árvore vista na figura acima estava em meio a uma área não conservada, onde se implantou roçado. Curiosamente a árvore escapou inteira da queimada, entretanto o agricultor Quirino relata que isto se deu num acaso. A queimada não conseguiu consumi-la de todo. O relato dessas histórias causa nos agricultores entrevistados uma visível satisfação; eles esmeram para descrevê-las detalhadamente aos visitantes interessados.

5. 3 Tachi azarento

As espécies conhecidas como Tachi Pitomba (*Tachigali paniculata* Aubl.) e Tachi Branco (*Sclerolobium paraense* Huber), que surgem na história seguinte, são árvores consideradas como causadoras de azar para quem delas fizer uso. No discurso, o Tachi aparece mesmo como uma planta amaldiçoada e que por isso deve-se procurar, no dia-a-dia, manter certa distância dele.

> O tachi [Pitomba e Branco} é uma árvore azarenta... o povo não gosta, e tem muita formiga. Um dia desses eu tirei uma lenha dela mas não queimei não, pinchei[43] fora. Diz-que dá azar, desmantela família, e tudo que não presta, essa madeira... não pode nunca usar ela pra fazer a casa se não vem o azar por causa da madeira... aí ninguém põe tachi dentro de casa, nem perto! Mulher, que é bicho entrevado, não usa nem pra lenha, tem é muito medo do tachi. (Antônio Frosino, Agricultor de Jericó).

No discurso percebe-se uma preocupação por parte do agricultor em evitar o uso da árvore (“Um dia desses eu tirei uma lenha dela mas não queimei não...”), pois ao perceber que se tratava da árvore do azar cuidou logo em pinchá-la fora (Figura 23).

[43] *Pinchar fora* é o equivalente a *Jogar fora, livrar-se* de algo.



Figura 23 – O agricultor Antônio Frosino conversando com um estudante, à beira do igarapé Água Branca, ao término da visita à sua área de floresta conservada na Comunidade Jericó, em Garrafão do Norte, Pará.
Foto: Paulo Vieira.

Segundo nos informou Antônio Quirino, na visita à sua área de floresta, o Tachi serve para ser empregado em construções[44], mas é evitado em Jericó. Considerando a diminuição massiva das florestas no local e a pressão sobre as espécies úteis que ainda restam, não sabemos até que ponto se evita efetivamente o uso da espécie que "...dá azar, desmantela família, e tudo que não presta...". Contudo o informante mostrou, como se percebe na história, bastante aversão ao uso.

[44] Ver detalhes na lista de espécies, Quadro 5.

5. 4 Mãe do Rio

A próxima história é sobre a Mãe do Rio. Nela encontraremos o elemento água, tão vital e delicado para a comunidade, relacionado à morte, não qualquer morte, mas a morte pelo roubo da sombra, ainda na infância.

> Quando ela [a Mãe do rio] se engraça ela leva criança pagã até um ano... ela leva... e fica o corpo, sabe? É que ela leva a sombra... fica só o corpo... e morre, que ninguém vive sem sua sombra, tá certo? Ela fez isso com minha sobrinha, a menina tinha 1 ano, e a Mãe do Rio aqui no Mamorana, levou a sombra da meninazinha, faz 12 ano... mas pra amansar a Mãe d'água é só enterrar um dente de alho na cabeceira dela. (Miguel, Agricultor de Jericó).

Outro autor que muito contribuiu, com suas teorias, encorajando-nos a investir na abordagem do não material foi o americano Clifford Geertz. Em um de seus trabalhos *A Interpretação das Culturas* o autor argumenta que existe uma energia cósmica advinda de aspectos não materiais, formados pelo próprio homem, e que contribui "Não apenas para sua capacidade de compreender o mundo, mas para que, compreendendo-o, dêem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permita suportá-los, soturna ou alegremente..." (GEERTZ, 1989. p. 120).

Podemos verificar no trecho do depoimento de Miguel em que diz "Ela fez isso com minha sobrinha, a menina tinha 1 ano, e a Mãe do Rio aqui no Mamorana, levou a sombra da meninazinha..." certa tristeza e lamentação pela perda da menina (Figura 24).



Figura 24 – O agricultor Miguel conversando, à beira do Rio Mamorana, durante a visita à sua área de floresta conservada na Comunidade Jericó, em Garrafão do Norte, Pará.
Foto: Paulo Vieira.

Ainda para Geertz “O problema do sofrimento é, paradoxalmente, não como evitar o sofrimento mas como sofrer, como fazer da dor física, da perda pessoal da derrota frente ao mundo... algo tolerável, suportável – sofrível, se assim podemos dizer.” (Ibidem, 1989).

Num olhar mais atento poderemos verificar que a ‘Mãe do rio’ é num segundo momento chamada de ‘Mãe d’água’ e num terceiro ela é o próprio rio, a própria água, pois ‘...pra amansar a Mãe d’água é só enterrar um dente de alho na cabeceira dela’, não na cabeceira do rio, mas ‘na cabeceira dela’, ela é o rio, a água, para Miguel.

Água que em nossa leitura é a própria vida. Água sem a qual as famílias não poderiam permanecer vivendo em Jericó. Essa mesma água que tão decisivamente depende das capoeiras, cacaias e pontas de mata para continuar correndo, e garantindo a vida.

5. 5 Música do Barbatimão

Voltando ao agricultor Zé paulista, transcrevemos para cá a letra de uma música feita por ele próprio. Segundo o autor, a canção serve para homenagear a espécie conhecida como Barbatimão (*Maytenus myrsinoides* Reissek).

"Aí moçada
Vocês que são também preservador da natureza
Então eu fiz um comercial pra uma árvore muito importante
Que tem no nosso planeta, aqui na nossa região
que chama Barbatimão!!!
É o quê?

Então, comigo, batendo palma:"

Barbatimão, barbatimão, barbatimão.
É o melhor remédio da região (bis)

Ô meu cumpadre
Me preste bem atenção
O que é que eu vou lhe dizer
Que é pra você aprender
Se seu problema é alguma infecção
Pois tome o chá do barbatimão

Barbatimão, barbatimão, barbatimão.
É o melhor remédio da região (bis)

(trecho recitado)

Ô meu cumpadre
Tome o chá do barbatimão
Não se esqueça que é o melhor remédio da região.

Na letra da música o agricultor declara-se um "preservador" e convida, "...Vocês que são também preservador da natureza...", para uma canção que fala da grandiosidade medicinal de "...uma árvore muito importante / Que tem no nosso planeta..." e que em sua opinião "...É o melhor remédio da região.".

Podemos, mais uma vez, verificar que há preocupações com o destino das florestas. Esse entendimento da terra como lugar onde se deve "Cultivar, habitar, tomar conta, criar e preservar" (NUNES, 2004a, p. 24), é compartilhado no dia-a-dia das famílias de Jericó, onde

um deles fez o alerta, talvez para si mesmo, (“...Não se esqueça que é o melhor remédio...”), pois que a situação de perda da floresta lhes causa incômodo e inquietação.

Em Jericó o homem, vivendo em sociedade, cria seu mundo. Mas, para tanto, a floresta é seu instrumento. É através dela que ele apresenta seu mundo, quando espelha-se nela para se situar e para se pensar a si próprio. Ela aparece, então, como um pretexto para o homem se pensar no mundo. Desta forma, funciona a floresta como um espelho do homem.

Ocasionalmente tivemos a oportunidade de experimentar o valor desse empenho em defesa da floresta, no depoimento da agricultora Maria Celeste que possui apenas meio lote de terra. Seu marido acidentou-se com uma arma de fogo e não pôde mais trabalhar como antes, sente dores de cabeça freqüentes o que dificulta mais ainda a vida da família.

Maria Celeste nos disse apontando, de dentro de sua casa sem paredes, para uma planta jovem e folhosa que balançava no quintal, certamente agradecida pelo vento daquela manhã, “plantei esse pé aí... o senhor conhece? É o falado Barbatimão... nóis usa muito ele de remédio, sabe? Mas tá se acabando nos mato... aí botei no quintal”.

Indagamos a ela se conhecia algum remédio que fosse mais eficaz para tratar seu marido enfermo. Ao que ela respondeu com outra indagação “o senhor já ouviu a cantoria do seu Zé Paulista?”. Rimos juntos, acariciando as folhas da jovem árvore.

Conclusão

Esse trabalho empenhou-se em observar, em Jericó, a relação que as famílias de agricultores mantêm com as capoeiras, cacaias e pontas de mata residual que lá ainda existem. Atentando sempre para o fato de que a vegetação é fator precípuo para a reprodução da vida, em sua plenitude, e que sem ela o bom desempenho sócio-cultural das famílias fica comprometido.

É claro que, sem a floresta, existe ainda a possibilidade de adaptação a partir de uma nova realidade, ou mesmo, de que uma nova perspectiva possa surgir com implementação de técnicas e tecnologias voltadas para a solução dos problemas gerados com o declíno da vegetação, além da possibilidade de mudança de lugar, às vezes até mesmo de região, por parte das famílias. Mas, o que interessou para nós foi observar as conseqüências da perda da vegetação na vida cotidiana de famílias de uma comunidade, Jericó, que luta para construir sua história nessa mesma terra e se empenha para não ter de deixá-la.

É nesse sentido que alegamos ser a perda da vegetação um fator que compromete o bom desempenho sócio-cultural das famílias. Pois que se perde o recurso que garante as construções materiais e não materiais do dia-a-dia de um mesmo povo, em uma mesma terra.

Na comunidade a floresta não é vista apenas como um estoque vegetal que garante as produções agropecuárias. Existem outros aspectos dessa relação *família-floresta* sobre os quais nos debruçamos, na ânsia de atingir alguma compreensão sobre o que essas pessoas estão fazendo de suas vidas.

No início da pesquisa achava-se que já estaria de bom tamanho destacar aqueles produtos da floresta, utilizados pelas famílias no seu dia-a-dia, que não são contabilizados, numa tentativa de ver “algo mais” nessa relação, mas logo percebemos que esse caminho não nos levaria à origem real do sentimento que nos apetecia.

Era preciso observar, além disso, o que eles tinham a exprimir de suas vivências; O que eles acham bonito na floresta? O que nela lhes causa satisfação? Quais suas preocupações quanto ao declínio dessa vegetação? Como fazem, tendo de derrubá-la, para conseguir conservar certos trechos? E como se sentem diante dessas perdas? Enfim, como elas vêem a floresta com seus próprios olhos. O simples fato de atinar para isso, enquanto mirávamos suas vidas, já nos satisfez um bocado.

O esforço para conservar aparece o tempo inteiro contradito pelas práticas do cotidiano; agricultura de corte e queima, fogo descontrolado, instalação de pastagens, e degradação das nascentes, esta em menor escala, são práticas freqüentes. Mas os depoimentos são verdadeiros quanto à preocupação com as florestas e quanto ao sentimento de afeto que declaram pela natureza.

A história de ocupação da área e as formas de utilização da terra geraram esse drama sócio-ambiental, pois não se vê, na opinião dos comunitários, muitas oportunidades palpáveis de melhorias por parte do poder público, seja no que se refere a novas políticas públicas, que lhes dêem melhores condições financeiras, ou a uma assistência técnica presente e eficiente. Entretanto, neste caso, deve-se ter em mente que as práticas e tecnologias não poderiam vir de fora para dentro, pois se recairia na débil mesmice da velha extensão rural brasileira.

Apesar de saberem o efeito danoso das queimadas das florestas sobre suas vidas, essas práticas, culturalmente aprendidas, não lhes parecem absurdas, justamente por serem culturais. Outras práticas menos danosas (que incluam novas tecnologias) lhes seriam bem vindas. Afinal eles conhecem, e podem sentir, os limites da natureza.

Ainda quanto às praticas agrícolas, boa parte das florestas funciona como pousio, mas está não é sua única finalidade. A derrubada, gera outros materiais como lenha, madeiras para construções rurais, madeiras para estacas, cavacos, cipós entre outros. Constatamos que a quantidade e qualidade dos materiais extraídos com a derrubada declinam em relação direta

com o encurtamento do tempo de pousio. Este é acentuado pela pouca disponibilidade de terra por parte das famílias.

As famílias se esforçam para livrar algumas áreas da derrubada, por sentirem necessidade de ter ao menos um trecho de floresta em pé para fins diversos, inclusive os não materiais. Geralmente se consegue conservar pequenos fragmentos de capoeiras mais velhas, cacaias e pontas de mata, na maioria das vezes nas proximidades dos rios e igarapés. Essas áreas estão livres dos roçados, já que as plantações não são estabelecidas em beiras de rios, e ao mesmo tempo protegem esses rios, córregos e nascentes de Jericó. Considerando que as propriedades, em sua grande maioria, são cruzadas por rios e que igarapés existem com freqüência, acaba-se gerando uma situação favorável à conservação desses trechos (Figura 25).

As quatro áreas de floresta visitadas na prática de *visita às florestas em companhia dos agricultores,* propositalmente escolhidas, uma na entrada, duas no centro e outra na saída da comunidade, ainda não eram por nós conhecidas antes das visitas. Nos pareceu curioso constatar ao fim dessas visitas que todas as quatro áreas possuíam rios ou igarapé, ou os dois, correndo em seu interior, em todos os casos devidamente protegidos por pontas de mata, cacaias ou capoeiras velhas.

Nas outras entrevistas eram sempre os entrevistados que começavam a falar sobre água, antes mesmo de serem perguntados se possuíam ou não rios ou igarapés em suas terras. O maior valor da terra depende da presença de rios ou igarapés dentro do lote. Nada tem isso de incomum, afinal uma terra sem fonte natural de água nessa região, em qualquer situação, parece menos interessante.

Mas quando se pensa em Jericó, e suas massacradas florestas, deve-se atentar para o fato de que as melhores florestas da comunidade (melhores em termos de diversidade, as pontas de mata, cacaias e capoeiras mais velhas) estão, em sua grande maioria, situadas à beira

desses rios e igarapés. As famílias sabem que desmatando essas matas ciliares, as águas ficam desprotegidas e perdem a qualidade, pois já se vê isso acontecendo em alguns lotes. Pensando na proteção da água, recurso tão vital, protegesse também a floresta, não menos vital.

As matas desses trechos sobrevivem em função dos rios e igarapés que sempre protegeram e que as protegem pelo fato de correrem em seu interior. Conhecemos a expressão ‘sem água não há vida’. Em Jericó, concluímos que se pode usar uma outra, que em nada contradiz a anterior, mas a situa na realidade local; ‘sem água não há pontas de mata, cacaias e capoeiras velhas’.

O fato de se ter uma maior dedicação em não derrubar essa áreas, gera a possibilidade de usá-las em pé. Produtos como remédios, cipós, frutos e até mesmo algumas árvores, para usos que não exigem muita matéria prima, como a manutenção de uma cerca ou a construção de um chiqueiro, são utilizados no dia-a-dia. A maioria desses produtos só é encontrada nessas áreas. O cuidado em só extrair o necessário, vem arraigado, neste caso, ao cuidado com o rio ou igarapé, às vezes bem ao alcance dos olhos de quem lá está retirando algum desses produtos, com os pés estancados sobre a terra úmida, escura e cheia de raízes intumescidas.



Figura 25 – Paisagem típica na Comunidade Jericó, em Garrafão do Norte, Pará. Pai e filho no centro de mais um roçado de milho e mandioca recém estabelecido após a queima de uma capoeira. Mais abaixo se vê uma cacaia conservada, ao fundo outros roçados e pastagens. Pelo centro dessa cacaia, e em toda sua extensão, protegido corre o igarapé Água Branca.
Foto: Paulo Vieira.

Resolvemos utilizar a fotografia acima na abertura deste trabalho por considerá-la portadora de uma síntese da realidade local. Esta fotografia nos levou a conclusões importantes sobre a atual situação da relação *família – floresta* em Jericó. Se nos fosse solicitado que apresentasse em uma só imagem nosso mais relevante resultado, sem dúvida seria essa foto, que abriga os fatores principais discutidos neste trabalho, por isso o iniciamos e, praticamente, encerramos com ela.

Sob os pés do agricultor e de seu filho, e por mais uns 50 metros ao fundo, está um roçado recém implantado. Pode-se ver alguns pés de milho, e os pés de mandioca, todos muito jovens. Os tocos pretos denunciam a queimada, prática comum e freqüente. Os restos de madeira pelo meio do roçado servirão de carvão. As cinzas geradas por essa prática ainda

proporcionarão mais dois roçados com produção relativamente boa, depois virá o declínio, e a busca de novas áreas.

Ao fundo da fotografia, a paisagem é outra, vê-se um pasto estabelecido, mas sem o gado, ali já não há lugar para floresta. A pequena quantidade de gado na comunidade não cresce, contudo, o crescimento de pastos se explica pela falta de outra opção para a terra cansada. Isso é ainda mais forte do que a idéia de implantação de pasto como benfeitoria para valorizar a terra antes de vendê-la, pois o preço da terra coberta de pasto é muito inferior ao da terra coberta com floresta, mesmo que seja capoeira, nessas áreas.

Ao meio da mesma fotografia, está uma divisão natural entre essas duas fases descritas acima, uma cacaia conservada. E sua conservação deve-se ao rio Água Branca que passa bem ao meio de sua largura, que é de aproximadamente 100 metros[45]. A qualidade da água ainda é boa e ainda se pesca no local.

Vários produtos como, frutos, cipós, remédios, algumas varas e até algumas caças são encontrados nessa área, que é considerada pelo proprietário a mais importante área do seu lote. Para ele o único trecho através do qual poderá mostrar a seus filhos como a mata foi um dia, lhes ensinando sobre as plantas que conhece e suas histórias.

Como se pode perceber, ou melhor, ver, o recurso fotográfico foi de grande valia para nossa abordagem, muitas informações foram coletadas nas fotografias. Por termos nos ocupado do minucioso detalhamento de algumas atividades e produtos fabricados pelas famílias a partir de recursos florestais, os registros passaram a reforçar nossos argumentos, apesar da baixa qualidade técnica da maioria das fotos[46]. Conseguimos enquadrar muitas informações úteis sobre o cotidiano das famílias. A não apropriação desse recurso resultaria em perda de muitas informações que completaram e/ou legitimaram os discursos empíricos.

---

[45] Na fotografia a faixa de cacaia pode parecer mais estreita, pelo motivo de estar situada em uma área de baixada, mas a cruzamos a pé e avaliamos em aproximadamente 100 metros sua largura.

[46]A primeira máquina utilizada gerava fotografias um tanto opacas. Uma nova máquina só foi por nós adquirida na última viagem de campo, quando fizemos as fotografias mais nítidas, presentes neste trabalho.

O empréstimo de recursos, para o qual não há devolução, acontece a partir da solidariedade. Aquelas famílias cujos lotes estão em melhor situação (menos degradados) auxiliam seus parentes e/ou amigos emprestando terra para implantação de roçado, e concedendo alguns materiais oriundos de suas florestas, sendo que dentre eles o principal produto emprestado é a lenha, indispensável no preparo das refeições.

Concluímos através dos depoimentos que essa solidariedade tem um certo limite, ou certas normas. Enquanto a produção do proprietário do lote não ficar comprometida pelo empréstimo, ele continua emprestando áreas, nunca muito grandes, e que são em geral as menos produtivas, as capoeiras mais jovens do lote. A preocupação do proprietário é, em primeiro lugar, com a reprodução social do seu próprio grupo familiar, o auxílio aos visinhos ou parentes necessitados, a solidariedade, aparece em segundo plano: ‘Farinha pouca, meu pirão primeiro’, por nós já concluía um dos entrevistados.

Verificamos também que os depoimentos que aparecem no transcurso de todo o texto, complementando nossa escrita, além de serem vozes de conhecimento empírico trazidas para dentro da nossa voz, de investigador acadêmico, e talvez por isso, nos impeliram a trilhar, com maior segurança, os bosques dessa aventura cotidiana, que é a vida em Jericó.

As plantas medicinais nativas da floresta são conhecidas e utilizadas pela comunidade. O domínio desses conhecimentos se gera a partir de sua relação cotidiana mais aproximada da natureza. Ao declinarem as florestas, muitos desses produtos medicinais passaram a desaparecer e a utilização de remédio comprado nas farmácias aumentou. Entretanto, o conhecimento é preservado e repassado no dia-a-dia através da convivência entre os moradores que, mesmo em menor escala, claramente devido ao declínio, ainda recorrem aos produtos medicinais florestais.

As famílias mantêm com a floresta uma relação que tem como referência a produção de um imaginário em que se destacam aspectos afetivos, e também uma consciência ecológica

do homem como defensor da natureza, mesmo que sua situação de vida o afaste, por muitas vezes, de seu papel, existe uma sincera preocupação e necessidade de conservar seu mundo e de garantir sua estabilidade. Assim, qualquer tentativa externa de contribuição, visando 'melhorar' essa relação *família-floresta*, estará fadada ao insucesso, se não levar em conta o fato de que somente elas conhecem plenamente suas próprias vidas, e que seu cotidiano segue uma lógica particular e complexa demais para ser bem entendidas através de um olhar meramente utilitário.

Abordar aspectos materiais dessa relação, como a utilização de produtos florestais no cotidiano, e aspectos não materiais, como as histórias poéticas igualmente originadas na floresta, foi uma tentativa de conhecer um pouco mais a fundo seu cotidiano, que não está direcionado apenas a interesses materiais. A floresta sempre foi o manancial de suas vidas, do qual sempre fizeram uso. Isso é evidente, mas não elimina, ao contrário reafirma, seus valores socialmente compartilhados, seus mitos e suas crendices, que constituem o arcabouço de sua cultura.

Essa observação das histórias relacionando *homem-fauna-flora-água* nos levou a contemplar a força poética, o *estro*, dessas vivências. Poetas são engenheiros de realidades, vivem num sonho, e em oposição ao que se pensa, tentam transformar o sonho em uma realidade bela, e não o contrário.

Pensávamos que os depoimentos mais poéticos seriam apenas os que se referiam às histórias, lendas, mitos, canções. Mas em todos os depoimentos, fossem eles tratando da casa, do roçado, da família, da história de chegada, da casa de farinha e sua constituição, dos vizinhos, das criações de quintal, dos rios e igarapés etc, concluímos que há um irrestrito fundo poético de *estro* sedutor.

Considerar esses aspectos da relação *família-floresta* é uma forma de reverência à *natura*. Reverência aqui devidamente registrada, para que não se perca de vista a história de

uma comunidade simples, Jericó, que conserva, como todas as outras comunidades dessa região, e tenta conciliar, contradições, em seu dia-a-dia. Assim, numa contrapartida afetiva, Jericó nos proporcionou belas metáforas, com graça e simplicidade comum somente à boa poesia, levando-nos a fazer a prazerosa leitura de seu cordel cotidiano, e sem ponto final.

Referências Bibliográficas

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado.** Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo, Editora Paulus. p. 15 – 41. 1985.

BLAKE, William. **Poesia e Prosa Selecionadas.** São Paulo. Editora Nova Alexandria. Edição Bilíngüe. Tradução de Paulo Visioli. 115p. 1993.

BOSERUP, E. **Evolução Agrária e Pressão Demográfica.** São Paulo. Editoras Hucitec / Polis, p. 6 -141. Estudos Rurais. 1987.

CARVALHO, V. R. V. de. Inovação, diversidade cultural e sociedade: uma análise multifatorial das mudanças em Capitão Poço. In: COSTA, F. de A. (Org.). **Agricultura Familiar em transformação no Nordeste Paraense:** O Caso Eloqüente de Capitão Poço. Belém. NAEA/UFPa, 2000. 272p. Cap. 2. p. 55 – 95.

CAYRES, G. M. Vieira. **Nazarenos e Marias do Rio Capim:** Análise de gênero em uma comunidade amazônica. Belém: NAEA / Ufpa, 1999. Dissertação (Mestrado).

COSTA, Francisco de Assis. **Racionalidade Camponesa e Sustentabilidade.** Belém. NAEA / Ufpa, 1994. 39p. (Paper do NAEA, 29).

EUFRÁSIO, M. Gonçalves e FIGUEREDO, M. A. P. C. **Garrafão do Norte: sua gente... sua história... ocorrências.** Bauru, São Paulo. Document Center. Universidade do Sagrado Coração. s.d. p. 95.

FERNANDES, F.; LUFT, C. P.; GUIMARÃES, F. M. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** São Paulo. 1993. 720 p. Editora Globo. Publicado por O LIBERAL.

FERREIRA, C.A.P.; CARVALHO, R. de A.; FERREIRA, M. do S.; SMITH, J.; KOPP, P.V.de. **Caracterização socioeconômica dos pequenos produtores rurais no nordeste paraense.** Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2000. Documentos.

FROST JR, S. E. **Ensinamentos Básicos dos Grandes Filósofos:** Uma introdução à filosofia. São Paulo. Editora Cultrix. 274p. 1968.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de janeiro. Editora Guanabara Koogan S.A.323p.1989.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local:** Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa. EDITORA VOZES**.** Petrópolis, Rio de Janeiro. 366p. 2000.

GUERRA, G. A. D. **Ecologia Cabocla.** Revista Pará Desenvolvimento. Edição Especial. Amazônia Eco-visões. junho, 1992. p. 85 – 88.

GUERRA, G. A. Diniz e ANGELO - MENEZES, M. de N. Do Conceito de Fertilidade ao de Sustentabilidade. **Novos cadernos do NAEA**; Belém, v. 2; n. 2. dezembro de 1999. p. 139 - 157.

GUERRA, G. A. Diniz. **O posseiro da fronteira:** campesinato e sindicalismo no Sudeste Paraense. Belém. NAEA / Ufpa. 2001. p. 169. Originalmente apresentado como dissertação do autor (Mestrado – NAEA / Ufpa, 1991).

LALANDE, Endré. **Vocabulaire de la philosophie.** Société Française de Philosophie. Technique et Critique. Paris. Presses Universitaires de France, 1951.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos.** São Paulo. Brasil. Editora ANHEMBI Limitada. 1957. p. 444.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem.** Campinas, São Paulo. Papirus Editora. Brasil. 1989. p. 323.

LOCKE, John. **Some considerations on the consequences of the lowering of interest.** Works, ed. Londres. Vol. II, 1977. p. 28.

MARSH, R.; HERNÁNDEZ, I.. Avances Investigación – el palpel del huerto caseiro tradicional en la economía del hogar: casos de Honduras y Nicaragua. **Agroflоresteria en las Américas,** V. 3, n. 9, 1996. p. 8 – 16.

MARTINS, J. S. (Org.).**Henri Lefevre e o retorno à dialética.** São Paulo: HUCITEC, 1996.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política.** O processo de Produção do Capital. Livro 1. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. V. 1. 2002. p. 57 – 58.

MEDINA, Gabriel**.** A Vida Dirige o Rio: Cem Anos de Ocupação Cabocla e Extrativismo Madeireiro no Alto Capim. in: **Agricultura Familiar**: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento. Vol. 1, número 4, Belém, No prelo. Apresentado inicialmente como dissertação de mestrado NEAF/UFPA. 2003.

MENEZES, Antônio C. J. E. A de. **Análise da "Produção Invisível" nos Estabelecimentos Agrícolas Familiares no Projeto de Assentamento Agroextrativista Praialta e Piranheira, Município de Nova Ipixuna, Pará.** Belém, 2002, p. 130. Dissertação (Mestrado). NEAF/UFPA.

MONTEIRO, R. **Biodiversidade da Amazônia e Mercados Locais.** Belém – PA. NAEA/UFPA, 283p. (Tese de doutorado), 2003.

MORA, J. Ferrater. **Diccionario de Filosofia Atlante.** México. D. F. Editorial Atlante; S. A. 1944. p. 452 – 452.

MOURÃO, Leila. **Memória da Indústria Paraense.** Belém, Federação das indústrias do Pará. SESI / SENAI / IDEPAR / I. E. L. 1989.

NEVES, D. P. **Lavradores e Pequenos Produtores de Cana.** Estudo das formas de subordinação dos pequenos produtores agrícolas ao capital. Rio de Janeiro: Editores Zahar, 1981. (Coleção AGRICULTURA E SOCIEDADE).

NUNES, Benedito. **Casa, praça, jardim e quintal.** Recife. 1994. 346p. Cap. 6: Ciência & Trópico. Revista Semestral.Volume 22. Número 2, jul/dez, p. 255 - 266.

NUNES, Benedito. **Um Conceito de Cultura.** Belém, Pará. Documentos Culturais, 2. p. 24. Conselho Estadual de Cultura, setembro, 2004a.

NUNES, Benedito. **Heidegger & Ser e Tempo.** Filosofia Passo – a Passo, 6. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 59 p. 2 Ed. 2004b.

PARÁ. Coordenadoria de Comunicação Social do Governo. **Município de Garrafão do Norte.** Disponível em <http://www.pa.gov.br/conhecaopara/garrafaodonorte1.asp.>. Acesso em: 18 de abr. 2004. Texto reproduzido das pesquisas do extinto IDESP.

PENTEADO, A. R. **Problemas de Colonização e Uso da Terra na Região Bragantina do Estado do Pará.** Belém: UFPA, 1967. (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo).

PESSOA, J. de M. **Cotidiano e história:** para falar de camponeses ocupantes. Goiânia: ed. UFG, 1997. (Coleções Quíron, Séries Agros, n. 2).

PRETTY. J.; GUIJT, I.; THOMPSON, J.; SCOONES, I.. **Participatory learning and action:** atrainer's guide. Londres: International institute for environment and development, 267 p.1995.

QUIVY, R. e CHAPENHOUDT. **Manual de Investigação em Ciências Sociais.** Lisboa. Gradiva, 1988.

SANTANA, Antônio C. de. **A Competitividade Sistêmica das Empresas de Madeira da Região Norte.** Belém. Faculdade de Ciências Agrárias do Pará – FCAP. 2002. 304 p.

SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia (1800 – 1920).** São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SHIFT. **Studies on Human Impact on Forests and Floodplains in the Tropics. Summaries of lectures and posters presented at the II SHIFT** - Workshop. Cuiabá. Univ. Fed. Mato Grosso, july 10-14, 235 p.1995.

SMITH, J; FERREIRA, S.; KOP, P. van de; FERREIRA, C.P. SABOGAL, C. **Cobertura Florestal secundária em Pequenas Propriedades Rurais na Amazônia:** Implicações Para a Agricultura de Corte e queima. Belém: Embrapa Amazônia Oriental. Documento número 51. 2000.

SMITH, J; FERREIRA, S.; KOP, P. van de; FERREIRA, C.P. SABOGAL, C. **The persistence of secondary forests on colonist farms in the Brazilian Amazon.** *Agroforestry Systems*, n. 58, 2003. p. 125-135.

VIEIRA, P. R.; OLIVEIRA, L. C. de; e FERREIRA, M. do S. Fitissociologia e Potencial de Uso, por Pequenos Agricultores, de duas Florestas Secundárias no Nordeste Paraense. In: Simpósio Internacional da Iufro. Manejo Integrado de Florestas Úmidas Neotropicais por Indústrias e comunidades. Aplicando resultados de pesquisa, envolvendo atores e definindo políticas públicas. Belém. Brasil. **Anais...** p. 351 – 358. 2002.

VILAR, R. R. L. **O Investimento na Agricultura Camponesa como Fundamento de Eficientização Reprodutiva da Unidade Familiar:** o caso das trajetórias de complexificação dos sistemas de produção em Capitão Poço**.** Belém: NAEA/UFPA, (Dissertação de Mestrado).1997.

ANEXOS

Anexo A – Quadro com viagens de campo realizadas ao Município de Garrafão do Norte, Pará, em 2004 e 2005 para coleta de dados de uma pesquisa de mestrado, perfazendo um total de 5 viagens.

VIAGEM	PERIODO
Primeira viagem para reunião	09.02 a 12.02.2004
Segunda viagem de campo para levantamento de histórico, na sede do município e na comunidade; início de algumas entrevistas informais.	31.05 a 05.06.2004
Terceira viagem de campo para aplicação das fichas de campo para as 50 famílias.	09.07 a 16.07.2004
Quarta viagem de campo para levantamento, com aparelho de GPS, de pontos de localização para confecção de mapas, visitas às capoeiras, registros fotográficos e complemento de entrevistas.	10.11 a 20.11.2004
Quinta viagem de campo para solucionar dúvidas, coletar material botânico, realizar visitas e o que ocorrer.	15.02 a 21.02.2005

Anexo B – Ficha de Campo aplicada a cada uma das cinqüenta famílias entrevistadas na comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. Gerando dados sobre: tamanhos dos lotes, famílias com e sem terra, quantidades de vegetação nos lotes, conhecimentos sobre a vegetação e informações gerais.

LEVANTAMENTO POR FAMÍLIA **Entrevista N^0_____**

Nome do chefe da família_____
Localização do lote (mora?)_____
Área total (Ha)_____

USO DA ÁREA

Área de capoeira até 5 anos_____
Área de capoeira com mais de 5 anos_____
Área de capoeira conservada (idade)_____

Por que conserva esta capoeira?

O que tem nas capoeiras?

Nome da planta/animal	Para que serve?	Quem identificou (posição)

Elaboração: Gutemberg A. Diniz Guerra e Paulo Vieira

Anexo C – Ficha de Campo aplicada para todas as cinqüenta famílias entrevistadas na comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. Gerando dados sobre: Tipos de produções agrícolas e perenes, situação da pecuária e criações de quintal.

Número da família	*TIPOS DE PRODUÇÕES*			
	Agrícolas espécies cultivadas (hectares)	**Perenes espécies cultivadas (hectares)**	**Pecuária núm. de cabeças (hectares)**	**Criação de quintal espécies e quantidade**
1				
2				
3				
4				

1 Alqueire = 4,8 Hectares; 1 Hectare = 10000 m^2 ; 1 Tarefa = 3200 m^2 ; 1 Hectare 3,2 Tarefas
Elaboração: Gutemberg A. Diniz Guerra e Paulo Vieira

Anexo D – Ficha de Campo aplicada a cada uma das cinqüenta famílias entrevistadas na comunidade Jericó, Garrafão do Norte, Pará. Gerando dados sobre: composição da família, escolaridade, ocupação e parentesco.

Composição da Família em Jericó **Nº_____**

Nome	sexo	idade	escolaridade	ocupação	parentesco

Elaboração: Gutemberg A. Diniz Guerra e Paulo Vieira

Anexo E – Lista com nome científico das espécies perenes encontradas em Jericó, Município de Garrafão do Norte, Pará, em áreas de famílias de agricultores. Cinqüenta famílias entrevistadas de um total de setenta e quatro.

Goiaba	*Psidium guajava* L.
Coco	*Cocos nucifera* L.
Ajirú	*Chysobalanus icaco* L.
Ingá	*Inga edulis* Mart.
Manga	*Mangifera indica* L.
Acerola	*Malpighia glabra* L.
Jambo	*Eugenia sp.*
Caju	*Anacardium orcidentale* L.
Limão	*Citrus aurantifolia* Swing. var. taiti
Abacate	*Persea americana* Mill.
Pimenta do reino	*Piper nigrum*
Laranja	*Citrus sinensis* Osbeck
Pupunha	*Bactrys gasipaes*
Açaí	*Euterpe oleraceae*
Banana	*Musa X paradigiaca* L.
Muruci	*Byrsonima crassifolia* (L.)
Mamão	*Carica papaya* L.
Tangerina	*Citrus aurantium X reticulata* var. murcote
Maracujá	*Passiflora sp.*
Jaca	*Artocarpus integrifolia* L.f.
Graviola	*Anona muricato* L.
Ameixa	*Flacoutia Jargomas* Steud.